



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
FARROUPILHA
CAMPUS JAGUARI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA**

LILIAN MORIM PRATES

**EQUIDADE DE GÊNERO NOS CURSOS INTEGRADOS DA EPT:
ABORDAGENS E PRÁTICAS EDUCATIVAS**

Jaguari

2024

LILIAN MORIM PRATES

**EQUIDADE DE GÊNERO NOS CURSOS INTEGRADOS DA EPT:
ABORDAGENS E PRÁTICAS EDUCATIVAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo campus Jaguari do Instituto Federal Farroupilha, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica

Orientador: Prof. Dr. Vantoir Roberto Brancher
Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Claudia de Oliveira da Silva

Jaguari
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Instituto Federal Farroupilha - Campus Panambi

P912e Prates, Lilian Morim
Equidade de gênero nos cursos integrados da EPT : abordagens e
práticas educativas / Lilian Morim Prates. - Jaguari, 2024.
195 f. : il.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em
Educação Profissional e Tecnológica, Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia Farroupilha, 2024.

Orientador: Vantoir Roberto Brancher

Coorientadora: Ana Claudia de Oliveira da Silva

1. Currículo integrado. 2. Gênero. 3. Feminismo. I. Brancher, Vantoir
Roberto, orient. II. Silva, Ana Claudia de oliveira da, coorient. III. Título.

CDU: 371.214



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO,
CIÊNCIA E TECNOLOGIA**
Autarquia criada pela Lei nº 11.892 de 29 de Dezembro de 2008



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

PROFEPT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

LILIAN MORIM PRATES

**EQUIDADE DE GÊNERO NOS CURSOS INTEGRADOS DA EPT:
ABORDAGENS E PRÁTICAS EDUCATIVAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo campus Jaguari do Instituto Federal Farroupilha, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica

Aprovado em 19 de dezembro de 2024

COMISSÃO EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



VANTOIR ROBERTO BRANCHER
Data: 16/01/2025 10:40:41-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Vantoir Roberto Brancher
Instituto Federal Farroupilha
Orientador

Documento assinado digitalmente



ANA CLAUDIA DE OLIVEIRA DA SILVA
Data: 16/01/2025 10:16:37-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Ana Claudia de Oliveira da Silva
Instituto Federal Farroupilha
Co-orientadora

Documento assinado digitalmente



RICARDO ANTONIO RODRIGUES
Data: 15/01/2025 13:15:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^o Dr.^o Ricardo Antonio Rodrigues
Instituto Federal Farroupilha

Documento assinado digitalmente



GUSTAVO DE OLIVEIRA DUARTE
Data: 16/01/2025 09:28:02-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^o Dr.^o Gustavo de Oliveira Duarte
Universidade Federal de Santa Maria



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO,
CIÊNCIA E TECNOLOGIA**
Autarquia criada pela Lei nº 11.892 de 29 de Dezembro de 2008



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

PROFECT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

LILIAN MORIM PRATES

**CICLOS FORMATIVOS GÊNERO E FEMINISMO NA EPT:
DISCUSSÕES NECESSÁRIAS**

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica, ofertado pelo Instituto Federal Farroupilha, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica

Aprovado em 19 de dezembro de 2024

COMISSÃO EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **VANTOIR ROBERTO BRANCHER**
Data: 16/01/2025 10:40:41-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Vantoir Roberto Brancher
Instituto Federal Farroupilha
Orientador

Documento assinado digitalmente
 **ANA CLAUDIA DE OLIVEIRA DA SILVA**
Data: 16/01/2025 10:16:37-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr^a Ana Claudia de Oliveira da Silva
Instituto Federal Farroupilha
Co-orientadora

Documento assinado digitalmente
 **RICARDO ANTONIO RODRIGUES**
Data: 15/01/2025 13:13:42-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^o Dr.^o Ricardo Antonio Rodrigues
Instituto Federal Farroupilha

Documento assinado digitalmente
 **GUSTAVO DE OLIVEIRA DUARTE**
Data: 16/01/2025 09:34:31-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^o Dr.^o Gustavo de Oliveira Duarte
Universidade Federal de Santa Maria

À todas as mulheres que vieram antes de mim, desbravando caminhos através da luta e resistência. Continuemos!

AGRADECIMENTOS

Aos meus maiores amores, meus filhos, minhas forças, por entenderem as minhas ausências e me incentivarem a continuar. É por nós.

Às minhas estrelas, que de outro plano iluminam e guiam o meu caminho.

À minha família por ser a minha base e para onde eu corro, em especial à minha mãe por me apoiar, ser o meu suporte e a minha 1ª inspiração de mulher.

Ao meu namorado por todo carinho, paciência e palavras de incentivo.

Às minhas amigas que me puxaram muitas vezes de volta para o caminho.

Ao meu Orientador Vantoir Brancher e à minha Coorientadora Ana Cláudia de Oliveira, pela compreensão. A ajuda de vocês foi fundamental para mim e não existem palavras que expressem minha gratidão.

À Professora Taniamara que sempre esteve disposta a auxiliar.

Ao IFFAR, campus Jaguari, especialmente às professoras e aos professores do PROFEPT por compartilharem conhecimentos e a todas as pessoas que fazem esse Programa acontecer.

À minha banca de avaliação, a esses mestres que compartilharam seu conhecimento comigo, muito obrigada por tanto.

Às alunas que dispuseram do seu tempo em participarem da pesquisa, foram essenciais para essa pesquisa.

Às minhas queridas e aos meus queridos colegas, a 5ª turma do PROFEPT, pelo companheirismo, risos, trocas e aprendizados compartilhados.

À todas as mulheres que passaram pela minha vida e me inspiraram de alguma forma, influenciando minha trajetória.

me levanto
sobre o sacrifício
de um milhão de mulheres que vieram antes
e penso
o que é que eu faço
para tornar essa montanha mais alta
para que as mulheres que vierem depois de mim
possam ver além
– legado

Rupi Kaur

RESUMO

As mulheres sempre se insurgiram na busca por equidade, desafiando os princípios instituídos por uma dominação patriarcal e relações de poder. Nesse sistema, as relações de gênero são estruturadas de forma hierárquica, perpetuando as desigualdades, reforçando estereótipos e limitando o pleno exercício de direitos das mulheres. Os cursos integrados desempenham um papel fundamental na transformação do sujeito social, buscando através da educação promover a reflexão crítica e a transformação social. A pedagogia histórico-crítica salienta o papel histórico-político-social da educação, compreendendo como mediação no âmago da prática social (SAVIANI, 2013). Este estudo se aproxima da temática gênero, suas abordagens e práticas educativas, levando a refletir sobre as singularidades que permeiam os contextos das experiências dos alunos dos cursos integrados da EPT e suas implicações na sociedade. A pesquisa procurou responder ao questionamento: “Como as questões de gênero estão sendo abordadas nos cursos integrados do IFFarroupilha - campus Jaguari?” Este estudo objetivou analisar de que modo as questões de gênero estão sendo abordadas nos cursos integrados da EPT. De forma mais específica, a pesquisa objetivou mapear a produção científica sobre gênero e feminismo na EPT; compreender como e se têm sido abordadas as questões de gênero nos cursos integrados do IFFar - Campus Jaguari; conhecer as representações estudantis dos cursos integrados sobre gênero na EPT; Elaborar uma ferramenta de apoio a partir das necessidades e dos interesses apontados pelos próprios estudantes da EPT, de forma que esse instrumento venha a ser utilizado para embasamento de ações educativas. Esta pesquisa está inserida no Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT), na Linha de pesquisa 1: Práticas Educativas em Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Nos apoiamos sobre os pressupostos de uma metodologia de cunho qualitativo, trabalhando com alunas maiores de idade do Ensino Médio Integrado (IFFAR - Campus Jaguari), utilizando entrevistas semiestruturadas como forma de coleta/construção de dados. A análise dos dados (BARDIN, 2011) foi realizada através da análise de conteúdo. O produto educacional elaborado neste estudo são Rodas de Conversa intituladas “Ciclos Formativos Gênero e Feminismo na EPT: Discussões necessárias”. Os dados revelam que existe a necessidade de uma conscientização sobre equidade de gênero, a partir de reflexões mais abrangentes. Também demonstraram existir representação na instituição em que fazem parte, abordando que os núcleos existentes nela ajudam na promoção do debate sobre representatividade, mas que falta um aprofundamento sobre as questões de gênero. Assim, debater sobre gênero fomenta a compreensão e o questionamento sobre as desigualdades históricas e estruturais, incentivando a consciência crítica e promovendo a construção de novos caminhos e escolhas para uma sociedade mais justa, inclusiva e equitativa.

Palavras-chave: Gênero. Feminismo. Currículo Integrado.

ABSTRACT

Women have always pushed for equality, challenging the principles established by patriarchal domination and power relations. In this system, gender relations are structured hierarchically, perpetuating inequalities, reinforcing stereotypes and limiting the full exercise of women's rights. Integrated courses play a fundamental role in the transformation of the social subject, seeking through education to promote critical reflection and social transformation. Historical-critical pedagogy emphasizes the historical-political-social role of education, understanding it as a mediation at the heart of social practice (SAVIANI, 2013). This study approaches the subject of gender, its approaches and educational practices, leading us to reflect on the singularities that permeate the contexts of the experiences of students on integrated EFA courses and their implications for society. The research sought to answer the question: "How are gender issues being addressed in the integrated courses at IFFarroupilha - Jaguari campus?" This study aimed to analyze how gender issues are being addressed in integrated EFA courses. More specifically, the research aimed to map scientific production on gender and feminism in EFA; to understand how and if gender issues have been addressed in the integrated courses at IFFar - Jaguari Campus; to understand the student representations of the integrated courses on gender in EFA; to develop a support tool based on the interests and needs pointed out by the EFA students themselves, so that this tool can be used to support educational actions. This research is part of the Graduate Program in Professional and Technological Education (PROFEPT), in Research Line 1: Educational Practices in Professional and Technological Education (EPT). We relied on the assumptions of a qualitative methodology, working with older students from the Integrated High School (IFFAR - Campus Jaguari), using semi-structured interviews as a way of collecting/constructing data. The data was analyzed using content analysis (BARDIN, 2011). The educational product developed in this study are Conversation Circles entitled "Gender and Feminism Training Cycles in EFA: Necessary Discussions". The data shows that there is a need to raise awareness about gender equality, based on broader reflections. They also showed that there is representation in the institution they are part of, saying that the existing nuclei help to promote the debate on representation, but that there is a lack of depth on gender issues. Thus, discussing gender fosters understanding and questioning of historical and structural inequalities, encouraging critical awareness and promoting the construction of new paths and choices for a fairer, more inclusive and equitable society.

Keywords: Gender. Feminism. Integrated Curriculum.

LISTA DE FIGURAS

ARTIGO 2

Imagem 1.....	92
Imagem 2.....	92
Imagem 3.....	92

ARTIGO 3

Imagem 1.....	105
Imagem 2.....	105
Imagem 3.....	106

ARTIGO 4

Figura 1 - Convite enviado para as entrevistadas.....	129
Figura 2: Convite da 1ª Roda de Conversa.....	132
Figura 3: Convite da 2ª Roda de Conversa.....	135

LISTA DE QUADROS

TEXTO

Quadro 1 - Perfil das participantes da pesquisa.....	52
Quadro 2 - Síntese dos momentos das entrevistas.....	56

ARTIGO 1

Quadro 1 - Critérios para triagem de documentos da Revisão de Literatura.....	64
Quadro 2 - Resultado da busca nos bancos de dados.....	67
Quadro 3 - Produções selecionadas para descrição.....	68

ARTIGO 2

Quadro 1 - Personalidades e suas lutas e conquistas.....	89
Quadro 2: Imagens utilizadas na entrevista.....	92
Quadro 3: Poesias utilizadas na entrevista.....	92

ARTIGO 3

Quadro 1 - Imagens e poesias utilizadas na entrevista.....	105
Quadro 2 - Personalidades e suas lutas e conquistas.....	108

LISTA DE TABELAS

ARTIGO 1

Tabela 1 - Produções encontradas e produções selecionadas para este estudo..... 67

ARTIGO 4

Tabela 1: Letra da música..... 130

Tabela 2: Convidadas para a 1ª Roda de Conversa..... 131

Tabela 3: Convidadas para a 2ª Roda de Conversa..... 133

LISTA DE GRÁFICOS

ARTIGO 1

Gráfico 1 - Resultados das bibliotecas pesquisadas.....	66
---	----

ARTIGO 4

Gráfico 1: Status Mesa 1.....	136
Gráfico 2: Status Mesa 2.....	137
Gráfico 3: Expectativas Mesa 1.....	138
Gráfico 4: Expectativas Mesa 2.....	138
Gráfico 5: Satisfação evento 1.....	139
Gráfico 6: Satisfação evento 2.....	139
Gráfico 7: Satisfação Mesa 1.....	140
Gráfico 8: Satisfação Mesa 2.....	140
Gráfico 9: Conteúdo e linguagem Mesa 1.....	141
Gráfico 10: Conteúdo e linguagem Mesa 2.....	141
Gráfico 11: Questões de gênero Mesa 1.....	142
Gráfico 12: Questões de gênero Mesa 2.....	142
Gráfico 13: Recomendação Mesa 1.....	143
Gráfico 14: Recomendação Mesa 2.....	143
Gráfico 15: Conhecimento Mesa 1.....	144
Gráfico 16: Conhecimento Mesa 2.....	144
Gráfico 17: Mediação Mesa 1.....	145
Gráfico 18: Mediação Mesa 2.....	145

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAA	Centro de Ações Afirmativas
CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CAI	Coordenação de Ações Inclusivas
CAFE	Comunidade Acadêmica Federada
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAPNE	Coordenação de Atendimento a Pessoas com Necessidades Específicas
CEFET	Centros Federais de Educação Tecnológica
CEP	Comitê de Ética na Pesquisa
CONEP	Comissão Nacional de Ética na Pesquisa
EBPT	Educação Básica Profissional e Tecnológica
EPT	Educação Profissional e Tecnológica
EUA	Estados Unidos da América
IFs	Institutos Federais
IFFar	Instituto Federal Farroupilha
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgênero
MEC	Ministério da Educação
NEABI	Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas
NUGEDIS	Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
PPG	Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
PROEN	Pró-Reitoria de Ensino
PROFEPT	Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional
SCIELO	Scientific Electronic Library Online

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAA	Centro de Ações Afirmativas
CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CAI	Coordenação de Ações Inclusivas
CAFE	Comunidade Acadêmica Federada
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAPNE	Coordenação de Atendimento a Pessoas com Necessidades Específicas
CEFET	Centros Federais de Educação Tecnológica
SETEC	Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
TC	Termo de Confidencialidade
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	16
1 INTRODUÇÃO.....	20
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	24
2.1 CURRÍCULO INTEGRADO.....	24
2.2 PRÁTICAS EDUCATIVAS.....	26
2.3 FEMINISMO.....	32
2.3.1 Primeira onda do Feminismo.....	33
2.3.2 Segunda onda do Feminismo.....	36
2.3.3 Terceira onda do Feminismo.....	38
2.3.4 Quarta onda do Feminismo.....	39
2.4 GÊNERO.....	39
2.5 REPRESENTAÇÕES.....	44
3 METODOLOGIA.....	49
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	49
3.2 CONTEXTO DA INVESTIGAÇÃO.....	50
3.2.1 Critério de Inclusão.....	51
3.2.2 Critérios de Exclusão.....	53
3.3 PROCEDIMENTO DE COLETA.....	53
3.3.1 Entrevista Semiestruturada.....	53
3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE.....	57
3.5 QUESTÕES ÉTICAS.....	57
3.6 DESPESAS E DANOS.....	58
3.7 RISCOS.....	58
3.8 BENEFÍCIOS.....	58
3.9 RESULTADOS ESPERADOS.....	59
3.10 PRODUTO EDUCACIONAL.....	60
3.11 ARTIGOS INTEGRADOS.....	60
4 ANÁLISE DE INTERLOCUÇÕES DE DADOS.....	61
4.1 EQUIDADE DE GÊNERO NOS CURSOS INTEGRADOS DA EPT: ABORDAGENS E PRÁTICAS EDUCATIVAS.....	61
4.2 AS PRÁTICAS EDUCATIVAS DOS CURSOS INTEGRADOS DO IFFAR - CAMPUS JAGUARI: NARRATIVAS DE GÊNERO VIVENCIADAS POR ALUNAS.....	84
4.3 REPRESENTAÇÕES ESTUDANTIS SOBRE GÊNERO NOS CURSOS INTEGRADOS DA EPT.....	101
4.4 CICLOS FORMATIVOS GÊNERO E FEMINISMO NA EPT: DISCUSSÕES NECESSÁRIAS.....	125
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	149

REFERÊNCIAS.....	152
ANEXO 1 - CARTA DE ANUÊNCIA.....	158
ANEXO 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	162
ANEXO 3 - TERMO DE CONFIDENCIALIDADE (TC).....	169
ANEXO 4 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	171
APÊNDICE 1 - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS.....	176
APÊNDICE 2 - CONVITE E LINK DAS RODAS DE CONVERSA.....	182
APÊNDICE 3 - FORMULÁRIOS USADO NA VALIDAÇÃO.....	184
APÊNDICE 4 - COMPROVANTES DE SUBMISSÃO DE ARTIGOS.....	192

APRESENTAÇÃO

Esta dissertação aborda sobre o tema equidade de gênero. Portanto, torna-se importante salientar que, ao longo da história, as mulheres eram frequentemente silenciadas por estruturas opressoras em nossa sociedade. Diante disso, elas se insurgiram contra estas condições, lutando por liberdade, dignidade e reconhecimento de seus direitos, enfrentando a dominação patriarcal.

Sendo assim, no século XIX, surgiu o movimento feminista, momento em que as mulheres começaram a se organizar coletivamente para reivindicar seus direitos e promover mudanças sociais. Este movimento foi marcado por diversas ondas, que foram uma forma de categorizar a evolução histórica do movimento feminista, dividindo-o em períodos ou fases, cada um com contextos e pautas específicas. Essa classificação ajuda a compreender como as lutas e demandas das mulheres se transformaram ao longo do tempo, de acordo com os desafios sociais e culturais de cada época.

Foi a partir da 2ª onda do feminismo que surgiu o termo gênero, proposto para entender as diferenças entre homens e mulheres como construções sociais e culturais, e não como determinismos biológicos. O termo gênero surgiu como parte de uma mudança nos paradigmas feministas, ampliando e redefinindo conceitos tradicionais. Ele passou a incluir as experiências das mulheres na história, tornando-se uma categoria fundamental de análise. (Scott, 1995).

Essa perspectiva ampliou o debate sobre desigualdades de gênero e suas origens na sociedade, visto que o feminismo é mais que um movimento, é uma força transformadora que busca ressignificar essas relações, promovendo a reflexão sobre a equidade de gênero. Esta reflexão é essencial, pois ele integra a subjetividade humana e revela a necessidade de desconstruir padrões impostos, combatendo preconceitos e promovendo mudanças sociais.

É fundamental compreender que os contextos sociais moldam nossa construção como indivíduos. A cultura em que vivemos ainda define o masculino e o feminino por meio de características rígidas e padronizadas, criadas histórica e culturalmente. Faz estabelecer uma binariedade de gênero, impondo uma série de funções e regras, além de diferentes formas de ser e agir, baseadas nas necessidades sociais. Essa divisão transforma o fato natural de ser homem ou

mulher em significações sociais, ligadas à construção das significações imaginárias que caracterizam a sociedade, segundo Castoriadis (1982).

Ao refletir sobre a instituição da sociedade e suas normas, observa-se que as relações históricas entre os indivíduos estão fundamentadas em um sistema patriarcal que reconhece apenas os gêneros masculino e feminino. Essa estrutura histórica torna complexo o processo de desconstruir e criar novas representações de gênero.

É fundamental ponderar sobre a equidade de gênero e as diversas formas de ser homem ou mulher, reconhecendo que nenhuma dessas possibilidades deve ser valorizada em detrimento da outra, e que as diferenças não precisam resultar em desigualdade. Nossa sociedade impõe um padrão reducionista, o que deve ser desconstruído. Para promover mudanças, é necessário ressignificar as imposições sociais e reconstruir as significações que moldam nossas relações.

Nesta perspectiva, ao raciocinar sobre essa temática, busquei compreender a minha trajetória como mulher. Fiquei me questionando sobre o porquê eu decidi pesquisar sobre gênero, também o porquê estou transitando por esses diálogos e teorias, assim como sobre o propósito desta pesquisa para a minha vida. Segundo Saffioti (2004), ninguém escolhe seu tema de pesquisa, mas é escolhido por ele. Acredito, pois sempre julguei que foi a pesquisa que me encontrou.

Nestes questionamentos, percebi que na verdade eu estou procurando trazer para a minha vida todas essas mulheres que lutaram e enfrentaram desafios significativos, reconhecer suas potências, suas contribuições e valorizar as conquistas que temos hoje. Quero considerar minha ancestralidade, as mulheres da minha família, assim como outras figuras femininas que desempenharam papéis importantes na minha vida e que moldaram quem eu sou.

Em toda a minha vida, desde as primeiras lembranças que tenho, sempre fui uma observadora da vida, principalmente das dinâmicas das relações sociais. Na minha infância, sempre fui defensora das maldades e opressões. Eu praticava a empatia e sentia dor dos outros. Nessas oportunidades, em meus debates exacerbados, eu queria que refletissem sobre seus atos, pois acreditava na mudança das pessoas e do mundo. Mas eu era sozinha e queria entender o porquê. Tornei-me uma percustradora em busca de respostas e também de sentido para o que ocorria.

Sempre presenciei as mulheres da minha vida precisando lutar para serem respeitadas. Viver numa sociedade machista e preconceituosa traz sofrimento para as mulheres. Eu sentia essa dor, mesmo criança, pois era filha de pais divorciados. Sentia a dor da minha mãe pelos preconceitos e situações que ela vivenciava por ser separada, das minhas tias por elas serem homossexuais, da minha avó materna por ter uma família fora dos padrões, da minha avó paterna por ter sido mãe solteira em 1954, de uma tia de coração por contar que foi convidada a se retirar de um clube por ser afrodescendente. Eu sentia muito.

Na minha época, fazer faculdade não era algo fácil, ainda mais para uma menina pobre que morava em uma cidade do interior. Mas esse era meu sonho, pois sempre amei ler e estudar. Com muita luta, minha mãe conseguiu ser nomeada em um concurso público em Santa Maria e nos mudamos para lá. Foi em Santa Maria que minhas perspectivas ampliaram.

Durante o meu Ensino Médio, veio ao mundo uma das minhas forças, meu primeiro filho. Foi quando senti diretamente na minha pele o que era preconceito. E que fique claro, o pai do meu filho não sofreu preconceito, eu sofri preconceito, minha mãe sofreu preconceito, por sermos mulheres. Mas continuei minha caminhada. Constituímos família, e recebi mais uma força, meu segundo filho. Na luta, fui seguindo e buscando o meu lugar ao Sol.

Nunca me conformei com os preceitos traçados pela dominação patriarcal, pois eu não atendia a eles. Eu era livre, não podia me limitar a ser subjugada apenas por ser mulher. Eu podia estar onde eu quisesse. Podia fazer o que eu quisesse. Mas precisava aprender a ser eu em meio ao machismo que me sondava. Assim, continuei minha busca por respostas.

Fiz o curso Técnico em Informática, mas queria mais. Então consegui fazer a faculdade de Pedagogia, que me trouxe um vasto conhecimento e uma paixão ainda maior pelo estudo. A faculdade expandiu meus horizontes. Enquanto cursava, fiz parte de um grupo de estudos sobre gênero e diversidade sexual, fazendo eu ter mais vontade de trabalhar com esses temas.

Fui nomeada em um concurso público e comecei a ministrar aulas. Encontrei no magistério um espaço para transformar minhas reflexões em ação, pois aprendi que a educação é um campo poderoso para compartilhar ideias e incentivar novas formas de pensar. Na sala de aula acontece troca e crescimento mútuos, que estimulam o pensamento crítico, a empatia e a equidade.

Comecei a ter sonhos maiores, de fazer um mestrado. Enquanto tentava passar, fiz especialização em Gestão Educacional, em Supervisão Escolar e em Orientação Educacional. Fui aluna especial do Mestrado em Educação da UFSM, tentei passar na prova do mestrado, mas não passei na entrevista porque não poderia deixar de trabalhar o tanto que trabalhava e precisava na época.

Então abriu o PROFEPT em Jaguari e eu consegui, fui chamada no Mestrado, meu grande sonho. Ao pedir para o professor Vantoir Roberto Brancher para ser meu orientador, eu já tinha ideia da temática que eu escolheria, pois foi sempre a temática da minha vida, a qual sempre lutei e que sempre me instigou. A princípio, escolhi a temática gênero e diversidade sexual. Mas devido a algumas adversidades que passei em minha vida, pelo fator tempo, precisei reduzir o tema apenas para gênero.

Pretendo continuar a pesquisar sobre esta temática e prosseguir nesta árdua luta por respeito e liberdade, defendendo os direitos das mulheres, os meus direitos de mulher. Quero compreender a luta das mulheres que antecederam a minha existência, fortalecendo o meu próprio compromisso com esta ideologia. Cada passo que darei para a continuidade dessa batalha, através das minhas experiências e de todas que estiveram aqui antes de mim, podem ajudar a moldar um futuro melhor, um futuro onde todas que vierem depois possam escrever suas histórias dentro de uma sociedade equitativa.

1 INTRODUÇÃO

Ao abordar a temática gênero, somos levados a debater sobre as singularidades que permeiam os contextos das experiências dos humanos, e aqui, em especial dos alunos e suas implicações. Sobre gênero, Felipe (2004) conceitua:

[...] gênero está relacionado fundamentalmente aos significados que são atribuídos a ambos os sexos em diferentes sociedades. Homens e mulheres, meninos e meninas constituem-se mergulhados nas instâncias sociais em um processo de caráter dinâmico e contínuo. Questões como sexualidade, geração, classe, raça, etnia, religião também estão imbricadas na construção das relações de gênero. (p. 33).

Nesta perspectiva, a construção do respeito à equidade de gênero acontece na experiência do cotidiano, levando em consideração os contextos em que o aluno é inserido. Na perspectiva deweyana, a experiência está ligada intrinsecamente com interação, num processo de troca e transformação, que acontece na exposição do sujeito com o conhecimento, sendo a própria natureza se conhecendo, pois o ser humano é inerente a ela, inseparável. Desta forma, a experiência “não é uma combinação do espírito com o mundo, do sujeito com o objeto, do método com a matéria, e sim uma única interação contínua de grande diversidade de energias”. (Dewey, 1979, p. 184)

Nesse processo, os professores se tornam determinantes na construção dessas experiências, compreendendo e lidando com questões importantes da condição humana, como a equidade de gênero, e que precisam ser refletidas e ressignificadas. Sendo assim:

É no dia a dia comum, nas ações rotineiras e aparentemente banais, que a escola produz e reproduz os sujeitos nas suas diversidades e desigualdades. É também nesses espaços cotidianos que os sujeitos constroem suas respostas, suas resistências e adesões, fazendo-se a si mesmos. (Louro, 2002, p. 128).

Desta forma, a questão que se pretendem abordar está direcionadas para elementos que permeiam a equidade de gênero, numa perspectiva de construção de significados através dos contextos em que o sujeito está inserido, particularmente o contexto dos cursos integrados do IFFar (campus Jaguari), a partir dos cursos Técnico em Administração Integrado, Técnico em Agricultura Integrado e Técnico

em Sistemas de Energia Renovável. Assim, a escola é mantida como importante condutor de sentidos no diálogo sobre gênero, pois são questões que ainda precisam ser debatidas.

Portanto, nesta pesquisa, de abordagem qualitativa, cujo tema central é gênero, pretendemos responder ao questionamento: **“Como as questões de gênero estão sendo abordadas nos cursos integrados do IFFarroupilha?”**

Sobre o objetivo das pesquisas é importante afirmar que, além de sentido, elas necessitam oferecer aprendizagem aos pesquisadores. André (2001) retrata sua aflição sobre os rumos das pesquisas em educação, tanto quando se refere ao tipo de formação dos pesquisadores e o tempo de formação dos mesmos:

Se, para alguns, a pesquisa objetiva a geração de conhecimentos (novos?) gerais, organizados, válidos e transmissíveis, para outros, ela busca o questionamento sistemático, crítico e criativo. Se alguns centram sua atenção no processo de desenvolvimento da pesquisa e no tipo de conhecimento que está sendo gerado, outros se preocupam mais com os achados das pesquisas, sua aplicabilidade ou sua utilidade social. (André, 2001, p. 55)

É preciso também mencionar que para haver uma aprendizagem significativa, precisamos estar abertos a aprender e, principalmente, a ter bons mestres e orientadores que nos façam compreender o que apenas nossos olhos não veriam sozinhos. Para Rodrigues (2008, p.4) “Seu orientador deve indicar quais as melhores estradas para chegar ao seu destino, mas quem escolhe o destino é você.”

Sendo assim, é necessário referir sobre o aprofundamento da aprendizagem sobre conhecimento popular e científico. É muito importante estabelecer essa base antes pensada em forma de senso comum. E é motivador ver que nossa cultura está mudando para melhor, trazendo saberes populares tão importantes quanto os saberes científicos.

Sobre isso, Ramos e Ramos (2018) inferem:

Boaventura inconformado com a ciência moderna, defendeu que a universidade pública precisa ser o espaço-tempo de uma ecologia de saberes. A ecologia dos saberes, segundo ele é “como se fosse uma extensão ao contrário: não é levar o conhecimento da universidade para fora, mas identificar, valorizar e agregar conhecimentos que já circulam fora dos limites acadêmicos”. (p. 20)

A partir da pesquisa e discussões sobre gênero, entende-se que estas podem contribuir para ampliar o entendimento e reflexão sobre questões relevantes. Questões que ajudem a construir uma cultura mais equitativa e com mais respeito em nossa sociedade.

A educação tem um papel muito importante como propulsor da sociedade. É ela que transforma a nossa realidade social, devendo ser responsável pela formação de pensamentos críticos, assim como pela formação humana de pessoas que sejam capazes de modificar o mundo em algo melhor. Portanto, discutir sobre gênero em espaços de formação faz com que aconteçam outros caminhos, escolhas e possibilidades que promovam o respeito à equidade de gênero.

Sabemos que os cursos integrados do IFFar buscam, através da educação, possibilitar a formação integral do aluno, tendo um compromisso na transformação do sujeito social. Assim, na busca de como a questão de gênero está sendo abordada nos cursos integrados do IFFar e as implicações que o contexto em que os alunos estão inseridos trazem, principalmente nas situações que permeiam a escola, é que motivaram a realização dessa pesquisa. Neste ínterim, as dúvidas e anseios ganharam espaço tentando visualizar os significados da escola nessa construção. Sobre a relevância da escola, Moreno (1999) pontua que:

A escola tem marcada uma dupla função: a formação intelectual e a formação social dos indivíduos, ou seja, seu adestramento nos próprios modelos culturais. Porém, caso se limite a isto, terá feito um pequeno favor à sociedade. Sua missão pode ser muito diferente. Em lugar de ensinar o que os outros pensaram, pode ensinar a pensar; em lugar de ensinar a obedecer, pode ensinar a questionar, a buscar os porquês de cada coisa, a iniciar novos caminhos, novas formas de interpretar o mundo e de organizá-lo. (p. 17).

Nesta perspectiva, as escolas se tornam promotoras de consciências críticas e desenvolvimento da consciência humana, ajudando no combate às desigualdades, mediante discussões pautadas na realidade em que vivemos, em busca da conscientização sobre a equidade de gênero.

Assim, deve-se entender que esta temática é relevante enquanto possibilita ampliar as reflexões acerca da ligação de fatores que se entrelaçam na constituição do respeito à equidade de gênero. Com isso, é preciso expandir o horizonte de compreensão em torno dos fatores que envolvem essa construção, como também perceber como esse tema está sendo discutido na atualidade e como está sendo abordado nos currículos integrados do IFFar.

Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender de que modo as questões de gênero estão sendo abordadas nos cursos integrados da EPT e como objetivos específicos mapear a produção científica sobre gênero e feminismo na EPT; compreender como e se tem sido abordada a questão de gênero nos cursos integrados do IFFar - Campus Jaguari; conhecer as representações estudantis dos cursos integrados sobre gênero na EPT; elaborar uma ferramenta de apoio a partir das necessidades e dos interesses apontados pelos próprios estudantes da EPT, de forma que esse instrumento venha a ser utilizado para embasamento de ações educativas.

A partir do exposto acima, delineou-se o seguinte problema para a pesquisa:
Como as questões de gênero estão sendo abordadas nos cursos integrados do IFFarroupilha?

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 CURRÍCULO INTEGRADO

É importante mencionar que os cursos integrados têm um papel fundamental na transformação do sujeito social, buscando através da educação promover a formação integral do aluno. Como se refere Mészáros (2008, p. 25) “as práticas educacionais da sociedade devem cumprir suas vitais e historicamente importantes funções de mudanças”, por meio de abordagens e discussões.

Sendo assim, a educação pode contribuir para promover a equidade, quebrar estigmas e evitar casos de violência. Para isso é preciso criar uma discussão que é muito latente, ou seja, discutir sobre os papéis do masculino e feminino, equidade de gênero e de onde vem toda essa concepção sobre eles. Por consequência, abordar a concepção dos jovens, abrangendo assuntos sobre seus corpos, suas dúvidas e anseios.

Silva (1999) aborda que o currículo tem a intenção de modificar os seres que irão se beneficiar dele, fazendo eles se tornarem um tipo de ser humano desejável para um certo tipo de sociedade. Segundo ele, o currículo é além de identidade, também conhecimento, de poder, pois selecionam o tipo de conhecimento a ser adquirido.

Nesta perspectiva, entende-se que o currículo deve ser orientado a partir de objetivos a serem atingidos, como fazer para alcançar esses objetivos, como organizar essas experiências e como saber se esses objetivos estão sendo atingidos.

Sendo assim, mais do que definir diretrizes a serem trabalhadas pelos professores em sala de aula, o currículo também é uma construção histórica e cultural que sofreu muitas alterações no decorrer do tempo.

Desta forma, entende-se que somente com um currículo baseado em mecanismos que atendam aos conhecimentos necessários a uma participação consciente das pessoas poderá acontecer uma aprendizagem significativa para os alunos e, conseqüentemente, uma transformação positiva na sociedade.

A ideia de um ensino integral baseado numa educação pautada na busca pelo conhecimento do aluno se torna fundamental para uma educação

comprometida com o desenvolvimento e construtiva ao longo de toda a vida, trazendo mudanças significativas para a sociedade.

Considerando que a escola é utilizada através do currículo com uma finalidade para definir a sociedade a partir dos diferentes interesses vigentes, a reforma do Ensino Médio veio para dar continuidade a essa realidade, se tornando uma reforma que, mais uma vez, se submete apenas às pretensões da sociedade econômica, deixando a classe trabalhadora de lado. Silva (1999, p.90) menciona que “a igualdade não se obtém simplesmente através da igualdade de acesso ao currículo hegemônico”.

Necessitamos de mudanças substanciais no currículo, que busquem ter responsabilidade social com a educação e com a sociedade, contribuindo com a formação integral dos sujeitos para poderem atuar como agentes de transformação da nossa sociedade. Assim, a educação se tornando protagonista no desenvolvimento de uma sociedade crítica e nesse processo educativo, o professor assumindo uma atitude problematizadora e mediadora, redefinindo os objetivos educacionais, visando formar outros tipos de sujeitos.

Torna-se importante refletir que o currículo é vital na superação das desigualdades sociais e na busca por igualdade de direitos. Através dele questões que antes não eram abordadas, agora estão sendo problematizadas dentro do currículo. Silva (1999) comenta que o currículo pode proporcionar uma mudança de significação na sociedade.

Feitas essas considerações, admite-se a importância de um currículo que vise o melhor para o conhecimento e desenvolvimento pleno do sujeito frente ao cenário educacional em que está vivenciando. Somente assim poderemos transformar nossa sociedade positivamente, mudando paradigmas, exigindo que os poderes públicos sigam com a educação visando melhorias para uma sociedade mais justa e igualitária.

Moura (2008) menciona sobre uma sociedade em que o ser humano pode se centrar numa racionalidade ética, buscando uma sociedade mais justa, se constituindo em ser mais participativo, questionador, crítico e solidário. Assim, se tornando um ser que não se submete às pretensões da sociedade econômica. Nesta perspectiva, ele entende que a Educação Profissional e Tecnológica tem responsabilidade social com seus formandos e com a sociedade, contribuindo com a formação integral desses sujeitos para poderem atuar como agentes de

transformação da nossa sociedade. A educação torna-se protagonista no desenvolvimento de uma sociedade e, nesse processo educativo, o professor deve assumir uma atitude problematizadora e mediadora.

Paula Junior (2012), reitera que o trabalho do professor necessita ser refletido conforme o momento e com a realidade em que está inserido, buscando uma compreensão crítica de sua prática pedagógica.

Dentro deste contexto, torna-se importante refletir sobre o papel do professor na transformação do sujeito, sobre suas práticas educativas, para construir sujeitos autônomos e reflexivos. O professor deve objetivar em sua prática o desenvolvimento crítico dos estudantes para se tornarem transformadores da sociedade em que estão inseridos.

2.2 PRÁTICAS EDUCATIVAS

Ao debater sobre as práticas educativas, podemos defini-las como ações ordenadas e planejadas com a intenção de concretizar os processos de ensino e aprendizagem, visando transformar o mundo social. Segundo Zabala (1998, p. 16) “a prática é algo fluido, fugidio, difícil de limitar com coordenadas simples e, além do mais, complexa, já que nela se expressam múltiplos fatores, ideias, valores, hábitos pedagógicos, etc.”

Ainda segundo Zabala (1998):

Os próprios efeitos educativos dependem da interação complexa de todos os fatores que se inter-relacionam nas situações de ensino: tipo de atividade metodológica, aspectos materiais da situação, estilo do professor, relações sociais, conteúdos culturais, etc. (p. 15).

Ao abordar sobre a relação das práticas educativas com as possíveis transformações na sociedade, torna-se importante mencionar que o conhecimento acumulado pela cultura social necessita ser considerado como processo formativo imprescindível à prática do ser humano, se transformando em fenômeno social e universal fundamental à existência de todas as sociedades.

Para Charlot (2014):

Nascendo inacabado, o recém-nascido humaniza-se por encontrar um mundo humano que o antecedeu. Dessa forma, a educação é, ao mesmo tempo e indissociavelmente, um processo de autoconstrução e um processo

de apropriação de um patrimônio, um movimento de dentro (a criança educa-se) e de fora (a criança é educada. (p. 81)

A educação, então, é entendida como prática educativa e engloba os processos formativos que ocorrem no meio social. Para Libâneo (1994, p. 17), através da ação educativa “o meio social exerce influência sobre os indivíduos e estes, ao assimilarem e recriarem essas influências, tornam-se capazes de estabelecer uma relação ativa e transformadora em relação ao meio social”. Na sequência, ainda o autor supracitado também dialoga que, “tais influências se manifestam mediante conhecimentos, experiências, valores, crenças, modos de agir, técnicas e costumes acumulados por muitas gerações de indivíduos e grupos, transmitidos, assimilados e recriados, pelas novas gerações”. (Libâneo, 1994, p. 17)

Sob esta perspectiva, Libâneo (1994) infere, ainda, que a sala de aula se torna um espaço apropriado para acontecer a educação. Um ambiente social diversificado em que alunos e professores se encontram regularmente para trocar informações, tornando a prática educativa uma ação consciente, intencional e planejada no processo de formação humana.

Para corroborar com essa ideia, Vasconcellos (1993) discorre que:

[...] a sala de aula é o lugar em que há uma reunião de seres pensantes que compartilham ideias, trocam experiências, contam histórias, enfrentam desafios, rompem com o velho, buscam o novo, enfim, há pessoas que trazem e carregam consigo saberes cotidianos que foram internalizados durante sua trajetória de vida, saberes esses que precisam ser rompidos para dar lugar a novos saberes. (p. 35).

Sendo assim, acredita-se que a escola é um lugar em que acontece a educação através das práticas educativas, se tornando um ambiente privilegiado, pois insere o indivíduo num contexto social, transmitindo a ele práticas sociais que o definem e significam. Neste contexto, os professores se tornam mediadores do conhecimento, exigentes em refletir a cada dia sobre sua prática. Segundo Zabala (1998, p.13) “um dos objetivos de qualquer bom profissional consiste em ser cada vez mais competente em seu ofício” e isto se consegue com o conhecimento e a experiência. Nesta perspectiva, Freire (1996, p. 21) comenta que “A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer.”

Portanto, é possível pensar que o professor, através da educação, é um instrumento que pode ser usado para a transformação da sociedade, formando assim novas gerações capazes de ultrapassar o sistema, o senso comum e formar pessoas conscientes, reflexivas, capazes de se posicionar criticamente no mundo, de maneira que tragam mudanças significativas para a sociedade.

Nesse contexto, Saviani (2009) conclui:

[...] a passagem do senso comum à consciência é condição necessária para situar a educação numa perspectiva revolucionária. Com efeito, é essa a única maneira de convertê-la em instrumento que possibilite aos membros das camadas populares a passagem da condição de “classe em si” para a condição de “classe para si”. Ora, sem a formação da consciência de classe não existe organização e sem organização não é possível a transformação revolucionária da sociedade. (p. 7)

Para revolucionar essa estrutura, a educação se torna uma ferramenta fundamental e o professor uma peça importante nessa dinâmica, podendo usar a sua prática para fazer a diferença na construção do senso crítico dos alunos. Necessário comentar que nessa sua prática, esse professor transita entre os paradigmas e teorias da educação, seja pela imposição do próprio sistema educacional, seja pela sua própria maneira de planejamento, estabelecendo uma dicotomia de paradigmas na relação ensino/aprendizagem.

Freire (1987) comenta que:

A liderança revolucionária, comprometida com as massas oprimidas, tem um compromisso com a liberdade. E, precisamente porque o seu compromisso é com as massas oprimidas para que se libertem, não pode pretender conquistá-las, mas conseguir sua adesão para a libertação. (p.104)

Nesta perspectiva, se faz necessário buscar uma educação que faça o sujeito refletir sobre o mundo em que está inserido, o fazendo entender que ele tem um papel atuante e transformador da sua realidade. Assim, o papel dos professores se torna fundamental nesta dinâmica, abrindo, através de sua prática, a possibilidade de levar uma educação revolucionária.

Na pedagogia histórico-crítica (Saviani, 2013), salienta o papel histórico-político-social da educação, debatendo que os indivíduos precisam da escola para ter acesso ao conhecimento culto, erudito, ao saber organizado, sistematizado. Segundo esta tendência, a educação é compreendida como

mediação no âmago da prática social. A prática social põe-se, portanto, como ponto de partida e o ponto de chegada da prática educativa. Segundo o autor:

[...] o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo. (Saviani, 2013, p.13).

Nessa concepção, para o conhecimento chegar ao aluno, é preciso adaptar o conteúdo a cada singularidade, usando uma mescla de paradigmas e epistemologias, tentando aliar novas perspectivas na construção de aprendizagens significativas e transformadoras. Para Zabala (1998, p. 28), “Educar quer dizer formar cidadãos e cidadãs, que não estão parcelados em compartimentos estanques, em capacidades isoladas.”

Portanto, torna-se importante que o professor respeite a singularidade de cada um, agregando conhecimento, buscando abranger a todos de maneiras diversas.

Segundo Marques (1992):

Para além, ou para mais fundo do que costumamos denominar pressupostos filosóficos, científicos ou técnicos, para além dos modelos e teorias que decididamente esposamos, torna-se imperioso repensar a educação nos seus paradigmas, entendidos estes como as estruturas mais gerais e radicais do pensamento e da ação educativa. (p. 547)

Sendo assim, a prática docente pautada na busca pelo conhecimento do aluno se torna fundamental para uma educação comprometida com o desenvolvimento e construtiva ao longo de toda a vida, trazendo mudanças significativas para a sociedade. Diante disso:

Quando o professor é desafiado a atuar numa nova visão, em relação ao processo de ensino e de aprendizagem, poderá encontrar dificuldades - inclusive pessoais - de se colocar numa diferenciada ação docente: geralmente essa dificuldade se inicia pela própria compreensão da necessidade de ruptura com o tradicional repasse. (Anastasiou; Alves, 2009, p.71).

É difícil buscar mudanças quando se vivenciou uma cultura organizacional e pessoal mais rígida, de paradigmas ultrapassados. Romper com esses conceitos se

torna entender a busca por novas práticas, visando o desenvolvimento do aluno, assim como novas maneiras de instituir uma sociedade mais justa.

Tornar-se um professor que busca construir um aluno reflexivo, é estar se reinventando a cada dia, sempre objetivando a transformação da sociedade. O professor precisa estar atento à singularidade do momento e do sujeito para perpetrar uma educação renovadora e significativa, que conceba sujeitos críticos e atuantes em nosso mundo.

É importante inferir que a escola está inserida em uma sociedade, em um contexto social e nesse sentido ela não se torna neutra. Segundo Vygotsky, “[...] o bom ensino é o que se adianta ao desenvolvimento” (1998, p. 117), deixando claro o importante papel da escola na construção do conhecimento acumulado historicamente pela sociedade.

Sobre isso, Ausubel, Novak e Hanesian (1980, p. 4) acrescentam que “o fator isolado mais importante que influencia a aprendizagem é aquilo que o aprendiz já sabe. Averigue isso e ensine-o de acordo.” Diante desse contexto, Carrara (2009) pondera que é válido afirmar que as instituições educacionais possuem uma missão formadora de pessoas dotadas de criticidade, cientes de seu papel enquanto sujeitos sociais, e esse fato é independente de gênero ou orientação sexual, para que esses mesmos possam se posicionar com equilíbrio em um mundo de diferenças, para a construção de uma sociedade livre de preconceitos.

Apesar de vivenciar o senso comum, muitos professores não o reproduzem, tentando quebrar paradigmas em suas práticas educativas e pensar no indivíduo na totalidade e não apenas compartimentados, buscando alternativas e tendências mais significativas de levar ao aluno a construção do conhecimento.

Para Libâneo (1992):

É necessário esclarecer que as tendências não aparecem em sua forma pura, nem sempre, são mutuamente exclusivas, nem conseguem captar toda a riqueza da prática escolar. São, aliás, as limitações de qualquer tentativa de classificação. De qualquer modo, a classificação e descrição das tendências poderão funcionar como instrumento de análise para o professor avaliar sua prática de sala de aula. (p. 4)

Desta forma, é importante mencionar que muitos desafios são postos na atualidade do cenário educacional e os professores necessitam a todo instante refletir sobre a sua prática, estando aberto a mudanças, visando o melhor

desenvolvimento do aluno. É necessário repensar os paradigmas da educação de maneira que o docente seja um agente mediador e transformador da realidade do aluno, construindo saberes científicos:

O trabalho do professor na contemporaneidade está cada dia mais contraditório. Os professores precisam se reinventar, mas sem vistas a nenhuma mudança no cenário educacional. O mundo em que vivemos está se modernizando, mas a escola continua a mesma. Assim, o professor transita entre as teorias de aprendizagem, apresentando uma dicotomia em sua prática docente. Reconstruir a educação que responda às exigências dos tempos atuais não significa o abandono do passado, o esquecimento da tradição, mas uma releitura dela à luz do presente que temos e do futuro que queremos, uma hermenêutica que parta do pressuposto de que nenhuma tradição se esgota em si mesma, bem como nenhuma é dona original de seu próprio sentido. Requer a dialética da história que se superem os caminhos andados, mas refazendo-os. Reconstruir não significa ignorar o passado que, na cultura e em cada homem, continua presente e ativo, vivo e operante, mas impõe que nele penetrem e atuem novas formas que o transformem e o introduzam na novidade de outro momento histórico e outros lugares sociais. (Marques, 1992, p. 549)

Nessa concepção, para o conhecimento chegar ao aluno, é preciso adaptar o conteúdo a cada singularidade, usando uma mescla de paradigmas e epistemologias, tentando aliar novas perspectivas. O professor deve respeitar a diversidade e a singularidade de cada um, agregando conhecimento, buscando abranger a todos de maneiras diversas.

Ainda conforme Marques:

Para além, ou para mais fundo do que costumamos denominar pressupostos filosóficos, científicos ou técnicos, para além dos modelos e teorias que decididamente esposamos, torna-se imperioso repensar a educação nos seus paradigmas, entendidos estes como as estruturas mais gerais e radicais do pensamento e da ação educativa. (1992, p. 547)

Sendo assim, a prática docente pautada na busca pelo conhecimento do aluno se torna fundamental para uma educação comprometida com o desenvolvimento e construtiva ao longo de toda a vida, trazendo mudanças significativas para a sociedade.

Torna-se importante refletir sobre a prática docente e sobre a significância da função da escola, recuperando o próprio sentido do papel do professor. Este tem o dever de construir e edificar conhecimento, baseados na autonomia intelectual e crítica do aluno, ressignificando e agindo no mundo em que vive.

Para isso, os professores devem incluir a crítica epistemológica em suas práticas profissionais, repensando seu papel social e sua ação como agente transformador, pensando e refletindo sobre suas metodologias.

Incorporando um comportamento crítico e reflexivo continuamente em suas ações, o professor não será um mero reprodutor de tendências e metodologias epistemológicas sem significado, que não mais atendem às necessidades contemporâneas, mas será um instrumento de ações educativas construtivas, um agente transformador da sociedade em que vivemos.

2.3 FEMINISMO

No decorrer do tempo, sempre existiram mulheres que se insurgiam contra as condições em que se encontravam, lutando por sua liberdade e tentando encontrar o seu lugar na sociedade. Muitas perderam suas vidas desafiando os princípios instituídos por uma dominação patriarcal, sendo caladas por uma estrutura opressora.

Desta forma, o Movimento Feminista aconteceu em diversos países ao longo da história, marcando a luta das mulheres por sua libertação, reivindicando a equidade de gênero e o reconhecimento dos seus direitos na sociedade. O termo Feminismo só começou a ser usado nos EUA em 1911, substituindo outros termos que utilizavam para reconhecer esse movimento. O Feminismo é classificado em ondas ou fases, sendo dividido por seu contexto histórico e suas pautas principais.

Na 1ª onda, aparecem várias vertentes feministas. O feminismo liberal surgiu com a Revolução Francesa, que também trazia os ideais liberais. Nesta onda, o movimento busca a igualdade ao homem, sem mudar a estrutura e surge o movimento feminista marxista.

Na 2ª onda apareceu o feminismo radical, como sinônimo de origem e não extremismo. Busca compreender qual é a origem da opressão que se dá contra a mulher e lutar contra essa origem. Nesta onda, lutam por uma mudança de estrutura, em que a mulher possa escrever sua própria história e não necessariamente ser igual aos homens.

Na 3ª onda, surge o feminismo negro que vem a partir de reflexões em que as demandas das mulheres negras várias vezes vão ser diferentes das mulheres

brancas. Nesta onda surge a teoria Queer e reflexões a respeito de gênero, raça e classe.

2.3.1 Primeira onda do Feminismo

As reivindicações das mulheres por seus direitos sempre existiram, mas foi durante o século XIX que eclodiu a chamada 1ª onda do feminismo, acontecendo a partir do momento em que as mulheres começaram a se organizar para lutar por seus direitos. Essa luta buscava a igualdade com os homens por meio da educação, assim como através de uma relação mais simétrica dentro do casamento. Segundo Pedro (2005):

O feminismo, como movimento social visível, tem vivido algumas “ondas”. O feminismo de “primeira onda” teria se desenvolvido no final do século XIX e centrado na reivindicação dos direitos políticos –como o de votar e ser eleita –, nos direitos sociais e econômicos – como o de trabalho remunerado, estudo, propriedade, herança. (p. 79)

Essas mudanças de pensamentos começaram com o Renascimento, devido a muitas mudanças de paradigmas que estavam ocorrendo na esfera social, educacional e política. No século XVII algumas escritoras reivindicaram certa igualdade de direitos com os homens, mas foi com o Iluminismo que essas reivindicações afloraram. A partir dele se formou um pensamento burguês, que ia de encontro ao pensamento de superioridade da nobreza. Foi nesse cenário que as mulheres começaram a se entender como sujeitos dos lares, a se entenderem como parte da sociedade.

Importante mencionar que as mulheres participaram ativamente da Revolução Francesa, mas com o fim dessa revolução, elas continuaram a não ser consideradas sujeitos de direito, continuando excluídas, e isso ficou evidente com um documento chamado Direitos do Homem e do Cidadão. Assim, algumas mulheres que estavam lutando lado a lado dos homens nessa revolução, passaram a lutar por seus direitos, dentre elas Olympe de Gouges (França) e Mary Wollstonecraft (Inglaterra).

Olympe de Gouges escreveu um documento chamado “Os Direitos das Mulheres e das Cidadãs”, em oposição ao documento em que incluía apenas os direitos dos homens. Neste documento, a feminista decarou que as mulheres também deveriam ser incluídas nesses direitos. Mary Wollstonecraft também

escreve o documento "Reivindicação dos Direitos da Mulher". Suas escritas não foram levadas em consideração.

No século seguinte, na Inglaterra, o movimento feminista se uniu em prol da luta pelo direito ao voto, conhecido como as Sufragetes ou Sufragistas. Elas organizaram muitas manifestações em Londres, que no começo eram brandas, apenas para ter visibilidade, não trazendo resultados e sendo ridicularizadas pelos homens.

Sem alcançarem seus objetivos com as manifestações brandas, as Sufragistas começaram a fazer manifestações mais fortes, fazendo barulho e quebrando algumas propriedades, ganhando mais visibilidade. Assim, mesmo que de forma negativa, as pessoas começaram a refletir sobre o movimento feito por elas. A partir destas estratégias mais violentas, foi que o movimento feminista começou a conquistar algumas de suas reivindicações.

Em uma dessas manifestações, em 1913, uma das ativistas do feminismo, Emily Davison resolveu se atirar na frente do cavalo do rei da Inglaterra, vindo a falecer no incidente e se tornando uma mártir do movimento. Com esse impacto, o sufrágio universal começou a ter muito mais visibilidade, fazendo as pessoas refletirem sobre os direitos das mulheres. O direito ao voto acabou sendo conquistado em 1918, no Reino Unido.

Nesta 1ª onda, nos EUA, também acontecia um movimento forte para a reivindicação por direitos iguais, sobretudo pelo direito ao voto. As mulheres se uniram aos homens que lutavam pela abolição dos negros, colocando os movimentos lado a lado. Mas pelo fato do movimento abolicionista alcançar mais conquistas, as mulheres resolveram organizar o movimento feminista separado.

No Brasil, a 1ª onda iniciou durante a Proclamação da República, nos anos de 1890. A luta feminista começou também com a luta pelo voto, sendo liderada por Bertha Lutz, uma importante cientista que estudou no exterior e que, quando voltou em 1910, iniciou essa luta, liderando as Sufragistas brasileiras. Bertha foi uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, uma organização que fazia campanha pública pelo voto feminino. O direito ao voto feminino foi conquistado em 1932, quando foi promulgado o Novo Código Eleitoral Brasileiro. Sobre isso, Duarte (2003) menciona que:

Se lembrarmos que feminismo foi um movimento legítimo que atravessou várias décadas, e que transformou as relações entre homens e mulheres, torna-se (quase) inexplicável o porquê de sua desconsideração pelos formadores de opinião pública. Pode-se dizer que a vitória do movimento feminista [da época] é inquestionável quando se constata que suas bandeiras mais radicais tornaram-se parte integrante da sociedade, como, por exemplo, mulher frequentar universidade, escolher profissão [...], candidatar-se ao que quiser... Tudo isso, que já foi um absurdo sonho utópico, faz parte de nosso dia a dia e ninguém nem imagina mais um mundo diferente. (p. 81)

Segundo Meyer (2013, p. 12), “[...] a luta pelo direito ao voto agregou muitas outras reivindicações como, por exemplo, o direito à educação, a condições dignas de trabalho, ao exercício da docência”. Para a autora, muitas conquistas foram alcançadas em meio ao direito ao voto, a participação das mulheres na educação e no mercado de trabalho. (Meyer, 2003)

Neste contexto, existia uma Convenção Nacional de Mulheres, em que elas discutiam sobre o movimento feminista e em um momento apareceu a ex-escrava Sojourner Truth, que fez um discurso que se tornou muito famoso por trazer reflexões sobre o movimento feminista, discursando sobre a diferença de luta das mulheres a depender da classe social, que a mulher é o sexo frágil apenas quando não é negra. A partir desse discurso, as mulheres negras refletem que suas demandas são diferentes das demandas das mulheres brancas, devido aos tratamentos serem diferentes na sociedade.

A 1ª onda foi marcada sobretudo pela reivindicação de direitos das mulheres brancas. Elas reivindicavam pela igualdade aos homens perante a lei, por educação, por pensarem que era isso que as tornavam inferiores aos olhos dos homens. E também igualdade no casamento, por pensarem que o casamento não lhes dava igualdade na relação.

Em outro contexto, existiam as mulheres trabalhadoras, que lutavam por direitos iguais dentro das fábricas, formando um outro tipo de movimento, um movimento social, o operário. Flora Tristán, Clara Zetkin e Alexandra Kollontai foram de suma importância para a formação intelectual desse movimento operário feminista.

Esse movimento perdeu sua força a partir da década de 1930 e só começou a ganhar força em meados de 1960, quando até meados de 1980 ocorre a 2ª onda feminista.

2.3.2 Segunda onda do Feminismo

As mulheres já haviam conquistado seus direitos de igualdade na lei na maioria dos países. Mas apenas na esfera jurídica elas tinham os mesmos direitos que os homens. Então, na 2ª onda, as mulheres tentaram compreender o porquê de continuarem a ser vistas como inferiores.

Segundo Louro (1997), a 2ª onda foi pontuada pelas preocupações nos âmbitos social e político. Para a autora:

[...] intelectuais, estudantes, negros[as], mulheres, jovens, enfim, diferentes grupos que, de muitos modos, expressam sua inconformidade e desencanto em relação aos tradicionais arranjos sociais e políticos, às grandes teorias universais, ao vazio formalismo acadêmico, à discriminação, à segregação e ao silenciamento (Louro, 1997, p. 15).

Simone de Beauvoir, Carol Hanish e Betty Friedan trouxeram reflexões que ajudaram as mulheres a compreender o que era ser mulher. Betty Friedan (EUA) notou que as mulheres eram vistas apenas como donas de casa e começou a se questionar que tipo de mulher era essa, idealizada pelos estadunidenses, passando a chamar de mística feminina, como intitulou sua obra “Mística Feminina”, refletindo sobre o porquê a mulher tinha esse instinto submisso, reduzindo a vida da mulher aos afazeres domésticos.

Simone de Beauvoir (1967) publicou um livro chamado “O segundo sexo”, sendo fundamental para a 2ª onda. Nele, Simone se consagrou com uma frase que se tornou uma máxima do feminismo:

NINGUÉM nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. (Beauvoir, 1967, p. 9)

Beauvoir instigou a reflexão sobre o conceito de patriarcado, assim como a participação das mulheres na sociedade. Ela trouxe muitas reflexões para o movimento feminista, como o porquê o mundo era visto apenas pela perspectiva masculina.

Na década de 1960 aconteceram muitos movimentos na Europa e EUA. Em meio a esses movimentos, Betty Friedan lançou um livro que ficou conhecido como

a bíblia do feminismo, o livro “A mística feminina”. O movimento ganha força e se apresenta como um movimento libertário, falando sobre a questão das relações de poder entre homens e mulheres, apontando a dominação masculina sobre a feminina. A luta não é mais apenas sobre o espaço da mulher, mas sobre o relacionamento entre homens e mulheres, em que a mulher possa decidir sobre o seu corpo e a sua vida, tendo autonomia e liberdade para isso.

Carol Hanish trouxe muitas questões para as mulheres refletirem, atuando notavelmente nos anos de 1960-1970, em que nos EUA os movimentos de contracultura estavam acontecendo (hippie, pacifista etc). Ela se juntou a esses movimentos aproveitando junto com outras mulheres para introduzir neles o movimento feminista. Mas viu que os homens acabavam se beneficiando e deixando em segundo plano as questões feministas. Então ela passou a organizar um movimento apenas das mulheres, um feminismo radical, em que não aceitavam homens.

Kate Millett e Shulamith Firestone são outras mulheres que tiveram uma atuação importante no movimento do feminismo radical. Ao observar os depoimentos das mulheres que desabafavam sobre suas opressões vividas, começaram a refletir que os problemas eram basicamente os mesmos e concluíram que os problemas que elas viviam dentro de casa existiam devido a um problema existente na vida pública, ligando a vida privada à vida pública. Carol falava que um problema privado era um problema público e que era preciso mudar a estrutura pública para que a estrutura privada fosse também transformada.

Foi na década de 1970 que o termo gênero (*gender* em inglês) surgiu, começando com as feministas anglo-saxãs, ganhando espaço nos discursos feministas e sendo incorporado em todas as suas correntes. (Meyer, 2013). Para Joan Scott (1995), este termo apareceu primeiro entre as feministas americanas “que queriam insistir na qualidade fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo.” (p. 1). Segundo esta autora, a palavra gênero:

indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. O “gênero” sublinhava também o aspecto relacional das definições normativas de feminilidade. As que estavam mais preocupadas com o fato de que a produção dos estudos femininos centrava-se sobre as mulheres de forma muito estreita e isolada, utilizaram o termo “gênero” para introduzir uma noção relacional no nosso vocabulário analítico. (Scott, 1995, p. 1).

Nesta perspectiva, o termo gênero veio através de uma mudança que estava acontecendo nos paradigmas da luta feminista, implicando na redefinição e alargamento do que se mostrava tradicional. A partir dessa nova maneira de incluir na história as experiências das mulheres, “dependia da medida na qual o gênero podia ser desenvolvido como uma categoria de análise.” (Scott, 1995, p. 2).

Ao contrário do que acontecia na Europa e EUA, em que os acontecimentos propiciaram os movimentos libertários e identitários, fazendo ressurgir com força o movimento feminista, no Brasil vivíamos um momento repressor, com regime ditatorial. Desta forma, a 2ª onda no Brasil iniciou durante a ditadura militar, se associando a movimentos sociais que lutavam pela redemocratização do país, opostos às idéias ditatoriais, nos anos 1980 (Meyer, 2013). A autora comenta que:

[...] a segunda onda remete ao reconhecimento da necessidade de um investimento mais consistente em produção do conhecimento, com o desenvolvimento sistemático de estudos e de pesquisas que tivessem como objetivo não só denunciar, mas, sobretudo, compreender e explicar a subordinação social e invisibilidade política a que as mulheres tinham sido historicamente submetidas (Meyer, 2013, p. 12).

2.3.3 Terceira onda do Feminismo

A 3ª onda feminista aconteceu a partir de 1990 e reflete sobre a ideia que as mulheres são diversas e com demandas específicas. Nesse contexto os movimentos do feminismo negro e de diversidade sexual feminina ganham mais força. Esta fase ficou marcada pelo caráter multicultural que busca a valorização das diferenças de identidade das diferentes culturas, se engajando em discursos que trouxessem a reflexão sobre os diferentes tipos de mulheres.

Sobre isso, Toledo (2008) comenta que:

Não foram lutas com bandeiras específicas feministas, mas sindicais e amplas. Justamente, pode residir seu avanço em relação às ondas anteriores (anos 20 e anos 60), já que nesta a mulher trabalhadora se levanta junto com a classe numa luta que questionava diretamente o modo de produção capitalista (p. 102).

Angela Davis traz reflexões a respeito de gênero, raça e classe. Bell Hooks fala sobre as diferentes demandas entre mulheres brancas e mulheres negras. Judith Butler traz a teoria Queer. Ela fala que o gênero é uma construção social,

como já fazia mencionado no feminismo radical, da 2ª onda. Ela traz uma novidade, falando que a biologia também é uma construção social, sendo traçada em determinada época e com determinados interesses, precisando se conformar com o sexo, gênero do nascimento e que sair disso é errado.

No Brasil, a 3ª onda iniciou por volta de 1990, com a promulgação da Constituição Federal de 1988 (CF). Mas mesmo com esta Constituição colocando em seu art. 5º, em seu inciso I que “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição”, ainda assim vivemos em um país excludente, necessitando lutar por nossos direitos.

2.3.4 Quarta onda do Feminismo

Para finalizar, alguns autores já comentam sobre uma quarta onda do feminismo, que ainda está em elaboração, mas que já demonstra algumas características. Dentre essas características, podemos citar o uso em massa das redes sociais e das tecnologias, decretando um amplo ativismo digital, aprofundando os discursos sobre identidade, corpo e violência.

Segundo Felgueiras (2017), a quarta onda do feminismo no Brasil é chamada de ciberfeminismo, já que é formada por “jovens militantes que foram criados já na era digital e que compreendem o alcance desta ferramenta de comunicação e sabem muito bem como utilizá-la” (p. 119).

2.4 GÊNERO

Na 2ª onda, algumas feministas começaram a refletir em um termo que pudesse definir a mulher e o homem através de outras perspectivas que não fossem apenas as diferenças biológicas. Nessa busca, na década de 1970, sendo alvo de muitas críticas, começaram a usar o termo gênero, ressaltando que as diferenças entre homens e mulheres se davam social e culturalmente e não eram biologicamente determinadas. De acordo com Colling (2004),

A história do *gender* das norte-americanas, do *genre* francês, do *genere* italiano, do *geschlecht* alemão, e do *gênero* português tem um só objetivo: introduzir na história global a dimensão da relação entre os sexos, com a certeza de que esta relação não é um fato natural, mas uma relação social

construída e incessantemente remodelada, efeito e motor da dinâmica social. (p. 28)

Segundo Meyer (2013), a princípio o termo gênero era entendido por diversas perspectivas, mas apresentavam uma característica em comum:

[...] com o conceito de gênero pretendia-se romper a equação com que a colagem de um determinado gênero a um sexo anatômico que lhe seria "naturalmente" correspondente resultava em diferenças inatas e essenciais, para argumentar que diferenças e desigualdades entre homens e mulheres eram social e culturalmente construídas e não biologicamente determinadas (Meyer, 2013, p. 15).

Também referenciando Meyer (2013), a maneira de teorizar gênero, nos traz relevantes inferências como instrumento teórico e político:

1) Gênero aponta para a noção de que, ao longo da vida, através das mais diversas instituições e práticas sociais, nos construímos como homens e mulheres, num processo que não é linear, progressivo ou harmônico e que também nunca está finalizado ou completo; 2) o conceito também acentua que, como nascemos e vivemos em tempos, lugares e circunstâncias específicos, existem muitas e conflitantes formas de definir e viver a feminilidade e a masculinidade; 3) Gênero introduziu mais uma mudança que continua sendo, ainda hoje, alvo de polêmicas importantes no campo feminista (...) análises e as intervenções empreendidas devem considerar, ou tomar como referência, as relações – de poder – entre mulheres e homens e as muitas formas sociais e culturais que os constituem como "sujeitos de gênero"; 4) Por último, o conceito de gênero propõe (...) um tratamento de análises que repousam sobre uma idéia reduzida de papéis/funções de mulher e de homem, para aproximar-nos de uma abordagem muito mais ampla que considera que as instituições sociais, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as leis, as doutrinas e as políticas de uma sociedade são construídas e atravessadas por representações e pressupostos de feminino e de masculino ao mesmo tempo em que estão centralmente implicadas com sua produção, manutenção ou ressignificação (Meyer, 2013, p. 16-18).

Na gramática, gênero é compreendido como um meio de classificar, distinguir socialmente, mediante traços inerentes. Além disso, as classificações sugerem uma relação entre categorias que permitem distinções ou agrupamentos separados, conduzindo ao entendimento de que os papéis sociais e comportamentos estão associados ao sexo biológico das pessoas, de maneira imposta pelos padrões sociais. Nesse sentido, Scott (1995) comenta que

O termo "gênero" torna-se, antes, uma maneira de indicar "construções culturais" - a criação inteiramente social de idéias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de

mulheres. "Gênero" é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. (p. 4)

Na definição de Scott (1995) o gênero se constrói a partir das relações sociais, opondo-se ao determinismo biológico. Desta forma, existem percepções de gênero que percebem as diferenças como construção social e não simplesmente como distinções biológicas entre homens e mulheres. Nessa perspectiva, Meyer diz que as estruturas e mudanças se constituem ao longo da vida:

[...] o conceito de gênero passa a englobar todas as formas de construção social, cultural, e linguística implicadas com os processos que diferenciam mulheres e homens, incluindo aqueles processos que produzem seus corpos, distinguindo-os e separando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade. O conceito de gênero privilegia, exatamente, o exame dos processos de construção dessas distinções – biológicas, comportamentais ou psíquicas – percebidas em homens e mulheres [...] (Meyer, 2013, p. 16).

Scott (1992) se contrapõe à perspectiva da construção biológica de gênero, em que o ser humano se constitui como masculino ou feminino no seu nascimento. Ela compreende que os conceitos de gênero não podem (nem devem) ser construídos tomando como base as questões fundamentadas no âmbito físico, anatômico e biológico, mas, as de caráter de âmbito mais gerais envolvendo o social, o político, o cultural, o econômico e o jurídico.

Guacira Lopes Louro (1997) entende gênero como algo que está relacionado com as características da identidade individual de cada sujeito e não como características depositadas na prática sexual de cada indivíduo, a partir de uma expectativa social criada histórica e culturalmente. Sobre isso, Louro menciona:

Ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito (assim como a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o. (1998, p. 25).

Portanto, no que concerne ao gênero, pode-se dizer que é algo que o sujeito vai constituindo enquanto acontece sua própria existência e no decorrer das suas vivências, ou seja, diz respeito às peculiaridades e atitudes designadas a cada um, em cada sociedade, em cada contexto sócio-cultural. Partindo desse pressuposto, Meyer relata que

Nós aprendemos a ser homens e mulheres desde o momento em que nascemos, até o dia em que morremos e essas aprendizagens se processam em diversas instituições sociais, a começar pela família, passando pela escola, pela mídia, pelo grupo de amigos, pelo trabalho etc. [...] Gênero reforça a necessidade de se pensar que há muitas formas de sermos mulheres e homens, ao longo do tempo, ou no mesmo tempo histórico, nos diferentes grupos ou segmentos sociais. (2001, p. 32).

Torna-se importante refletir que os contextos em que estamos inseridos refletem sobre a nossa construção como seres sociais. E a cultura a que estamos submetidos ainda identifica os indivíduos nas características sexuais do gênero, o masculino e o feminino com formatos enrijecidos e padronizados socialmente, criados historicamente e culturalmente. Frigoto, Ciavatta e Ramos (2005) argumentam que

[...] a cultura deve ser compreendida no seu sentido mais amplo possível, ou seja, como a articulação entre o conjunto de representações e comportamentos e o processo dinâmico de socialização, constituindo o modo de vida de uma população determinada. Portanto, cultura é o processo de produção de símbolos, de representações, de significados e, ao mesmo tempo, prática constituinte e constituída do/pelo tecido social. (p. 12)

Desta forma, é preciso elucidar que o contexto em que os sujeitos estão inseridos é permeado por relações sociais significativas, coadjuvantes na construção de suas identidades, sendo a escola um lugar importante para que isso aconteça. Assim, a escola, assume um papel significante, visto que serve também como referência nesta construção:

A escola pode e deve ser considerada um espaço privilegiado para aprendizagem de uma prática social, um espaço de cultura, de criação como resposta aos desafios da vida, um espaço fértil de produção do novo e do inusitado. A escola para a infância precisará constituir-se nesse tempo e espaço, transformando em lugar, ou seja, um lócus de sentido, de construção de identidades. (Redin, 2007, p. 17)

Sob essa concepção, os sujeitos estão a todo instante atribuindo significados em suas vivências e absorvendo o contexto a qual estão inseridos, construindo sua identidade e a escola constitui um espaço relevante nesta dinâmica, a partir do olhar dos professores. Sobre isso, Felipe (1999, p. 175) discorre que “cabe também às educadoras e educadores diluir algumas barreiras rigidamente estabelecidas em relação ao que seja apropriado para meninos e meninas”.

Neste íterim, o conceito de gênero deve ser bastante discutido em vários contextos, tornando importante sua pesquisa por fazer parte da construção da subjetividade do sujeito, sendo necessário naturalizar a equidade como ela realmente é, pois, ainda vivemos em uma sociedade que precisa de mudanças no que tange o preconceito e a igualdade de gêneros.

É preciso mencionar que nossa sociedade é estruturalmente patriarcal, em que os indivíduos normalizam certos discursos, por convenções sociais impostas em decorrência da nossa história. Ficou determinado como se o masculino e o feminino fossem elementos consequentes, inquestionáveis, com modelos que são mais valorizados, existindo uma hierarquia entre eles.

Em consequência destes pensamentos polarizados, somos submetidos a relações de poder, modelando nossas ideias, obstruindo nossos pensamentos. Desta forma, dificilmente temos a chance de dialogar com concepções adversas ao senso comum, que possam proporcionar uma reflexão e, conseqüentemente, uma mudança da nossa perspectiva do mundo, desconstruindo o que nos é imposto.

A partir dessa perspectiva, ficou convencionado a existência do gênero masculino e do gênero feminino, com padrões inflexíveis, em que desde o nascimento o menino precisa gostar de azul, ser violento, enquanto a menina precisa ser delicada, gostar de rosa, estando em lados opostos.

Mas é importante refletir sobre essas questões e desconstruir o que nos é imposto pela sociedade, devido a seus interesses. Assim, pensando em gênero como características individuais de cada pessoa, precisamos discutir sobre essas questões nas escolas, sobre a equidade de gênero, sobre as várias formas de ser mulher e de ser homem, em que nenhuma possibilidade tem que valer mais que a outra, e nem que essas diferenças sejam transformadas em desigualdades:

Os discursos sobre sexualidade evidentemente continuam se modificando e se multiplicando. Outras respostas e resistências, novos tipos de intervenção social e política são inventados. Atualmente, renovam-se os apelos conservadores, buscando formas novas, sedutoras e eficientes de interpelar os sujeitos (especialmente a juventude) e engajá-los ativamente na recuperação de valores e de práticas tradicionais. Esses discursos não são, obviamente, absolutos nem únicos; muito pelo contrário, agora, mais do que antes, outros discursos emergem e buscam se impor; estabelecem-se controvérsias e contestações, afirmam-se, política e publicamente, identidades silenciadas e sexualmente marginalizadas. Aprendemos, todos, em meio a (e com) essas disputas. (Louro, 1999, p. 22).

O papel da escola é fazer, através dessas discussões, que os alunos aprendam e reflitam sobre esse tema e convivam numa relação de equidade de gêneros. Precisam compreender que existem infinitas possibilidades dentro do masculino e dentro do feminino e que a nossa sociedade e suas relações de poder estabeleceram um padrão muito reducionista diante de tantas possibilidades de ser homem ou mulher. E isso precisa ser desconstruído.

A escola é um espaço significativo para essa reflexão, sendo importante propiciar um ambiente de discussão, visto que a educação é uma prática política, de formação de sujeitos conscientes, para a vida, implicando o compromisso em assegurar a liberdade de se colocar, pois segundo Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005, p. 7) “A experiência educativa, nessa etapa, então, deve proporcionar o desenvolvimento intelectual e a apreensão de elementos culturais que possibilitem a configuração desses horizontes.” É essencial que os alunos possam enxergar as infinitas possibilidades que podem coexistir, ampliar seus horizontes de visão do mundo.

Isso nos leva a entender que através da educação o sujeito adquire a sua autonomia, se tornando um ser social que atua de forma participativa na sociedade. Uma educação propulsora leva o ser a buscar o seu crescimento intelectual, de forma reflexiva e crítica. Diante disso, o currículo integrado pode contemplar o âmbito escolar com a prática social do sujeito, atendendo as necessidades da formação humana.

2.5 REPRESENTAÇÕES

É necessário entender que a constituição da sociedade se faz na composição de representações, valores e categorizações do mundo. Nesta forma de criar o mundo, Castoriadis (1987-1992, p. 58) menciona que o indivíduo “abre acesso a um mundo de significações imaginárias sociais”.

Sobre o imaginário social, Castoriadis (1982) conceitua que:

O imaginário de que falo não é imagem de. É criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/formas/imagens, a partir das quais somente é possível falar-se de “alguma coisa”. Aquilo que denominamos ‘realidade’ e ‘racionalidade’ são seus produtos. (p. 13)

A partir desse imaginário, são produzidas representações de gênero, baseados em discursos permeados pelo simbolismo. Desta forma, na sociedade foi instituída a binariedade de gênero, marcada pelo masculino e pelo feminino, criando uma série de funções ou regras, assim como diversas maneiras de se constituir e funcionar a partir das necessidades da sociedade. Sobre essa binariedade de gênero, Castoriadis (1982), afirma que:

A instituição da sociedade é sempre obrigada a levar em consideração esta repartição da coletividade (considerada como um conjunto de cabeças) num subconjunto masculino e num subconjunto feminino; mas este levar em consideração ocorre em e por uma transformação do fato natural de ser-masculino ou de ser-feminino em significação imaginária social de ser-homem ou de ser-mulher, o que se liga ao magna de todas as significações imaginárias da sociedade considerada. (p. 268)

Com esta constituição, torna-se difícil transformar e desconstruir essa sociedade com raízes tão profundas no domínio patriarcal. Desta forma, nesta instituição marcada pelo preconceito, em que o homem e a mulher assumem papéis pré-definidos cultural e simbolicamente, torna-se difícil refletir sobre a equidade de gênero.

Diante dessas construções, o simbólico vai se definindo conforme as necessidades existentes na sociedade em cada momento histórico, criando maneiras de agir, ser, regular, adquirindo regras e formas de organizar. Assim, a instituição da sociedade vai se configurando na conjunção de diversos fatores com o simbólico. Para Castoriadis (1982, p. 159), instituição é “uma rede simbólica, socialmente sancionada, onde se combinam em proporções e em relações variáveis um componente funcional e um componente imaginário.”

Neste contexto, a sociedade vai se organizando a partir de diversos fatores, como linguagem, valores, relações. E nesta dinâmica, o indivíduo precisa preservar essas instituições construídas, reproduzindo a forma de significações imaginárias sociais a que foi constituído o seu modo de ser, adentrando neste imaginário pela “compreensão e aceitação de suas regras; participa dele pelos atos de fala imaginal (vivências) e altera-o por ser também um agente imaginal (ator social) em situação” (Silva, 2006, p. 9). Tudo isso constrói na sociedade uma representação social baseada em uma construção simbólica.

Tomaz Tadeu da Silva (2014) analisa as representações como construções sociais que vão além de simples reflexos da realidade, ligando-se às relações de

poder, identidade e dinâmica social. Para ele, as representações são formas pelas quais os indivíduos e grupos interpretam e atribuem significado ao mundo, moldadas por discursos, imagens e símbolos. Elas não são neutras, mas influenciam as identidades individuais e coletivas, sendo também um meio pelo qual diferentes grupos sociais (como classe, gênero e etnia) são visualizados e estigmatizados.

Nesta perspectiva, identidade e diferença são conceitos indissociáveis, pois a identidade só faz sentido na presença da diferença e vice-versa. Ambas são construções sociais e culturais, e a identidade (ou mesmidade) sempre traz em si o traço da diferença (ou outridade). Embora exista uma co-dependência entre elas, essas categorias são disputadas e impostas, estando sempre ligadas a relações de poder. O poder de definir a identidade e marcar a diferença está intrinsecamente relacionado com as dinâmicas de poder mais amplas, o que significa que não há inocência nas relações entre identidade e diferença. (Silva, 2014)

Segundo Silva (2014), os conceitos de identidade e diferença são frequentemente estruturados em oposições binárias, como homem/mulher, branco/preto e homo/hetero. Ele destaca o caráter cultural e construído do gênero e da sexualidade, e aponta que as teorias feminista e queer desafiam essas relações binárias, questionando as bases que sustentam a fixação das identidades sexuais e de gênero. O autor defende que a possibilidade de ultrapassar essas fronteiras e ter uma identidade dúbia ou indefinida evidencia a artificialidade das identidades fixas, que são impostas socialmente.

Stuart Hall (2006) vê a identidade como um conceito estratégico e posicional, no qual ao adotar uma identidade é preciso excluir outras. Ele enfatiza que a identidade não é algo fixo ou estável, mas sim algo dinâmico, que pode mudar ao longo da vida. A pessoa pode passar a se identificar com outras questões e perceber diferenças em aspectos que antes eram comuns e identificáveis para ela, mostrando que a identidade é uma construção em constante transformação. Segundo o autor,

[...] a identidade é realmente algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo "imaginário" ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre "em processo", sempre "sendo formada" (Hall, 2006, p. 38)

A identidade, portanto, não é algo essencialista ou singular, mas sim uma construção que ocorre ao longo de discursos, práticas e posições. Esses elementos podem se cruzar, se combinar e até se contradizer, refletindo a complexidade e a fluidez da identidade ao longo do tempo.

A relação entre identidade e sociedade é fundamental para entender como os indivíduos se percebem e como são percebidos dentro de um contexto social. A identidade não é uma característica fixa ou isolada, mas sim um processo dinâmico e contínuo, moldado pelas interações sociais, pela cultura e pelas estruturas de poder.

Sob esta perspectiva, Hall (2006) entende que:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente. (p. 13)

Na sociedade, a identidade é construída por meio de discursos, práticas e representações sociais. Esses elementos influenciam a maneira como os indivíduos se posicionam em relação a si mesmos e aos outros, sendo moldados por fatores como gênero, classe, etnia, religião e orientação sexual. A sociedade, por sua vez, impõe normas, valores e estereótipos que influenciam as identidades individuais e coletivas.

Além disso, as identidades sociais não são apenas reflexos passivos da sociedade, mas também podem ser formas de resistência e transformação. As teorias contemporâneas, como as feministas, queer e pós-coloniais, destacam como as identidades podem desafiar as normas estabelecidas, buscando espaço para multiplicidade e diversidade, em vez de se conformarem a categorias fixas e opostas.

Portanto, identidade e sociedade estão em constante interação, com a sociedade influenciando as construções identitárias e, ao mesmo tempo, sendo transformada e instituída por elas. A instituição, a sociedade e a identidade estão interconectadas. As instituições sociais, moldam as normas e valores da sociedade, influenciando diretamente a construção da identidade dos indivíduos. A sociedade define as normas culturais e oferece o contexto em que as identidades são

formadas. A identidade, por sua vez, é uma construção social dinâmica, influenciada pelas interações sociais e pelas expectativas da sociedade, mas também capaz de resistir e transformar essas normas.

Assim, quando se reflete sobre a instituição da sociedade, suas regras e normas, vê-se que as relações dos indivíduos estabelecidas historicamente durante o convívio social, ficou aceita apenas a instituição patriarcal, onde apenas o gênero feminino e o gênero masculino são reconhecidos. Com esta constituição histórica, torna-se complexo desconstruir e construir outras possibilidades de representação de gênero.

Devido a isso, por pensar em desconstruir essa simbologia social que necessita de tantas reflexões, torna-se imprescindível discutir sobre as questões de gênero nas escolas e reconstruir o imaginário social, sendo fundamental para a desconstrução de estereótipos e para a promoção de uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

Ao incluir debates sobre gênero, as escolas podem contribuir para a transformação do imaginário social, que frequentemente é marcado por visões binárias e limitadas de masculinidade e feminilidade. A reconstrução do imaginário social envolve questionar e desafiar as normas tradicionais de gênero, que frequentemente reduzem as pessoas a categorias fixas e estereotipadas.

Assim, discutir questões de gênero nas escolas é um passo importante para desconstruir normas rígidas e ajudar a formar indivíduos mais críticos e conscientes das dinâmicas sociais. A educação de gênero, ao promover um imaginário social mais plural e inclusivo, possibilita a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE PESQUISA

Neste estudo, utilizei uma metodologia de cunho qualitativo, tendo por premissa a investigação de questões objetivas e subjetivas, visando compreender as particularidades dos seres humanos e do contexto e sociedade em que estão inseridos:

Alguns autores entendem a pesquisa qualitativa como uma "expressão genérica". Isto significa, por um lado, que ela compreende atividades de investigação que podem ser denominadas específicas. E, por outro, que todas elas podem ser caracterizadas por traços comuns. Esta é uma ideia fundamental que pode ajudar a ter uma visão mais clara do que pode chegar a realizar um pesquisador que tem por objetivo atingir uma interpretação da realidade do ângulo qualitativo. (Triviños, 1987, p. 120)

Compreende-se que esse tipo de pesquisa usa a observação, entendimento e análise para captar o tema da pesquisa. Este tipo de interpretação busca entender a realidade dos participantes, concebendo a essência do fenômeno estudado, analisando as características sociais.

Sendo assim, a análise qualitativa deve ser entendida como uma descrição analítica de dados provenientes de uma investigação social, pois conforme Chizzotti (2001):

[...] a abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. (p. 79)

A partir desta perspectiva de abordagem qualitativa entende-se que o foco do estudo se remete aos aspectos subjetivos dos fenômenos sociais e do comportamento humano, uma correlação entre o objetivo e o subjetivo. Segundo Richardson (1999), a pesquisa qualitativa é adequada para entender a natureza de um fenômeno social, viabilizando uma análise global, em que relaciona o indivíduo e a sociedade e é fundamental para explicar o funcionamento das estruturas sociais, onde é preciso saber qual a análise da sociedade implica diferentes concepções teóricas.

A pesquisa qualitativa, segundo Minayo (2001), foca em questões particulares e investiga realidades que não podem ser quantificadas. Ela trabalha com significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, explorando um nível mais profundo das relações, processos e fenômenos. Esses elementos não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis, caracterizando a pesquisa qualitativa como uma abordagem que busca entender a complexidade e a subjetividade dos fenômenos sociais.

A autora defende que a pesquisa qualitativa se foca na compreensão profunda de fenômenos sociais, explorando significados, crenças, valores e atitudes, ao invés de quantificar dados. Ela destaca a importância de considerar o contexto das relações sociais e de adotar uma abordagem reflexiva, reconhecendo que o pesquisador também está imerso no ambiente que estuda. A pesquisa qualitativa é vista como um processo dinâmico de construção do conhecimento, utilizando métodos flexíveis como entrevistas e observação participante, que permitem uma análise mais holística e crítica da realidade social. (Minayo, 2001)

Nesta abordagem, com esta pesquisa pretende-se analisar o comportamento e as relações humanas no que concerne a temática de gênero, indo ao encontro dos objetivos propostos da pesquisa apresentada. Sendo assim, esta pesquisa apresenta cunho social, podendo ressignificar as compreensões acerca do tema estudado.

3.2 CONTEXTO DA INVESTIGAÇÃO

Foi feito um levantamento prévio da população existente nos cursos Técnicos Integrados do IFFar - Campus Jaguari através de contato por email com a Coordenação de Registros Acadêmicos da referida instituição. Nesta oportunidade, também através de email, a coordenação comunicou os dados referentes ao mês de dezembro de 2023 dos alunos maiores de idade matriculados nos cursos Técnicos Integrados do IFFar - Campus Jaguari.

Obtivemos como resposta a quantidade de 4 alunos maiores de idade matriculados no curso Técnico em Administração Integrado, 29 alunos maiores de idade matriculados no curso Técnico em Agricultura Integrado e 13 alunos maiores de idade matriculados no curso Técnico em Sistemas de Energia Renovável.

A partir destes dados, visamos trabalhar com uma amostragem de cerca de 12 alunas maiores de idade que estivessem matriculadas em cursos no Ensino Integrado do Instituto Federal Farroupilha, do campus Jaguari. Desta forma, pelo fato do curso Técnico em Administração Integrado apresentar apenas 4 alunas maiores de idade, escolhemos 4 alunas maiores de idade do curso Técnico em Agricultura Integrado e 4 alunas maiores de idade do curso Técnico em Sistemas de Energia Renovável, contabilizando 12 alunas ao total.

Trabalhamos apenas com alunas maiores de idade porque torna mais simples e eficiente os trâmites legais para a realização das entrevistas. As alunas menores de idade necessitam de autorização dos seus responsáveis e essa condição demandaria maior tempo para iniciarmos a realização das entrevistas.

Para dar continuidade a esta pesquisa, a primeira medida foi solicitar uma autorização à reitoria da instituição em que a pesquisa aconteceria para a realização do trabalho, emitida pelo pró-reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação do IFFar e pelo diretor-geral do campus Jaguari, em forma de Carta de Autorização (ANEXO 1). O objetivo desses primeiros encaminhamentos foi obter a permissão necessária para poder acessar a população amostral.

Para efetivar esta pesquisa apresentamos o critério de Inclusão e Exclusão, definido na escolha da população, assim como com a concordância do participante ou não, conforme referido a seguir.

3.2.1 Critério de Inclusão

O contexto da investigação ocorreu a partir dos seguintes critérios:

A presente pesquisa visou trabalhar com alunas que estivessem matriculadas em cursos do Ensino Integrado do Instituto Federal Farroupilha.

Através de contato por email para a Coordenação de Registros Acadêmicos do IFFar Campus Jaguari, foi solicitada informações e dados referentes às alunas dos cursos técnicos deste campus, buscando saber quantos alunas maiores de idade tinham nestes cursos. Diante deste levantamento prévio do número de alunas maiores de idade matriculadas nos cursos Técnicos Integrados do Instituto Federal Farroupilha, foi feito um primeiro contato com as alunas. Esse primeiro contato aconteceu diante de uma apresentação formal como critério inicial. Após, como protocolo para a participação no estudo, a inserção no contexto da investigação

aconteceu a partir do convite às participantes. Com o aceite do convite, elas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO 2). Somente participaram da pesquisa aqueles que acordaram com o termo.

Posteriormente, foram objetivamente apresentados formalmente à abordagem do estudo e esclarecidos quanto aos fundamentos metodológicos e éticos.

A quantidade planejada de participantes era de cerca de 12 discentes maiores de idade, podendo acontecer das respostas se repetirem e ser preciso reduzir o número, não produzindo novos elementos que contribuíssem com a pesquisa. Mas apenas 11 alunas quiseram participar.

No quadro a seguir, foi composto um pequeno perfil das participantes da pesquisa, contendo algumas informações sobre elas:

Quadro 1 - Perfil das participantes da pesquisa

CODINOME	PERFIL	CURSO
Nísia Floresta	Tem 18 anos Feminina	3º ano do Técnico em Sistemas de Energias Renováveis
Mietta Santiago	Tem 18 anos Feminina	3º ano do Técnico em Sistemas de Energias Renováveis
Carlota de Queirós	Tem 18 anos Feminina	3º ano do Técnico em Sistemas de Energias Renováveis
Laudelina Melo	Tem 18 anos Feminina	3º ano do Técnico em Sistemas de Energias Renováveis
Anita Garibaldi	Tem 19 anos Feminina	3º ano do Técnico em Agricultura
Maria Quitéria	Tem 18 anos Feminina	3º ano do Técnico em Agricultura
Esther Grossi	Tem 18 anos Feminina	3º ano do Técnico em Agricultura
Ana Eurídice	Tem 18 anos Feminina	3º ano do Técnico em Administração
Sandra de Deus	Tem 18 anos Feminina	3º ano do Técnico em Administração

Djamila Ribeiro	Tem 19 anos Feminina	3º ano do Técnico em Administração
Maria Rita	Tem 22 anos Feminina	1º ano do Técnico em Administração

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

3.2.2 Critérios de Exclusão

Irão participar da presente pesquisa apenas as alunas que estejam devidamente matriculadas em cursos ofertados dentro do Ensino Integrado do Instituto Federal Farroupilha. Cabe salientar que na referida pesquisa, não serão consideradas alunas menores de idade, bem como aquelas que não desejarem participar do presente estudo.

3.3 PROCEDIMENTO DE COLETA

3.3.1 Entrevista Semiestruturada

Importante enfatizar que a realização da pesquisa ou qualquer forma de coleta de dados somente se efetivou após a aprovação deste projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

Os dados foram obtidos por meio de entrevistas (ANEXO 4) semiestruturadas. Estas entrevistas foram agendadas previamente em horário e local conforme a disponibilidade das participantes. Este tipo de abordagem na pesquisa possibilita construir uma entrevista mais espontânea e natural para a coleta de dados.

Estimou-se a realização de um encontro com duração aproximada de uma hora. As entrevistas foram realizadas remotamente, por videochamada Meet online, potencializando assim o tempo e os recursos de entrevistadora e entrevistada, sem nenhum prejuízo aos procedimentos éticos da pesquisa.

A entrevista foi realizada pela pesquisadora, que fez a gravação da mesma em imagem e áudio, para que fosse transcrita e analisada posteriormente. Após a transcrição, a participante recebeu devolutiva da mesma, para sua apreciação, antes da análise do conteúdo. Ao final do trabalho de análise, as conclusões da pesquisa serão disponibilizadas aos participantes e publicadas.

A participação nesse estudo foi voluntária e anônima e a decisão de participar ou não da pesquisa foi exclusiva da participante. Em qualquer momento do estudo, pode solicitar informações sobre os procedimentos relacionados à pesquisa. Também pode retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sem sofrer nenhum tipo de penalidade ou prejuízo. Ficou garantido o anonimato das envolvidas em qualquer circunstância, no que envolve todas as atividades ou materiais escritos que se originaram deste estudo.

Importante entender que uma entrevista é composta por perguntas e respostas entre entrevistado e entrevistador, objetivando a busca de informações necessárias para uma pesquisa. Dessa forma, o uso da entrevista semiestruturada se torna mais flexível, pois apesar de ter um roteiro pré-estabelecido, o entrevistador pode acrescentar outras perguntas que surgirem no momento da entrevista e que sejam pertinentes ao bom andamento da pesquisa.

Para análise dos dados da pesquisa, optou-se pela metodologia da Análise de Conteúdo (Bardin, 2011). Para a referida autora, “A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas e análises das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens.” (p. 33).

Segundo Triviños (1987, p. 145 - 146) “para alguns tipos de pesquisa qualitativa, a entrevista semi-estruturada é um dos principais meios, que tem o investigador para realizar a Coleta de Dados.”

Anterior a realização das entrevistas, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO 2) às participantes. O mesmo foi lido e devidamente explicado e a decisão de participar ou não da pesquisa foi estritamente delas. Após, foi esclarecido sobre a confidencialidade dos envolvidos e foi entregue o Termo de Confidencialidade (ANEXO 3). Durante a análise de dados, em todos os materiais e/ou atividades que provieram das entrevistas para o projeto, foram usados nomes fictícios para os entrevistados.

O instrumento de construção de dados passou por processo de validação das perguntas mediante um roteiro, após parecer positivo com autorização do Comitê de Ética (CEP).

Em primeiro lugar, foi analisado/validado por dois doutores/pesquisadores do tema, atuantes em pós-graduação que foram convidados previamente a avaliar os instrumentos. Após, foram realizados acertos, sugeridos por quem analisou o instrumento. Na sequência, foi feita uma entrevista piloto e as perguntas poderiam

ser ajustadas, caso na primeira aplicação elas não se mostrassem claras, levando em consideração as respostas das participantes.

As participantes da entrevista piloto foram comunicadas que esta pesquisa não seria usada na construção da escrita da dissertação. Caso seja necessário o seu uso, elas seriam demandadas formalmente, respeitando todos os preceitos éticos usados nesse projeto e poderiam aceitar ou não do mesmo modo que as demais entrevistadas.

Na sequência, antes de concordar em participar desta pesquisa, a participante precisou ler o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO 2) na íntegra, pois é muito importante que ela compreendesse as informações e instruções contidas nele. No TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) estão contidas as principais informações sobre o estudo. A pesquisadora respondeu a todas as dúvidas da participante antes que ela decidisse participar. O Termo de Confidencialidade (TC) é um documento em que a pesquisadora se compromete em manter e preservar a confidencialidade e sigilo sobre todas as informações relacionadas à privacidade dos participantes deste estudo. Esses dois documentos, TC e TCLE, foram enviados para a participante da pesquisa em duas vias cada se optasse por recebê-lo por correio em formato impresso ou via e-mail, em formato digital, já assinado pela pesquisadora, assim garantindo os dados de sigilo e assegurando a opção de manter uma cópia de cada um para si mesmo. A participante assinou (podia ser digitalmente) uma cópia dos documentos (TC e TCLE) e os retornou para a pesquisadora, também via email. A pesquisadora somente iniciou a pesquisa após a participante lhe enviar a devolutiva do TCLE devidamente assinado, ou lhe responder através do email, confirmando a sua participação. A pesquisadora começou a pesquisa fazendo a leitura conjunta do Termo de Confidencialidade (TC) e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Imediatamente depois da leitura, ao aceitar participar, a pesquisadora começou a entrevista. Caso a participante preferisse não participar da pesquisa, não haveria penalidade ou prejuízo a ela.

Após esses procedimentos, as entrevistas foram transcritas integralmente pela entrevistadora e foram entregues uma devolutiva às participantes da pesquisa. Estas, após a leitura, puderam suprimir algum fragmento, se preferissem.

A identidade das colaboradoras foram caracterizadas por codinomes, preservando e garantindo seu anonimato, assim como os dados levantados tiveram

sua privacidade assegurada pelos pesquisadores, contra eventual extravio ou vazamento de informações sigilosas. As informações ficaram sob responsabilidade dos pesquisadores. As entrevistas foram gravadas em áudio, em formato digital, e foram armazenadas, juntamente com as transcrições, em HD externo e pen drive da autora do trabalho, durante o período de cinco anos, a contar da publicação dos resultados da pesquisa. Após, estas informações serão apagadas.

Quadro 2 - Síntese dos momentos das entrevistas

CODINOME	FORMA DE PARTICIPAÇÃO	DURAÇÃO	PÁGINAS DE TRANSCRIÇÃO
Nísia Floresta	Videochamada pelo Google Meet	50 minutos	5 páginas
Anita Garibaldi	Videochamada pelo Google Meet	40 minutos	3 páginas
Maria Quitéria	Videochamada pelo Google Meet	40 minutos	5 páginas
Ana Eurídice	Videochamada pelo Google Meet	40 minutos	4 páginas
Esther Grossi	Videochamada pelo Google Meet	30 minutos	5 páginas
Maria Rita	Videochamada pelo Google Meet	30 minutos	4 páginas
Sandra de Deus	Videochamada pelo Google Meet	30 minutos	4 páginas
Djamila Ribeiro	Videochamada pelo Google Meet	30 minutos	4 páginas
Mietta Santiago	Videochamada pelo Google Meet	30 minutos	4 páginas
Carlota de Queirós	Videochamada pelo Google Meet	50 minutos	8 páginas
Laudelina Melo	Videochamada pelo Google Meet	30 minutos	5 páginas

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

3.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Para análise dos dados da pesquisa, optou-se pela metodologia da Análise de Conteúdo (Bardin, 2011). Para a referida autora, “A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas e análises das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens.” (p. 33).

O material obtido com o método de análise de conteúdo se mostra mais estável e constitui um material objetivo ao qual sempre podemos voltar todas as vezes que desejarmos. Bardin (2011) assinala três etapas básicas no trabalho com a análise de conteúdo: 1) pré-análise; 2) exploração do material, categorização ou codificação; 3) tratamento dos resultados, inferências e interpretação. Com esta abordagem, o material da pesquisa se torna mais coerente entre as fases, em que o rigor não deixa que exista ambiguidades.

A organização do material através desta análise permite compreender melhor os estudos que estão sendo produzidos, auxiliando e trazendo sentido no entendimento do que está por trás dos discursos.

3.5 QUESTÕES ÉTICAS

Para que esta pesquisa fosse realizada de forma legal e ética, o projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética (CEP) do Instituto Federal Farroupilha por meio da Plataforma Brasil e sua continuidade se deu apenas após ser concedido o seu avanço. A sequência aconteceu apenas com a autorização deste comitê.

As participantes tiveram suas identidades reservadas e suas falas foram preservadas. As colaboradoras foram contatadas individualmente, sendo fundamental a aprovação e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO 2) para iniciar as entrevistas. Todas as colaboradoras receberam o Termo de Confidencialidade (ANEXO 3), respaldando o sigilo das informações bem como o anonimato dos colaboradores.

Estas entrevistas foram agendadas previamente, com horário e local mais confortáveis às participantes, estimando uma hora de duração. Todas as intervenções foram gravadas pela pesquisadora, transcritas e analisadas. Após, foi dado o retorno às colaboradoras.

As informações ficaram sob responsabilidade da autora do trabalho e serão armazenadas por cinco anos e após excluídas. A participação na pesquisa se deu de forma anônima e voluntariamente. Portanto, as colaboradoras puderam ser informadas de todos os procedimentos a qualquer momento, podendo retirar sua participação a qualquer momento, sem sofrer nenhuma punição ou prejuízo.

3.6 DESPESAS E DANOS

Não houve despesa alguma e nem compensação financeira durante a participação na pesquisa. Os gastos necessários para a participação na pesquisa foram assumidos pela autora da pesquisa. Entretanto, em caso de danos ou despesas comprovadas oriundas desta pesquisa ocorresse à participante, a mesma seria indenizada e ressarcida pela pesquisadora.

Em relação a guarda de dados das participantes, esses que foram coletados ficarão sob responsabilidade da autora do trabalho contra eventual extravio ou vazão de informações sigilosas, e ficarão armazenados digitalmente, em um HD externo, por um período mínimo de cinco anos, a contar da publicação dos resultados da pesquisa realizada, com a autora do trabalho e após serão destruídas e inutilizadas.

3.7 RISCOS

Os riscos em participar da pesquisa eram mínimos. Poderia ocorrer de alguma participante da pesquisa se emocionar durante a entrevista, ocasionando algum incômodo, desconforto, podendo parar sua participação a qualquer instante.

Caso o desconforto ocorresse de forma intensa, a entrevistada seria encaminhada a um profissional especializado da saúde, no que se referisse em atendimento médico e psicológico, de sua escolha, com acompanhamento da autora do trabalho e os custos seriam de responsabilidade da mesma.

3.8 BENEFÍCIOS

Os benefícios e vantagens desta pesquisa serão ampliar as reflexões e ressignificações acerca da ligação de fatores que se entrelaçam na constituição do

respeito das diversidades de gênero, corroborando nas discussões e pesquisas sobre o ensino na Educação Profissional e Tecnológica.

Com isso, é possível ampliar o horizonte de compreensão em torno dos fatores que envolvem essa construção, trazendo pesquisas sobre o tema, abordando sobre a importância da mesma e contribuindo cientificamente para a sociedade.

Importante mencionar que os resultados encontrados nesta pesquisa serão divulgados em meios de comunicação e eventos da Educação, capítulos de livros, artigos etc., objetivando colaborar na área da educação profissional e tecnológica, podendo contribuir nas práticas de ensino no contexto de sala de aula.

Diante destas reflexões, pode-se discernir sobre as práticas educativas ofertadas e seus efeitos no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes dos cursos integrados da EBPT.

Desta forma, os benefícios e vantagens aos participantes da pesquisa será a possibilidade de desfrutarem de um curso, disponibilizado em uma plataforma digital de forma autoinstrucional, criado e destinado para a contribuição de ações educativas, que será executado como produto educacional.

3.9 RESULTADOS ESPERADOS

Sobre os resultados esperados pela pesquisa, pretendemos, a partir deste estudo, compreender como e se têm sido abordadas as questões de gênero nos cursos integrados do IFFarroupilha, identificar a maneira que os significados sobre gênero estão sendo compartilhados e naturalizados e conhecer as representações dos docentes dos cursos integrados sobre gênero na EPT. Esse conhecimento está sendo divulgado em revistas, periódicos, artigos, eventos científicos e capítulos de livros, visando contribuir para a produção de reflexão e ressignificação sobre o tema desta pesquisa.

Por fim, foi construído um produto educacional a partir das demandas apontadas pelas participantes da pesquisa no intuito de refletir sobre a equidade de gênero. Este produto educacional estará disponível no repositório do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) e no site: <https://conecta.iffarroupilha.edu.br/> , promovendo o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem.

3.10 PRODUTO EDUCACIONAL

As Rodas de Conversa são encontros dialógicos e interativos que promovem a ressignificação de saberes e sentidos a partir das experiências dos participantes, possibilitando a reflexão sobre si mesmo e o mundo, fazendo com que os sujeitos se comuniquem e se compreendam mutuamente. Nela, há uma proposta de autonomia que está vinculada à curiosidade, entendida como um direito à liberdade de desconstruir preconceitos. A curiosidade é destacada como elemento essencial para o desenvolvimento da criticidade. Nesse contexto, o papel do facilitador é marcado por sua atitude curiosa, caracterizada pela disposição de emergir e submergir na curiosidade, ouvindo mais do que falando. (Freire, 2012)

Estas Rodas de Conversa foram pensadas primeiramente pelos apontamentos das próprias alunas, solicitando por momentos de interlocução, seguido pelas necessidades identificadas de maior profundidade na abordagem sobre a questão de gênero, de mais conhecimento sobre o que são as representações de gênero, de maior conhecimento sobre o conceito de equidade e de preocupação com a objetificação da mulher. As configuramos para serem realizadas em 2 momentos distintos, ou seja, em 2 Mesas. Na 1ª Mesa estariam 2 convidadas e na 2ª Mesa estariam 3 convidadas. Ao final de cada uma das Mesas foi disponibilizado um formulário contendo alguns questionamentos sobre a Mesa no intuito de organizar um processo de validação do nosso produto educacional.

3.11 ARTIGOS INTEGRADOS

O texto desta dissertação usa em sua estrutura artigos integrados, justificando a decisão com base na conformidade com a produção científica no Brasil. Esses artigos integrados são formatados conforme as diretrizes do periódico escolhido para submissão.

Conforme o Manual de Dissertações e Teses da UFSM (2015), as dissertações de mestrado devem incluir, no mínimo, um artigo elaborado conforme as normas do periódico escolhido e as listas de referências presentes nos artigos não precisam ser repetidas na dissertação.

4 ANÁLISE DE INTERLOCUÇÕES DE DADOS

Neste capítulo, serão apresentados e analisados os resultados da coleta de dados realizados na pesquisa, em forma de artigo. Cada artigo está formatado conforme a revista escolhida para submissão. Também serão discutidas as contribuições para o conhecimento existente, além de possíveis aplicações e direções para pesquisas futuras. A análise foi apoiada na abordagem de análise de conteúdo de Bardin (2011). Essa metodologia permitirá uma exploração aprofundada das respostas, buscando significados em cada subcapítulo abordado ao longo da pesquisa.

No subcapítulo de título “Equidade de gênero nos cursos integrados da EPT: abordagens e práticas educativas”, apresentamos o Estado do Conhecimento.

No subcapítulo de título “As práticas educativas dos cursos integrados do IFFAR - campus Jaguari: narrativas de gênero vivenciadas por alunas”, buscamos compreender como e se tem sido abordada a questão de gênero nos cursos integrados do IFFar - Campus Jaguari.

No subcapítulo de título “Representações estudantis sobre gênero nos cursos integrados da EPT”, procuramos compreender quais as representações estudantis sobre gênero nos cursos integrados da EPT.

No subcapítulo de título “Ciclos Formativos gênero e feminismo na EPT: discussões necessárias”, apresentamos o relatório de um Produto Educacional desta pesquisa que aconteceu a partir das necessidades apontadas nas entrevistas, sendo construído com base nos dados produzidos/sistematizados entre a pesquisadora e as colaboradoras da pesquisa.

4.1 EQUIDADE DE GÊNERO NOS CURSOS INTEGRADOS DA EPT: ABORDAGENS E PRÁTICAS EDUCATIVAS

EQUIDADE DE GÊNERO NOS CURSOS INTEGRADOS DA EPT: abordagens e práticas educativas¹

Lilian Morim Prates

¹ Artigo em processo de submissão: ESPACIALIDADES, Natal - Rio Grande do Norte - Brasil. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/espacialidades>

Vantoir Roberto Brancher
Ana Cláudia de Oliveira da Silva

RESUMO:

Este estudo consiste em uma pesquisa bibliográfica, que objetiva identificar trabalhos publicados nos últimos cinco anos sobre a temática Equidade de Gênero na Educação Profissional e Tecnológica (EPT). Pode-se evidenciar diversas publicações nos repositórios acadêmicos da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), no Portal de Periódicos da CAPES e na Scientific Electronic Library Online (SciELO). Buscou-se fazer um aprofundamento sistemático sobre equidade de gênero na educação, com ênfase nos cursos integrados da EPT. Desta forma, a análise dos resultados encontrados tornou possível identificar o quantitativo de temas que estão vinculados a essa questão. Os resultados apontam que a discussão sobre equidade de gênero é vasta, mas que ainda precisa adentrar mais especificamente na EPT.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Feminismo. Educação Profissional e Tecnológica.

GENDER EQUITY IN EPT INTEGRATED COURSES: educational approaches and practices

ABSTRACT:

This study consists of a bibliographical research, which aims to identify works published in the last five years on the topic of Gender Equity in Professional and Technological Education (EPT). Several publications can be seen in the academic repositories of the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD), on the CAPES Periodicals Portal and on the Scientific Electronic Library Online (SciELO). We sought to systematically deepen gender equity in education, with an emphasis on integrated EPT courses. In this way, the analysis of the results found made it possible to identify the number of themes that are linked to this issue. The results indicate that the discussion on gender equity is vast, but that it still needs to be more specifically addressed in EPT.

KEYWORDS: Gender. Feminism. Professional and Technological Education.

1. Introdução

A educação tem um papel muito importante como propulsora da sociedade. É ela que transforma a nossa realidade social, podendo ser responsável pela formação de pensamentos críticos, assim como pela formação de pessoas que sejam capazes de modificar o mundo em algo melhor. Portanto, discutir sobre equidade de gênero em espaços de formação faz com que aconteçam outros caminhos, escolhas e possibilidades que promovam o respeito às diferenças.

É importante mencionar que os cursos integrados têm um papel fundamental na transformação do sujeito social, buscando através da educação promover a formação integral do aluno. Silva (1999) aborda que o currículo tem a intenção de modificar os seres que irão se beneficiar dele, fazendo eles se tornarem um tipo de ser humano desejável para um certo tipo de sociedade. Assim, uma educação baseada na construção de sujeitos críticos e reflexivos vai ao encontro da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), ofertada nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs), pertencentes à Rede Federal de Ensino Profissional, Científica e Tecnológica.

O ensino na Educação Profissional e Tecnológica visa a formação de um sujeito autônomo, capaz de compreender e transformar a sua realidade e a realidade a que está inserido (BRASIL, 2010). Nesta perspectiva, entendemos que os cursos integrados buscam, através da educação, possibilitar esta formação integral, tendo um compromisso na mudança de pensamento dos sujeitos. Conforme Santana (2019), é válido afirmar que a educação é uma ferramenta, como também, a possibilidade de transformar a vida dos indivíduos, e para melhor.

Menezes (2013) traz a reflexão de que uma das funções das instituições de ensino seria o de orientar e construir conhecimentos sobre desigualdade de gênero e sexismo. Tornar-se-ia necessário que a escola oportunize debates sobre as questões de equidade de gênero, ajudando na conscientização de novas formas de pensar, construindo um mundo com mais igualdade e menos preconceito, desconstruindo algumas instâncias/perspectivas da nossa sociedade.

2. Metodologia

Este estudo trata-se de pesquisa bibliográfica através da revisão de literatura, embasada em produções acadêmicas publicadas nas seguintes plataformas: na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, no Portal de Periódicos da CAPES, na Scientific Electronic Library Online – SciELO. Foram analisadas as publicações e produções científicas que foram realizadas no idioma português, nos últimos 5 anos, sobre a temática Equidade de Gênero na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), visando refletir como essa questão tem sido abordada em sala de aula.

Para sua elaboração, fizeram-se buscas com as palavras “equidade de gênero” “gênero”, “feminismo”, “educação”, “educação profissional e tecnológica” e “educação básica” nos meios acima citados. Os critérios de inclusão utilizados para abarcar produções científicas que contribuíram com esta revisão de literatura serão apresentados no quadro abaixo:

Quadro 1 - Critérios para triagem de documentos da Revisão de Literatura

Fase	Sequencial	Nomenclatura	Descrição
I	Critério 1	Temporal	Com a finalidade de abarcar apenas a produção acadêmica mais recente sobre o tema, definiu-se pela limitação em trabalhos publicados dentro do período de 2019 até 2024 (últimos cinco anos).
	Critério 2	Gênero textual	Definiu-se que o enfoque seriam Produções Acadêmicas publicadas em periódicos revisados por pares.
	Critério 3	Linguístico	Optou-se por fazer a leitura apenas das produções acadêmicas produzidas em Língua Portuguesa.
	Critério 4	Análise textual	Far-se-á, por fim, a leitura dos resumos e, se necessário, a leitura da integralidade do artigo, a partir do questionamento: “Este trabalho analisa como e se a questão de Equidade de Gênero tem sido abordada em sala de aula?”

Fonte: Elaborado pelo Pesquisador (2024)

Em um primeiro momento, foi feita uma pesquisa na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD. Foi usada a busca avançada, filtrando em critérios descritos no quadro 1. Foram usados os descritores “equidade de gênero, feminismo e educação”, “equidade de gênero, feminismo e educação profissional e tecnológica”, “equidade de gênero, feminismo e educação básica”, “gênero, feminismo e educação”, “gênero, feminismo e educação profissional e tecnológica” e “gênero, feminismo e educação básica”. Nesta biblioteca, foram encontradas 167 produções utilizando esses conjuntos de termos, mas apenas seis produções foram selecionadas para serem analisadas, por atender aos critérios.

Na sequência, acessamos o Portal de Periódicos da CAPES, através da Comunidade Acadêmica Federada (CAFe), pelo IFFar. Também usamos a busca avançada, os mesmos filtros utilizados na biblioteca anterior, assim como os mesmos descritores. Na CAPES foram encontradas 106 produções utilizando esses agrupamentos

de palavras. Apenas quatro produções foram selecionadas por atender aos critérios de inclusão descritos.

Por fim, fizemos uma intensa pesquisa na biblioteca Scientific Electronic Library Online – SciELO. Utilizamos os mesmos filtros e descritores para as buscas e foram encontradas 20 produções ao usar esse mesmo grupo de palavras já utilizado nas outras bibliotecas. Destas, apenas duas produções atendiam aos critérios para serem selecionadas para o trabalho.

Diante disso, utilizando na busca avançada os filtros e descritores mencionados acima, para nos levarem ao tema da nossa pesquisa, chegamos a um total de 293 produções científicas encontradas. Em seguida, foram selecionadas e restaram um total de 12 trabalhos que foram analisados.

Para análise dos resultados obtidos, bem como para realizar a seleção dos trabalhos, foram lidos, em um primeiro momento, os títulos pertinentes às respectivas obras e, logo após, foram feitas as leituras dos resumos, que serviram para auxiliar a seleção dos trabalhos que faziam alusão a temática de equidade de gênero na EPT. Após, foram realizadas as leituras das introduções e metodologias dos referidos trabalhos, com o objetivo de selecioná-los para o estudo.

Por sua vez, foram excluídas produções científicas que abordaram temáticas que não cabem ao teor desse estudo, como brincadeiras no âmbito escolar, bullying, capacitação desigual entre gêneros, violência, entre outras.

Gráfico 1 - Resultados das bibliotecas pesquisadas



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2024)

3. Mapeamento das Produções

Realizando uma análise sobre as produções científicas, cujas temáticas estavam em concordância com o que se propõe esse estudo, em um primeiro momento, foi realizado uma breve leitura dos títulos e de seus respectivos resumos. Assim, foi feita uma seleção de todos os trabalhos que abordassem equidade de gênero no âmbito educacional.

Para melhor organização, foi feito um fichamento dos dados coletados, contendo os seguintes itens para serem analisados: Título; Autor (a); Instituição; PPG; Tipo; Ano; Site; Objetivos; Principais autores/as utilizados/as; Metodologia; Metodologia; Forma de coleta; Forma de análise; Principais achados; Resultados; e Observações importantes.

Em seguida, os trabalhos foram categorizados cronologicamente, a partir do grupo de descritores usados para fazer as pesquisas, como mostra o quadro 2:

Quadro 2 - Resultado da busca nos bancos de dados

GRUPO DE DESCRITORES	BIBLIOTECAS PESQUISADAS															
	BDTD					CAPES					SCIELO					
	2019	2020	2021	2022	2023	2019	2020	2021	2022	2023	2019	2020	2021	2022	2023	2024
EQUIDADE DE GÊNERO, FEMINISMO E EDUCAÇÃO	14	13	5	6	8	1	0	5	4	3	0	0	0	0	0	0
EQUIDADE DE GÊNERO, FEMINISMO E EPT	2	1	1	0	4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
EQUIDADE DE GÊNERO, FEMINISMO E EDUCAÇÃO BÁSICA	2	3	2	1	4	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
GÊNERO, FEMINISMO E EDUCAÇÃO	8	10	6	4	12	9	19	24	8	15	1	1	4	3	6	3
GÊNERO, FEMINISMO E EPT	11	9	13	11	9	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0
GÊNERO, FEMINISMO E EDUCAÇÃO BÁSICA	1	2	1	2	2	4	4	1	2	3	0	0	1	0	0	1
Total	167					106					20					

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2024)

Ao finalizar as categorizações, apontou o resultado conforme a Tabela 1, direcionando produções científicas escolhidas para análise de conteúdo, indo de acordo com o objetivo da investigação. Destas 293 produções encontradas, foram selecionados alguns trabalhos que abordavam e estavam ao encontro do interesse da pesquisa. Desta forma, ao final das análises acima citadas, chegamos ao total de doze pesquisas relacionadas aos nossos objetivos, conforme tabela abaixo:

Tabela 1 - Produções encontradas e produções selecionadas para este estudo

ANO DA DEFESA	PRODUÇÕES ENCONTRADAS	PRODUÇÕES SELECIONADAS
2019	54	1
2020	62	5
2021	63	2
2022	42	0
2023	68	4
2024	4	0
TOTAL	293	12

Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2024)

A partir da leitura dos resumos, buscou-se trabalhos que respondessem a seguinte questão: “Este trabalho analisa como e se a questão de Equidade de Gênero tem sido abordada em sala de aula?” Desta forma, muitos trabalhos foram encontrados com a temática equidade de gênero, mas apenas 12 foram selecionados por estarem mais de acordo com a pesquisa que será feita. Nestes trabalhos temos 3 Dissertações e 9 Artigos.

No próximo quadro, serão apresentadas as 12 produções selecionadas para o presente estudo, em que estão evidenciados os Programas de Pós-graduação e as revistas em que foram publicados os trabalhos que serviram de base para esta investigação:

Quadro 3 - Produções selecionadas para descrição

Autor(a)	Título	IES/ PPG/Revista	Tipo/Ano
Lia Machado Fiuza Fialho e Francisca Genifer Andrade de Sousa	Feminismo e machismo na escola: desafios para educação contemporânea	Universidade Estadual do Ceará (UECE) Interfaces Científicas	Artigo 2019
Tábata dos Santos Fioravante, Vantoir Roberto Brancher, Heloísa Cordeiro Moreira	Gênero, sexualidade e diversidade sexual na educação profissional e tecnológica: os núcleos de gênero e diversidade	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha (IFFAR) Revista Educação, Pesquisa e Inclusão	Artigo 2020
Meirylane Lopes da Silva e Tânia Rodrigues Palhano	Direitos Humanos e Ciberfeminismo: novos olhares sobre a discussão de gênero nas instituições educacionais	Universidade La Salle (UNILASALLE) Revista de Educação, Ciência e Cultura	Artigo 2020
Shaiani Aragão Valle	Gênero e feminismo: saberes que permeiam o ensino médio em uma escola estadual de Santa Catarina	Universidade Regional de Blumenau (FURB) Programa de Pós-Graduação em Educação	Dissertação 2020
Mônica Maria de Almeida	As possibilidades e os limites das discussões de gênero no ensino de sociologia numa escola da rede estadual em Caruaru-PE	Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) Mestrado Profissional em Rede Nacional	Dissertação 2020

Maria da Conceição Freitas	Empoderamento feminino e literatura: uma proposta didática para o ensino	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Anuário de Literatura	Artigo 2020
Edna Santos Sampaio e Silvana Maria Gritti	Gênero e equidade na escola do campo	Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) Revista Periferia	Artigo 2021
Iris Dayane Guedes Lira	Feminismos em 280 caracteres: o twitter como espaço educativo	Universidade Federal da Paraíba (UFPB) Programa de Pós-Graduação em Educação	Dissertação 2021
Elaine de Oliveira Souza Fonseca e Eugebia Paula da Rocha	Mulher não cabe em caixinha: Problematizando machismos e feminilidades a partir da música “Perfeitinha”	Universidade Estadual Paulista (UNESP) Doxa: Revista Brasileira de Psicologia e Educação	Artigo 2023
Adriano André Maslowski e Andressa Tauane Vieira Martins	Feminismo e Educação: caminhos e desafios na busca da equidade	Faculdade Santo Ângelo (FASA) Revista Contemporânea	Artigo 2023
Elaine de Jesus Souza e Eugebia Paula da Rocha	Minha feminilidade não é vivida nos padrões”: (des)construções estudantis acerca de feminismos e feminilidades	Universidade Federal da Bahia (UFBA) Revista Feminismos	Artigo 2023
Lívia Barbosa Pacheco Souza e Karla Thaís Lacerda de Jesus	Precisamos ou não falar de gênero na escola?	Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação	Artigo 2023

Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2024)

A partir dos dados surgidos nas pesquisas, entende-se que os trabalhos que analisam a temática estudada não são exclusivamente pertencentes aos Programas de Pós-graduação de Ensino ou Educação, evidenciando que os estudos de equidade de gênero são abordados em diversas áreas. Diante disso, as produções selecionadas serão analisadas para podermos apresentar o que os estudos acadêmicos abordam sobre esta temática pesquisada.

4. Descrição das publicações analisadas

Ao realizar essa pesquisa sobre equidade de gênero no âmbito educacional, buscaram-se publicações que pudessem contribuir para ampliar a reflexão crítica sobre essa questão, ajudando a construir uma cultura igualitária em nossa sociedade. Desta forma, entendemos que nossa pesquisa se torna muito importante para a produção de conhecimento e geradora de discussões sobre esse tema que necessita ser repensado.

Começaremos analisando o trabalho “Feminismo e machismo na escola: desafios para a educação contemporânea” da autoria de Lia Machado Fiuza Fialho e Francisca Genifer Andrade de Sousa (2019). Entendemos que o objetivo centrou em compreender os conhecimentos de professores da educação básica sobre feminismo e machismo, assim como as práticas educativas que desenvolvem para trabalhar questões de gênero na escola. O estudo foi baseado em uma pesquisa qualitativa, da forma de estudo de caso, em uma escola pública municipal da cidade de Fortaleza, no estado do Ceará. (FIALHO; SOUZA, 2019).

Para a coleta de dados, alguns professores desta escola participaram da pesquisa, através de entrevistas, pois segundo as autoras Fialho e Souza (2019), “o posicionamento do professor pode contribuir de maneira crucial para a efetivação de valores indispensáveis à formação do aluno no sentido de respeito à diversidade ou de reprodução de preconceitos a depender da sua intervenção educacional.” (p. 37)

As autoras refletem sobre o machismo e sobre o feminismo, mencionando que o feminismo não pode ser entendido como oposição ao machismo e sim como um movimento social e político. Também comentam sobre a manutenção da tradição machista no âmbito educacional, através de brinquedos diferenciados para os meninos e para as meninas, corroborando com a dualidade e a desigualdade de gêneros, fortalecendo “conscientemente ou inconscientemente, a naturalização dos comportamentos e dos valores sexistas”. (FIALHO; SOUZA, 2019, p. 41)

Elas observaram que entre as professoras entrevistadas há uma compreensão limitada dos conceitos de machismo e feminismo e que essa realidade demonstra a urgência de refletir sobre, segundo Fialho e Souza (2019, p. 43) “questões culturais instituídas como normas e padrões que precisam ser problematizados e desnaturalizados”.

A partir de um conhecimento mais aprofundado sobre essas questões, é possível estabelecer práticas educativas críticas que proporcionem igualdade entre os gêneros.

Fialho e Souza (2019) discutiram que existe uma possível omissão das professoras e essa condição naturaliza o machismo, não promovendo a conscientização para que aconteça a igualdade e respeito às pluralidades. Elas também discorrem sobre a importância do posicionamento do professor em suas práticas educativas para contribuir numa cultura de valorização da mulher.

No artigo intitulado “Gênero, sexualidade e diversidade sexual na educação profissional e tecnológica: os núcleos de gênero e diversidade”, os autores Tábata dos Santos Fioravante, Vantoir Roberto Brancher e Heloísa Cordeiro Moreira (2020) usaram a metodologia qualitativa, de caráter descritivo, usando como fonte de pesquisas material documental.

Para abordar sobre as questões de gênero, o trabalho foi embasado teoricamente em Joan Scott, Guacira Lopes Louro, Ana Maria Colling e Pierre Bourdieu. O objetivo principal desta pesquisa é

apresentar o Núcleos de Gênero e Diversidade Sexual de um Instituto Federal do Sul do país como possibilidade de diálogo sobre a temática e enfrentamento de violências na escola, em especial na Educação Profissional e Tecnológica, visando um ambiente mais inclusivo e igualitário. (FIORAVANTE; BRANCHER; MOREIRA, 2020, p. 207)

Os autores discutem sobre os papéis sociais e construções culturais, levando a entender sobre as representações de gênero, nas diferenças percebidas entre os sexos feminino e masculino e nas relações de poder existentes entre eles. Comentam que atualmente a dominação masculina não se apresenta mais como algo estável e imutável, podendo ser alteradas por quebras de paradigmas. (FIORAVANTE; BRANCHER; MOREIRA, 2020)

Fioravante, Brancher e Moreira salientam que o papel da escola é fundamental para que ocorra uma mudança de pensamentos, pois “deve combater os pensamentos estereotipados e antidemocráticos” (2020, p. 212), pois

A escola deve romper com o consenso das “vocações” consideradas femininas ou masculinas, visto que a lógica por trás dessas “vocações” é produzir

expectativas nos indivíduos que se esforçam, muitas vezes através de sofrimento, para alcançá-las. (p. 212)

Neste trabalho, os autores também observam que o papel da escola vai além de preparar os sujeitos para o mercado de trabalho, mas preparar os alunos para serem sujeitos ativos, éticos e responsáveis, através de uma educação omnilateral, de acordo com os objetivos propostos pela Educação Profissional e Tecnológica (EPT), oferecidas nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs). (FIORAVANTE; BRANCHER; MOREIRA, 2020)

Os pesquisadores consideram que os Núcleos de Gênero e Diversidade (NUGEDIS) promovem ações muito importantes, pois suas atribuições “visam romper com as discriminações e preconceitos gerados pelas normas heteronormativas e pelo androcentrismo”. (FIORAVANTE; BRANCHER; MOREIRA, 2020, p. 214). Diante disso, eles acreditam que a existência dos NUGEDIS nos Institutos Federais possibilita debates e, assim, a construção de uma sociedade mais crítica e reflexiva, capaz de promover o respeito à diversidade de gênero. (FIORAVANTE; BRANCHER; MOREIRA, 2020)

Ao estudarmos o artigo “Direitos Humanos e Ciberfeminismo: novos olhares sobre a discussão de gênero nas instituições educacionais”, produzido por Meirylane Lopes da Silva e Tânia Rodrigues Palhano (2020) e tem por objetivo “a análise de atividades pedagógicas que despertem o interesse, a criticidade e a consciência político-social-ideológica de alunos/as.” (SILVA; PALHANO, 2020, p. 125). Esta produção científica faz alusão ao estudo de gênero na escola devido a sua importância, portanto as autoras optaram por

inserir essa temática dentro de uma abordagem voltada para a educação em Direitos Humanos, pois essa perspectiva educacional vem destacando-se como um dos principais instrumentos para a transformação da realidade vivenciada na contemporaneidade, principalmente frente à luta pela igualdade entre homens e mulheres e combate à violência de gênero, assim como pela necessidade de desconstruir ideias equivocadas quanto ao tema que se difundem entre os/as jovens. (SILVA; PALHANO, 2020, p. 125)

Segundo Silva e Palhano (2020), as inovações tecnológicas trouxeram a propagação do conhecimento, tornando esses instrumentos um potencial para promover a aprendizagem, se usados de maneira significativa e contextualizada. Diante disso,

mencionam sobre a importância das interações sociais desenvolvidas no espaço formativo digital e o quanto elas podem influenciar positivamente ou negativamente na compreensão de si mesmos e dos outros.

As autoras comentam sobre a relevância da reflexão sobre o ciberfeminismo no ambiente escolar. Elas abordam o ciberfeminismo “como um movimento heterogêneo que preza pelo empoderamento feminino e rompimento com as estruturas patriarcais a partir das práticas feministas em rede.” (SILVA; PALHANO, 2020, p. 126).

No artigo, os Direitos Humanos são mencionados como parte do processo educativo, sendo possível a partir deles reconhecer a diversidade como algo positivo e construtivo de múltiplas identidades. Neste contexto, emergem temas sobre identidade de gênero e os feminismos que necessitam ser dialogados no ambiente escolar. (SILVA; PALHANO, 2020)

Em sua conclusão, as autoras mencionam sobre a importância de refletir sobre a questão de gênero no ambiente escolar, rompendo com o sexismo e com o pensamento androcêntrico. Para isso, torna-se importante despertar o senso crítico dos alunos e alunas para usarem as novas tecnologias positivamente, valendo-se do ciberfeminismo como voz à resistência feminina. (SILVA; PALHANO, 2020)

A dissertação “Gênero e feminismo: saberes que permeiam o ensino médio em uma escola estadual de Santa Catarina”, da autora Shaiani Aragão Valle (2020), é uma pesquisa de campo, com abordagem qualitativa e quantitativa, efetivando-se pela análise das falas dos estudantes. Teve como objetivo geral compreender a educação escolar sobre questões de gênero e feminismo a partir do ponto de vista de estudantes do Ensino Médio. (VALLE, 2020)

Em seu trabalho, a autora se baseou nas seguintes autoras: Guacira Louro, Michel Foucault, Judith Butler, Joan Scott, Pierre Bourdieu etc. No decorrer da pesquisa, Valle (2020) identificou que entre os participantes existe a compreensão sobre o que é feminismo e uma outra parcela tem uma ideia aproximada do que seja: “Ainda assim, percebi que predominância das falas está munida com o aprendizado ensinado pela

sociedade machista e patriarcal, em que o gênero masculino deve ser visto como soberano em todos os aspectos sociais, políticos e familiar.” (p. 77).

Segundo Valle (2020):

Desvelar este estigma é um processo árduo, porque mesmo na geração de jovens da atualidade, estão submersos a esta visão trazida pelas suas famílias e sociedade. Mas eles estão culpados?! Acredito que não, pois esta é ainda a constituição da nossa sociedade que submete e subjuga o gênero feminino a ser servil e obediente. Mesmo com inúmeros movimentos nacionais e mundiais, e tantas conquistas, a mulher está distante da igualdade em relação ao homem. (p. 77)

Quanto ao gênero, a autora comenta que os discursos demonstram confusão sobre os termos, faltando orientação, o que poderia ser oferecida no âmbito escolar para melhor compreensão do mundo. Ela aduz que por mais que exista muitas informações disponíveis nas redes, é na escola que os conteúdos devem ser mais direcionados, de maneira mais objetiva. (VALLE, 2020).

Valle (2020) conclui que “somente a partir de políticas públicas e educacionais a temática pudesse ser abordada de forma elucidativa” (p. 78), para os alunos e sua família, pois tanto o âmbito escolar, como o âmbito familiar, são ambientes que conduzirão os estudantes para formar suas convicções.

Analisando a dissertação “As possibilidades e os limites das discussões de gênero no ensino de sociologia numa escola da rede estadual em Caruaru-PE”, de Monica Maria de Almeida (2020), vimos que a autora objetivou analisar como a categoria de gênero é trabalhada no Ensino Médio em uma escola pública estadual integral de Ensino Médio no município de Caruaru/PE, com ênfase no ensino de Sociologia. Para sua pesquisa foram usados questionários, entrevistas e grupos focais, presencialmente. (ALMEIDA, 2020)

Foram usados alguns autores que se aprofundam sobre os estudos de gênero e suas relações de dominação, destacando, entre eles: Simone de Beauvoir, Guacira Louro, Joan Scott, Michel Foucault. A autora também destaca sobre a importância em entender as formas de controle e dominação presentes nas relações desiguais de gênero. (ALMEIDA, 2020).

Neste estudo, é referido que a escola ocupa um lugar de relevância na formação de jovens críticos, podendo exercer um papel muito importante na reflexão sobre a questão de gênero. De outro modo, o âmbito escolar também carrega uma bagagem de definições de papéis sociais, colocando o gênero feminino como inferior ao gênero masculino. (ALMEIDA, 2020).

O objetivo central do trabalho é

a análise de como a categoria de gênero pode e deve ser trabalhada no ensino de sociologia, partindo da compreensão de que o estudo de tal categoria é central para o entendimento das diversas formas de desigualdades, de injustiças e de práticas de violência ocorridas na sociedade, em específico contra as mulheres. (ALMEIDA, 2020, p. 14).

A autora aborda sobre gênero, dialogando sobre as desigualdades entre homens e mulheres, demonstrando a importância de entender o porquê da existência da luta contra as desigualdades entre mulheres e homens. Também discorre sobre o histórico do movimento feminista demonstrando que “foi a partir desses grupos de mulheres que o conceito de gênero começou a ser analisado”. (ALMEIDA, 2020, p. 15)

Ficou concluído sobre a necessidade de discussões e debates sobre a questão de gênero, sendo este de fundamental importância para a formação de indivíduos críticos e reflexivos, desnaturalizando o sexismo. A partir desta conclusão, foi pensada na realização de um trabalho educativo a ser realizado na escola que foi realizada a pesquisa. (ALMEIDA, 2020).

No artigo “Empoderamento feminino e literatura: uma proposta didática para o ensino”, Maria da Conceição Macedo de Freitas (2020) comenta sobre a importância do diálogo sobre o feminismo na educação básica para desconstruir os preconceitos preestabelecidos em relação à mulher. Desta forma, este trabalho tem por objetivo:

apresentar às comunidades acadêmica e educacional abordagens metodológicas e literárias, que oportunizem a relação literatura e leitor, destacando a temática empoderamento feminino para o trabalho docente que fomente a formação do leitor literário. É intento desta pesquisa, ainda, discutir sobre o empoderamento feminino, bem como o papel e o espaço da mulher na história do Brasil, e na literatura clássica e contemporânea. (FREITAS, 2020, p. 203)

A autora menciona sobre a importância da ação docente direcionada pelo letramento literário, focando em temas de importância, como o empoderamento

feminino, ocasionando em uma reconstrução ideológica e identitária do leitor em formação. Desta forma, foi intento deste trabalho “refletir o empoderamento feminino como um processo de ruptura da opressão patriarcal no meio artístico-literário e político-social, a fim de compreender como se sucedeu (e ainda se sucede) a luta feminina pelos direitos de igualdade e equidade.” (FREITAS, 2020, p. 205)

Este trabalho oportunizou uma pesquisa interventiva, através da produção de uma sequência didática que trouxesse como tema a reflexão sobre o empoderamento feminino, visando um processo de ruptura da opressão patriarcal e a compreensão da luta feminina em busca dos direitos de igualdade e equidade. Esta sequência didática se deu através da leitura de contos contemporâneos e clássicos, através do letramento literário, contextualizando o tema do empoderamento feminino. (FREITAS, 2020)

O artigo “Gênero e equidade na escola do campo”, de Edna Santos Sampaio e Silvana Maria Gritti (2021), foi construído através de uma pesquisa-ação realizada na escola do campo. Sua fundamentação teórica foi apoiada “nos estudos de gênero, do feminismo, dos movimentos campestinos, da escola do campo e das legislações vigentes sobre cada tema. (SAMPAIO; GRITTI, 2021, p. 250)

A autora debate sobre gênero na escola de campo, comentando sobre sua importância, pois reflete sobre a formação de consciência da realidade em que os estudantes estão inseridos. Diante disso, busca romper com o pensamento formado historicamente, trazendo compreensão em prol de justiça e equidade. (SAMPAIO; GRITTI, 2021)

Para discutir sobre a temática de gênero na escola foram oportunizados seminários, com a participação efetiva de seus sujeitos. Cada sujeito contribuiu com suas ideias a respeito dos assuntos abordados, através de atividades que dialogassem com a presença do patriarcado nas famílias, provocando o debate sobre, segundo Sampaio e Gritti (2021, p. 261), os “novos olhares para a padronização das famílias no Brasil”.

Sampaio e Gritti (2021) concluíram que

As questões de gênero têm uma longa jornada para a efetivação como pauta dentro das escolas, pois muitas dúvidas e confusões fazem com que os

preconceitos se destaquem, muitas vezes limitando o poder de fala de seus sujeitos. A formação das identidades de gênero é percebida dentro da escola, assim como a dificuldade dos alunos e dos professores (existe exceções) em falar sobre os temas de gênero podem ser um indicativo deste preconceito enraizado na sociedade brasileira. (SAMPAIO; GRITTI, 2021, p. 271 e 272)

Neste contexto, ficou entendido que a escola do campo ao fomentar reflexões sobre essas questões, se caracteriza como um espaço democrático e libertário, em que os sujeitos são compreendidos com equidade de direitos. Com este novo olhar para a educação, trazendo temas que rompem com padrões historicamente estabelecidos, os sujeitos aprendem e encontram novas maneiras de se integrar e conviver. (SAMPAIO; GRITTI, 2021)

Na dissertação “Feminismos em 280 caracteres: o twitter como espaço educativo”, de Iris Dayane Guedes Lira (2021), o twitter é colocado como ferramenta pedagógica, sendo compreendido como espaço educativo. O trabalho tem como objetivo compreender como estratégias educativas são acionadas nas pautas feministas postadas no Twitter com finalidade de problematizar e denunciar desigualdades entre homens e mulheres e, desse modo, educar sobre as relações de gênero. (LIRA, 2021).

Para a pesquisa foi utilizada a netnografia educacional, visando entender as interações sociais por meio das intervenções tecnológicas, através do mapeamento de pautas feministas mais recorrentes no Twitter e de que modo esse espaço tem se constituído como relevante para essas discussões. Foi feita uma análise de material empírico, produzido a partir da observação e de capturas de telas do Twitter. (LIRA, 2021).

O trabalho trouxe compreensão como estratégias educativas podem ser usadas nas pautas feministas postadas no Twitter, através de diferentes maneiras, “acionadas por ‘gatilhos’, que emergem na sociedade, tais como: violência contra mulher, feminicídios, racismos, entre outros.” (LIRA, 2021, p. 135), causando discussões e debates. Também foi percebido que quanto maior a repercussão em outras mídias sociais, maior a quantidade de hashtags no Twitter.

A autora ressalta que este trabalho buscou entender como o Twitter mobiliza aprendizagens de gênero e feminismos, através das suas postagens, educando a partir de

pautas culturais, sociais etc. E que as hashtags com pautas feministas “servem de veículos educacionais contemporâneos, que disseminam e levam importantes informações”. (LIRA, 2021, p. 136), mas que em contrapartida também disseminam o sexismo, machismo etc.

Lira (2021) conclui que este trabalho contribuiu com reflexões sobre estratégias educativas usadas por feministas no Twitter, assim como ressaltou as diversas maneiras para favorecer a luta tão importante pela equidade de gênero. Neste contexto, compreende-se a necessidade de refletir sobre as práticas educativas, podendo ser usadas para contribuir através de redes sociais, como o Twitter.

Ao analisar o artigo “Mulher não cabe em caixinha: Problematizando machismos e feminilidades a partir da música ‘Perfeitinha””, de Elaine de Oliveira Souza Fonseca e Eugèrbia Paula da Rocha (2023), entendemos que as autoras realizaram uma pesquisa qualitativa em três escolas de Educação Básica, usando a entrevista semiestruturada. O estudo “objetivou analisar as narrativas de jovens/mulheres estudantes acerca de feminismos e feminilidades no contexto escolar.” (FONSECA; ROCHA, 2023, p. 1)

As autoras refletem sobre a importância de problematizar e disseminar informações sobre temas abrangentes. Neste contexto, buscando romper com a desigualdade de gênero, destacando sobre a relevância de debater sobre essas temáticas no âmbito educacional, “engajando o público juvenil e adultos/as, para discutir além das desconstruções de machismo e demais preconceitos, os padrões hegemônicos de feminilidade.” (FONSECA; ROCHA, 2023, p. 4).

Elas mencionam que novas configurações culturais têm ganhado espaço no âmbito escolar. Segundo Fonseca e Rocha (2023):

constituindo, assim, um novo estado da cultura, fazendo com que muitas das representações disponibilizadas em distintos artefatos culturais alcancem as escolas e entrem em conflito com o conteúdo ensinado. Nesse sentido, a cultura da mídia tem ampliado os lugares em que nos informamos e aprendemos a pensar sobre nós mesmos, e sobre as múltiplas identidades/diferenças. (p. 5).

O estudo busca analisar a música Perfeitinha, de Enzo Rabelo, pois, segundo as autoras, esta música tenta passar uma mensagem de amor romantizado, mas esconde variados arquétipos de machismo escondidos, “com indicativos da mulher como

propriedade, além do estereótipo de mulher que foge padrões.”, assim como violência emocional. (FONSECA; ROCHA, 2023, p. 6).

As autoras concluem que a partir da letra desta música, aparecem discursos de desigualdade de gênero, além de violência contra a mulher. Mas a problematização da música como artefato cultural permite enxergar as nuances sutis que nela se escondem, provocando “problematizações e questionamentos sobre gênero e feminismos que instigam diversas reverberações em nossas práticas escolares.” (FONSECA; ROCHA, 2023, p. 14)

Neste horizonte, elas destacam a importância de incorporar as questões de gênero, feminismos e feminilidades nos currículos escolares. Assim, as práticas escolares poderão dialogar e romper com “os discursos e modelos cisheteronormativos que alicerçam violências, relacionamentos abusivos, preconceitos e desigualdades de gênero” (FONSECA; ROCHA, 2023, p. 14), favorecendo assim a equidade de gêneros.

O artigo “Feminismo e Educação: caminhos e desafios na busca da equidade”, de Adriano André Maslowski e Andressa Tauane Vieira Martins (2023) reflete sobre a busca pela equidade de gênero na educação, entendendo que ainda precisamos progredir muito, pois

mesmo havendo conquistas significativas, ainda é possível identificar desigualdades de gênero no acesso, permanência e conclusão de diferentes níveis de ensino, bem como na valorização e representatividade de mulheres em cargos de liderança no ambiente educacional. (MASLOWSKI; MARTINS, 2023, p. 27947)

Sendo assim, este trabalho mostra os desafios pedagógicos enfrentados e que somente através da educação é possível atingir uma sociedade igualitária. Diante disso, seu objetivo é “discutir os caminhos trilhados pelo feminismo em relação à educação, bem como os desafios que ainda precisam ser superados na busca pela equidade de gênero no âmbito educativo”. (MASLOWSKI; MARTINS, 2023, p. 27947)

Nesta pesquisa serão apresentados estudos empíricos, políticas públicas e a atuação de grupos e organizações na temática, debatendo sobre os embates feministas, abordando autoras importantes nesses movimentos como Simone de Beauvoir e Jane Soares de

Almeida com o objetivo de ressaltar a importância de uma educação que vise à igualdade de gênero. MASLOWSKI; MARTINS, 2023)

Segundo a autora e o autor, nossa sociedade foi estabelecida em um sistema patriarcal e foi necessário haver uma luta feminina para a mulher conseguir acessar seus direitos que sempre foram garantidos apenas aos homens. Dentro dessas conquistas, o acesso à educação foi de suma importância, pois foi a partir dessa garantia que as mulheres começaram a sair dos seus lares, passando a serem mais atuantes na sociedade. (MASLOWSKI; MARTINS, 2023)

Neste contexto, ao mesmo tempo que se tornavam parte efetiva da sociedade, a luta feminista foi criando outros caminhos para não haver retrocessos, compreendendo a educação como fonte de conhecimento, entendendo que seriam necessários debates para conseguir construir uma sociedade igualitária. Assim, os autores concluem o estudo apontando a educação como sendo uma ferramenta transformadora, sendo necessária para a busca de uma equidade de gêneros. (MASLOWSKI; MARTINS, 2023)

No artigo “Minha feminilidade não é vivida nos padrões: (des)construções estudantis acerca de feminismos e feminilidades”, de Elaine de Jesus Souza e Eugèrbia Paula da Rocha (2023), as autoras apresentam como principal objetivo observar discursos sobre feminismos e feminilidades, a partir de uma entrevista coletiva com jovens mulheres estudantes. Foi empregada a análise foucaultiana do discurso para examinar o material empírico. (SOUZA; ROCHA, 2023)

As autoras discorrem sobre o retrocesso de “políticas públicas direcionadas aos temas sexualidade, gênero e feminismos no contexto escolar” (SOUZA; ROCHA, 2023, p. 2). E isso acontece em um momento que deveria existir um olhar mais apropriado para debater sobre esses temas tão importantes para a formação humana, para desconstruir padrões culturais ultrapassados.

Para Souza e Rocha (2023, p. 3) torna-se muito importante “problematizar e disseminar (in)formações nos espaços educativos” sobre essas questões. Sobre isso:

justifica-se a necessidade de incluir, de forma contínua e sistemática, e discutir cada vez mais nos espaços educacionais, as temáticas sexualidade, gênero,

feminismos e feminilidades, visando problematizar e desconstruir preconceitos, violências e essencialismos produzidos culturalmente, marcando as vivências de (jovens) mulheres, sobretudo no espaço escolar. A escola configura-se como o espaço de encontro das diferenças, porém, é um dos ambientes que mais dissemina preconceitos, de forma sutil, disfarçado através de “piadinhas” e/ou “brincadeirinhas” pejorativas, e/ou manifestos por meio de atitudes que inferiorizam as mulheres e reforçam assimetrias nas relações de poder. (SOUZA; ROCHA, 2023, p. 3)

As autoras concluem que as entrevistas coletivas incentivaram as jovens estudantes a terem uma visão mais crítica e reflexiva quanto a desigualdade de gênero e a violência contra as mulheres. Elas dialogam sobre a urgência de desenvolver políticas públicas que ampare as mulheres e que incorpore essas temáticas nos currículos escolares, apontando novos horizontes através da educação. (SOUZA; ROCHA, 2023)

Ao estudarmos o artigo “Precisamos ou não falar de gênero na escola?”, de Livia Barbosa Pacheco Souza e Karla Thaís Lacerda de Jesus (2023), vimos que elas dialogam que apesar da educação ser um direito para todos, ainda existe a necessidade de conversar sobre educação da diversidade dos alunos. As autoras consideram importante refletir que a necessidade e a representação política são direitos básicos, evitando a segregação no âmbito escolar. (SOUZA; JESUS, 2023)

Souza e Jesus (2023) comentam sobre as inúmeras vozes defensoras de uma educação inclusiva para alcançar a igualdade social. Mas o sistema educativo não demonstra coerência com essas vozes, tornando-se importante entender sobre a multiplicidade e as diferenças entre os gêneros para podermos aprender a viver com respeito às diferenças.

As autoras referenciam Judith Butler, comentando que esta pesquisadora fornece ferramentas para refletir sobre “condições normativas que estão por trás das narrativas discursivas através das quais as identidades são moldadas”. (SOUZA; JESUS, 2023, p. 1078). Também referenciam Seyla Benhabib, mencionando sobre o que chamaram de pertencimento de gênero. (SOUZA; JESUS, 2023)

Elas concluíram que o campo educacional é o maior responsável pela formação dos indivíduos, supondo uma ampliação do que entendemos por escola inclusiva. E isso acontece porque precisamos debater sobre as inúmeras formas de ser e de se identificar, assim como respeitar as diferenças e evitar a exclusão. (SOUZA; JESUS, 2023)

5. Considerações finais

A escola é um espaço significativo para o exercício da cidadania, sendo importante propiciar um ambiente de discussão, entendendo que a educação é uma prática política, de formação de sujeitos conscientes e críticos. Isso nos leva a entender que através da educação o sujeito adquire a sua autonomia, se tornando um ser social que atua de forma participativa na sociedade.

Uma educação propulsora leva o ser a buscar o seu crescimento intelectual, de forma reflexiva e crítica. Diante disso, o currículo integrado pode contemplar o âmbito escolar com a prática social do sujeito, atendendo as necessidades de uma formação humana baseada na construção de sujeitos questionadores.

Cabe às instituições de ensino fomentar discussões e fazer os sujeitos refletirem acerca de suas próprias práticas, concepções e discursos, para repensar suas condutas visando a promoção e o respeito à equidade de gênero, propiciando a igualdade.

É imprescindível que a escola assuma a função de ajudar na desconstrução de preconceitos, e, da mesma forma, ajudando na conscientização das questões de igualdade de gênero, dentro e fora da escola, para que haja a diminuição de preconceito contra as mulheres.

Diante do exposto, fica evidente a importância da discussão sobre a temática de equidade de gênero, assim como a construção de pesquisas e trabalhos científicos, pois permite fundamentar e embasar sobre o tema.

Desta forma, a partir do mapeamento realizado neste estudo, pudemos perceber que a discussão sobre equidade de gênero é vasta, mas que ainda precisa adentrar mais especificamente na Educação Profissional e Tecnológica, pois ainda se encontra carente de publicações que pudessem contribuir para ampliar discussões e promover reflexões críticas acerca desse tema tão importante na construção de uma sociedade igualitária.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. M. de. **As possibilidades e os limites das discussões de gênero no ensino de sociologia numa escola da rede estadual em Caruaru – PE.** 2020.

Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campina Grande, 2020. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/15183>. Acesso em: 02 jul. 2024.

BRASIL. Um novo Modelo em Educação Profissional e Tecnológica concepção e diretrizes. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6691-if-concepcaoediretrizes&category_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192#:~:text=O%20foco%20dos%20Institutos%20Federais,suporte%20aos%20arranjos%20produtivos%20locais. Acesso em: 24 mar. 2024

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FIALHO, L. M. F.; SOUZA, F. G. A. de. **Feminismo e machismo na escola: desafios para a educação contemporânea.** Interfaces Científicas - Educação, p. 51–58, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2019v8n1p51-58>. Acesso em: 02 jul. 2024.

FIORAVANTE, T. S.; BRANCHER, V. R.; MOREIRA, H. C. **Gênero, sexualidade e diversidade sexual na educação profissional e tecnológica: os núcleos de gênero e diversidade.** Revista Educação, Pesquisa e Inclusão, Boa Vista, v.1., p. 207- 219, 2020.

FONSECA, E. de O. S.; ROCHA, E. P. da. **“Mulher não cabe em caixinha”:** Problematizando machismos e feminilidades a partir da música “Perfeitinha”. Doxa: Rev. Bras. Psico. e Educ., Araraquara, v. 24, n. esp. 1, e023014, 2023. e-ISSN: 2594-8385. Disponível em: <https://doi.org/10.30715/doxa.v24iesp.1.18180>. Acesso em: 02 jul. 2024.

FREITAS, Maria da Conceição Macedo de. **Empoderamento feminino e literatura: uma proposta didática para o ensino.** Anuário de Literatura, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 203–221, 2020. DOI: 10.5007/2175-7917.2020v25n2p203. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2020v25n2p203>. Acesso em: 14 jul. 2024.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LIRA, D. G. **Feminismos em 280 caracteres: o twitter como espaço educativo.** 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/23340>. Acesso em: 02 jul. 2024.

LOURO. G. L. **Currículo, gênero e sexualidade.** Porto: Porto Editora, 2000.

MASLOWSKI, A. A.; MARTINS, A. T. V. **Feminismo e educação: caminhos e desafios na busca de equidade.** Revista Contemporânea, [S. l.], v. 3, n. 12, p. 27945–27975, 2023. DOI: 10.56083/RCV3N12-163. Disponível em:

<https://ojs.revistacontemporanea.com/ojs/index.php/home/article/view/2645>. Acesso em: 14 jul. 2024.

MENEZES, M. P. **A discriminação de gênero na escola**. Itabaiana, GEPIADDE, n° 07, Volume 13 | jan./jun. de 2013. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/1710>. Acesso em 02 fev. 2024.

SAMPAIO, Edna Santos; GRITTI, Silvana Maria. **Gênero e equidade na escola do campo**. Periferia, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 250–274, 2021. DOI: 10.12957/periferia.2021.55177. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/periferia/article/view/55177>. Acesso em: 14 jul. 2024.

SANTANA, L. F. B. **Gênero e sexualidade na escola**: reflexões de uma pedagoga em formação. 2019. Trabalho de Conclusão do Curso (Pedagogia) - Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/18080/1/LFBS05102020.pdf>. Acesso em 01 fev. 2024.

SILVA, M. L. da; PALHANO, T. R. **Direitos Humanos e Ciberfeminismo**: novos olhares sobre a discussão de gênero nas instituições educacionais. Revista de Educação, Ciência e Cultura, v. 25, n. 2. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.18316/recc.v25i2.5503>. Acesso em: 02 jul. 2024.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOUZA, E. de J.; ROCHA, E. P. da. **“Minha feminilidade não é vivida nos padrões”**: (des)construções estudantis acerca de feminismos e feminilidades. Revista Feminismos, [S. l.], v. 11, n. 1, 2023. DOI: 10.9771/rf.v11i1.46290. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/46290>. Acesso em: 14 jun. 2024.

SOUZA, L. B. P.; JESUS, K. T. L. de. **Precisamos ou não falar de gênero na escola?**. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, [S. l.], v. 9, n. 6, p. 1063–1081, 2023. DOI: 10.51891/rease.v9i6.10285. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/10285>. Acesso em: 01 ago. 2024.

VALLE, S. A. **Gênero e feminismo**: saberes que permeiam o ensino médio em uma escola estadual de Santa Catarina. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Regional de Blumenau (FURB), Blumenau, 2020. Disponível em: http://bu.furb.br/docs/DS/2020/367581_1_1.pdf. Acesso em: 02 jul. 2024.

4.2 AS PRÁTICAS EDUCATIVAS DOS CURSOS INTEGRADOS DO IFFAR - CAMPUS JAGUARI: NARRATIVAS DE GÊNERO VIVENCIADAS POR ALUNAS

***AS PRÁTICAS EDUCATIVAS DOS CURSOS INTEGRADOS DO IFFAR - CAMPUS
JAGUARI: NARRATIVAS DE GÊNERO VIVENCIADAS POR ALUNAS²***

***PRÁCTICAS EDUCATIVAS DE LOS CURSOS INTEGRADOS DEL IFFAR - CAMPUS
JAGUARI: NARRATIVAS DE GÉNERO VIVENCIADAS POR LOS ESTUDIANTES***

***EDUCATIONAL PRACTICES OF IFFAR INTEGRATED COURSES - CAMPUS
JAGUARI: GENDER NARRATIVES EXPERIENCED BY STUDENTS***

*Lilian Morim Prates
Vantoir Roberto Brancher
Ana Cláudia de Oliveira da Silva*

RESUMO

Este texto surgiu a partir da pesquisa de Mestrado intitulada “Equidade de Gênero nos cursos integrados da EPT: abordagens e práticas educativas”, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Farroupilha (IFFAR) - campus Jaguari. Utilizamos uma metodologia de cunho qualitativo com o objetivo de compreender como e se tem sido abordada a questão de gênero nos cursos integrados do IFFar - Campus Jaguari. Os dados foram obtidos através de entrevistas semiestruturadas e analisadas por meio da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011) e da Análise das Narrativas. Nas entrevistas, fica evidente a falta de conhecimento sobre o conceito de equidade e a preocupação com a objetificação da mulher, reduzindo as mulheres ao seu valor sexual ou estético e ignorando sua complexidade como seres humanos. Torna-se urgente existir uma disciplina sobre gênero no currículo escolar, pois refletir sobre esse tema de forma mais abrangente se torna um instrumento poderoso de transformação social. Concluímos que cada aluna tem sua particularidade de entender suas vivências, como também existe a necessidade da busca pela conscientização sobre a equidade de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Práticas educativas. Educação

RESUMEN

Este texto surgió a partir de la investigación de Maestría titulada “Equidad de Género en los cursos integrados de la EPT: enfoques y prácticas educativas”, vinculada al Programa de Posgrado en Educación Profesional y Tecnológica (PROFEPT) del Instituto Federal de Educación Ciencia y Tecnología Farroupilha (IFFAR) - campus Jaguari. Utilizamos una metodología de carácter cualitativo con el objetivo de comprender cómo y si se ha abordado la cuestión de género en los cursos integrados del IFFar - Campus Jaguari. Los datos se obtuvieron a través de entrevistas semiestruturadas y se analizaron mediante el Análisis de Contenido (BARDIN, 2011) y el Análisis de Narrativas. En las entrevistas, es evidente la falta de conocimiento sobre el concepto de equidad y la preocupación por la objetificación de la mujer, reduciendo a las mujeres a su valor sexual o estético e ignorando su complejidad como seres humanos. Es urgente que exista una asignatura sobre género en el currículo escolar, ya que reflexionar sobre este tema de manera más amplia se convierte en un poderoso instrumento de transformación social. Concluimos que cada alumna tiene su propia manera de

² Artigo em processo de submissão: DIVERSIDADE E EDUCAÇÃO, Rio Grande - Rio Grande do Sul - Brasil. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu>

entender sus experiencias, y también existe la necesidad de buscar la concientización sobre la equidad de género.

PALABRAS-CLAVE: Género. Prácticas educativas. Educación.

ABSTRACT

This text emerged from the Master's research entitled "Gender Equity in Integrated Courses of EPT: Approaches and Educational Practices," linked to the Graduate Program in Professional and Technological Education (PROFEPT) of the Federal Institute of Education, Science, and Technology Farroupilha (IFFAR) - Jaguari campus. We used a qualitative methodology aimed at understanding how, and if, gender issues have been addressed in the integrated courses at IFFar - Jaguari Campus. Data were obtained through semi-structured interviews and analyzed using Content Analysis (BARDIN, 2011) and Narrative Analysis. In the interviews, the lack of knowledge about the concept of equity and concerns about the objectification of women are evident, reducing women to their sexual or aesthetic value and ignoring their complexity as human beings. The need for a gender studies subject in the school curriculum is urgent, as reflecting on this theme more broadly becomes a powerful tool for social transformation. We conclude that each female student has her unique way of understanding her experiences, and there is also a need to raise awareness about gender equity.

KEYWORDS: Gender. Educational practices. Education.

Introdução

A educação tem um papel muito importante como propulsor da sociedade. É ela que transforma a nossa realidade social, devendo ser responsável pela formação de pensamentos críticos, assim como pela formação humana de pessoas que sejam capazes de modificar o mundo em algo melhor. Portanto, discutir sobre gênero em espaços de formação faz com que aconteçam outros caminhos, escolhas e possibilidades que promovam o respeito à equidade de gênero.

A educação, então, é entendida como prática educativa e engloba os processos formativos que ocorrem no meio social. Sob esta perspectiva, José Carlos Libâneo (1994) infere, ainda, que a sala de aula se torna um espaço apropriado para acontecer a educação. Um ambiente social diversificado em que alunos e professores se encontram regularmente para trocar informações, tornando a prática educativa uma ação consciente, intencional e planejada no processo de formação humana.

Sabemos que os cursos integrados buscam, através da educação, possibilitar a formação integral do aluno, tendo um compromisso na transformação do sujeito social. Assim, na busca de como a questão de gênero está sendo abordada nos cursos integrados do IFFar e as implicações que o contexto em que os alunos estão inseridos trazem, principalmente nas situações que permeiam a escola, é que motivaram a realização dessa pesquisa. Neste ínterim, as dúvidas e anseios ganharam espaço tentando visualizar os

significados da escola nessa construção. Sobre a relevância da escola, Montserrat Moreno (1999) pontua que:

A escola tem marcada uma dupla função: a formação intelectual e a formação social dos indivíduos, ou seja, seu adestramento nos próprios modelos culturais. Porém, caso se limite a isto, terá feito um pequeno favor à sociedade. Sua missão pode ser muito diferente. Em lugar de ensinar o que os outros pensaram, pode ensinar a pensar; em lugar de ensinar a obedecer, pode ensinar a questionar, a buscar os porquês de cada coisa, a iniciar novos caminhos, novas formas de interpretar o mundo e de organizá-lo. (p. 17).

Diante disso, a presente pesquisa trabalhou com alunas maiores de idade matriculadas em cursos Técnicos Integrados do Instituto Federal Farroupilha (IFFar), Campus Jaguari, pretendendo analisar o comportamento e as relações humanas no que concerne à temática investigada, indo ao encontro dos objetivos apresentados.

Metodologia

A primeira medida foi solicitar uma autorização à reitoria do Instituto Federal Farroupilha (IFFar) em que a pesquisa seria realizada para a realização do trabalho. Após, foi emitida uma Carta de Autorização pelo pró-reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação do IFFar e ao diretor-geral do Campus Jaguari. Nesse período, o projeto foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), possibilitando a continuidade da pesquisa.

Na sequência, foi feito contato com a Coordenação de Registros Acadêmicos do IFFar, Campus Jaguari e solicitada informações e dados referentes às alunas matriculadas nos cursos Técnicos Integrados deste campus, buscando saber quantas alunas maiores de idade haviam. Com este levantamento prévio do número de alunas maiores de idade matriculadas nos cursos, foi feito como critério inicial um primeiro contato com as discentes diante de uma apresentação formal por email, as inserindo na composição amostral a partir de convite.

A partir deste aceite, elas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e receberam o Termo de Confidencialidade. Nesta oportunidade, foram objetivamente apresentadas à abordagem do estudo e esclarecidas quanto aos fundamentos metodológicos e éticos.

Utilizamos uma metodologia de cunho qualitativo, tendo por premissa a investigação de questões objetivas e subjetivas, visando compreender as particularidades dos seres humanos e do contexto e sociedade em que estão inseridos. Os dados foram obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas, pois segundo Augusto Triviños (1987, p. 145 - 146) “para

alguns tipos de pesquisa qualitativa, a entrevista semi-estruturada é um dos principais meios, que tem o investigador para realizar a Coleta de Dados”.

As entrevistas foram agendadas previamente em horário e local conforme a disponibilidade dos participantes. Essas entrevistas foram gravadas via videochamada no Google Meet, enquanto a transcrição das falas foi facilitada pela ferramenta Tactiq, uma extensão do Google Chrome. Elas seguiram um roteiro de perguntas direcionadas conforme cada objetivo específico. Este tipo de abordagem na pesquisa possibilita construir uma entrevista mais espontânea e natural para a coleta de dados.

Foram utilizadas 3 imagens e 2 poesias sobre o tema equidade de gênero para iniciarmos as entrevistas. As imagens são parte do livro “Mulheres: retrato de respeito, amor-próprio, direitos e dignidade” de Carol Rossetti que fazem parte de um projeto desenvolvido pela autora chamado “O Projeto Mulheres”, presente no site <https://www.carolrossetti.com.br/mulheres>. As poesias são obras da autora Rupi Kaur, dos seus livros “Outros jeitos de usar a boca” e “O que o sol faz com as flores”, com tradução de Ana Guadalupe.

Para análise dos dados da pesquisa, optou-se pela metodologia da Análise de Conteúdo (Laurence Bardin, 2011). Para a referida autora, “A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas e análises das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens.” (p. 33).

O sistema de categorização foi construído com base em critérios específicos, como homogeneidade, pertinência e objetividade, visando estabelecer clareza às categorias. Diante disso, foi feita uma análise inicial com o material coletado, explorando as narrativas que se destacaram significativamente.

Na sequência, as transcrições foram organizadas e sistematizadas, a partir dos objetivos específicos da pesquisa, tendo como base o quadro da entrevista semiestruturada. A partir disso, avançamos para os dados e interpretação das narrativas, agrupando as respostas nas categorias previamente estabelecidas, baseadas nas semelhanças dos dados obtidos, definindo as categorias de análise. Diante da elaboração das categorias de análise, possibilitou uma melhor compreensão e reflexão das narrativas, ressignificando a pesquisa. Ao estabelecer os critérios e definir as categorias de análise, emergiram resultados e discussões, que contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa.

Diante de várias maneiras de investigar um contexto, este trabalho utilizou a Análise das Narrativas, que é utilizada para explorar dados qualitativos, identificando a peculiaridade

existente em grupos ou indivíduos. Nesta direção, Amanda Rabelo (2011) afirma que as narrativas

[...] são totalmente dependentes do contexto em que os mesmos se encontram (e também do objetivo com que deram a entrevista). As mesmas poderiam ser totalmente diferentes se entrevistássemos anos antes ou anos depois, quem sabe até mesmo na semana seguinte. Enfim, as construções da sua singularidade dependem do contexto social e histórico, as contribuições são somadas e reformuladas. Para entender as regras em que os seres humanos se fundam, ao criarem significados em contextos prático-culturais, devemos indagar e interpretar o que a pessoa faz ou tenta fazer em determinada situação e local. (p. 176)

Assim, através da análise das narrativas, buscamos entender, no decorrer deste texto, como esse tema está sendo discutido na atualidade e como está sendo abordado nos currículos integrados do IFFar, Campus Jaguari, compreendendo esta temática como relevante enquanto possibilidade de ampliar as reflexões na constituição do respeito à equidade de gênero, expandindo o horizonte de compreensão em torno dos fatores que envolvem essa construção.

Participaram das entrevistas 11 alunas, entre 18 e 22 anos. Todas matriculadas em cursos do Ensino Integrado do Instituto Federal Farroupilha, campus Jaguari. Utilizamos um codinome para cada entrevistada da pesquisa, com o objetivo de preservar suas identidades. Optamos por nomes de mulheres que ao longo da história estiveram presentes nas lutas feministas, quebrando paradigmas e conquistando direitos para todas as mulheres.

No quadro abaixo, para entendermos sobre a importância dessas mulheres, fizemos um resumo a partir de pesquisa no site Ebiografia, apresentando brevemente cada uma dessas personalidades:

QUADRO 1 - Personalidades e suas lutas e conquistas

NOME/ANO	SUAS LUTAS E CONQUISTAS
Carlota de Queirós (1892-1982)	Médica, deputada e ativista, foi a primeira mulher eleita para ocupar um cargo de deputada no Brasil, sendo a única mulher a ocupar o cargo dentre mais de 250 deputados. Foi uma ativista pelo reconhecimento dos direitos das mulheres e fez parte de diversos movimentos que lutavam por essa causa. Criou projetos ligados à assistência social e à alfabetização, sempre focada em utilizar a medicina como meio de transformação social. Foi a fundadora da Associação Brasileira de Mulheres Médicas (ABMM) no início dos anos 50, presidiu a associação durante a década de 1960 e buscou com seu trabalho dar destaque às necessidades das mulheres dentro da medicina.
Laudelina Melo	Trabalhou como doméstica até 1950, aos 16 anos passou a atuar em organizações do movimento negro, sendo eleita presidente do Clube 13

(1904-1991)	de Maio. Se filiou ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), na década de 1930, e militou pela Frente Negra Brasileira (FNB). Durante toda sua vida esteve à frente de lutas pelos direitos dos trabalhadores domésticos e contra o preconceito racial. Se alistou durante a Segunda Guerra Mundial para trabalhar como auxiliar de guerra.
Mietta Santiago (1903-1995)	Foi uma escritora, poeta, advogada criminalista e sufragista brasileira. Lutou pelo direito ao voto das mulheres brasileiras, sendo uma das primeiras mulheres no Brasil a exercer plenamente seus direitos políticos. Fundou a Liga de Eleitoras Mineiras e seu pioneirismo inspirou poetas a escrever sobre seus feitos. Era figura frequente na boêmia da capital mineira.
Nísia Floresta (1810-1885)	Foi escritora e professora. Acreditava que o trabalho era a principal ferramenta de emancipação das mulheres e por isso criou uma escola em que as alunas tinham aulas sobre conteúdos que até então eram restritos aos homens, como ciências sociais e matemática. Ela registrou a importância da defesa do trabalho como meio de emancipação da mulher no livro Direitos das mulheres e injustiça dos homens, publicado em 1832. É reconhecida como a primeira feminista do Brasil, por sua atuação na defesa das mulheres e pelo incentivo à liberdade através do trabalho.
Dandara dos Palmares (?-1694)	Um dos símbolos femininos de maior força para o movimento negro no Brasil. Casada com Zumbi dos Palmares. Especula-se que ela conhecia as técnicas de capoeira e lutou bravamente para defender o quilombo dos Palmares. É considerada uma guerreira por lutar bravamente pela liberdade de negras e negros. Cometeu suicídio, pois não tolerava retornar à condição de escrava.
Joana D'Arc (1412-1431)	Foi uma personalidade importante na França devido aos seus feitos na Guerra dos Cem Anos, contribuindo diretamente para a vitória francesa no conflito. Liderou exércitos e alcançou vitórias, pois tinha a intenção de libertar seu país da Inglaterra. Foi condenada pela Inquisição e executada como bruxa. Porém, no início do século XX foi canonizada como santa pela Igreja Católica.
Maria Quitéria (1792-1853)	Foi a primeira mulher a conquistar um lugar nas Forças Armadas do país, estando envolvida em diversas batalhas, dentre elas a luta pela independência do país. Conta-se que, para conseguir se alistar no Exército, que não permitia a presença feminina na época, ela cortou os cabelos e alistou-se como um homem, sob a alcunha de Medeiros, seu último sobrenome. Algum tempo depois ela teve sua identidade descoberta, mas sua permanência no Exército foi permitida, pois obteve o reconhecimento de suas qualidades como militar, principalmente sua conduta disciplinar. Foi considerada uma excelente atiradora. Recebeu a condecoração da Ordem Imperial do Cruzeiro do Sul, que foi entregue pessoalmente pelo Imperador do Brasil na época, Dom Pedro I.
Djamila	É uma das principais intelectuais negras e feministas do Brasil. Graduada

Ribeiro (1980-...)	em Filosofia e mestre em Filosofia Política. Desde cedo, habituara-se a refletir sobre a questão social dos corpos negros por influência de seu pai, militante do movimento negro e um dos fundadores do Partido Comunista de Santos. Em 2015, assumiu como secretária-adjunta a pasta de Direitos Humanos e Cidadania da cidade de São Paulo, experiência que marcou sua trajetória por ter possibilitado refletir sobre os constrangimentos e a solidão que a mulher negra vivencia nos espaços de poder.
Frida Kahlo (1907-1954)	É um ícone feminino da história da arte. Teve uma produção intensa, pintando autorretratos e cenas surrealistas com forte identidade latino-americana. A artista é reconhecida também como um emblema feminista. Isso porque mesmo não se identificando como tal, teve uma postura marcada contra o sistema patriarcal e impôs suas ideias de forma criativa e decidida.
Leila Diniz (1945-1972)	Quebrou tabus de uma época em que a repressão dominava o Brasil. Escandalizou a tradicional família brasileira ao exibir a sua gravidez de oito meses na praia de biquíni e ao amamentar a filha Janaína diante das câmeras. Também chocou o país inteiro ao proferir a frase: Transo de manhã, de tarde e de noite. Defensora do amor livre e do prazer sexual, irritou feministas tradicionais e se tornou símbolo da liberação feminina dos anos 1960 e 1970.
Marie Curie (1867-1934)	Foi uma cientista que realizou importantes descobertas no campo da química, sendo a primeira mulher a conquistar um Prêmio Nobel e a única a receber esse prêmio por duas vezes. Promoveu importantes estudos sobre radiação, finalizando o seu doutorado com um estudo nessa área. Por meio de suas pesquisas, descobriu que o rádio e o polônio eram elementos químicos mais radioativos que o urânio. Ela também recebeu o mérito de ter descoberto esses dois elementos químicos.

Fonte: https://www.ebiografia.com/mulheres_importantes_historia/

Resultados

Considerando as falas das entrevistadas, obtivemos respostas que nos levaram a entender a percepção das estudantes sobre como o tema da pesquisa está sendo discutido na atualidade e como está sendo abordado nos currículos integrados do IFFar. Sendo assim, o processo de categorização permitiu uma melhor compreensão dos discursos das narrativas, ressignificando os conhecimentos advindos da pesquisa.

Conduzimos a análise das narrativas para compreender como e se tem sido abordada a questão de gênero nos cursos integrados do IFFar - Campus Jaguari, a partir da vivência das entrevistadas. Fizemos uso de imagens e poesias selecionadas e a partir delas iniciamos a discussão. Abaixo apresentamos as imagens e poesias que utilizamos na entrevista:

QUADRO 2: Imagens utilizadas na entrevista

imagem 1	imagem 2	imagem 3

Fonte: <https://www.carolrossetti.com.br/mulheres>

QUADRO 3: Poesias utilizadas na entrevista

Poesia 1	Poesia 2
<p>Legado Me levanto sobre o sacrifício de um milhão de mulheres que vieram antes e penso o que é que eu faço para tornar essa montanha mais alta para que as mulheres que vierem depois de mim possam ver além</p>	<p>Quero pedir desculpas a todas as mulheres que descrevi como bonitas antes de dizer inteligentes ou corajosas fico triste por ter falado como se algo tão simples como aquilo que nasceu com você fosse seu maior orgulho quando seu espírito já despedaçou montanhas de agora em diante vou dizer coisas como você é forte ou você é incrível não porque eu não te ache bonita mas porque você é muito mais do que isso</p>

Fonte: Rupi Kaur

Nessa primeira abordagem, mostramos as imagens e fizemos a leitura de poesias sobre equidade de gênero, fazendo questionamentos sobre quais as memórias, lembranças que lhes eram remetidas com as imagens, o que sentiam e qual interpretação faziam das imagens que viram e das poesias que leram e ouviram.

Leila Diniz lembrou de um filme que assistiu e a fez refletir sobre a mulher ser vista apenas como objeto de beleza:

Bom, as imagens foram de vários tipos de mulheres, as que não ligam para o que os outros pensam e as que ligam, e as que fazem acontecer mesmo os outros falando sobre o que elas devem e não devem fazer. As poesias, eu estou falando meio curto, mas eu me recordo bastante da última, que eu não sei se foi feita ou escrita por uma mulher, eu não me recordo, mas é uma, foi muito e me lembrou muito um filme que eu tava, tenho que assistir, aliás, que é um desenho e o filme é da, tipo o lago dos cisnes, não lembro, acho que é da Universal... que o príncipe chama ela de linda e ela fala o que mais? e ele, como assim o que mais? e ela, só isso? Aí o ajudante do príncipe fala, só isso, você devia fazer um livro de como assustar uma mulher com cinco sílabas ou menos. Então acho que falta nas pessoas que só nos enxergam como alvo de beleza, alvo de inocência, alvo que é claro que muitas de nós não somos assim (Leila Diniz)

Ficou evidente a importância de debater sobre esse tema relevante, pois as entrevistadas mostraram que existe muita dúvida e que esta questão é ainda pouco refletida, uma vez que na fala de Leila Diniz ficou evidente que a mulher ainda é objetificada na sociedade.

Essa objetificação fica visível em várias esferas, como na mídia, na publicidade e até em algumas representações culturais, onde as mulheres são frequentemente retratadas enfatizando apenas a sua beleza em detrimento da sua inteligência ou das suas realizações. Segundo Carolina Loureiro (2014):

Considerando que as mulheres aprendem desde a infância que os corpos femininos são objetos de constante observação, avaliação e potencial objetificação sexual, a Teoria da Objetificação propõe que esse ambiente cultural objetificante as leva a introjetarem esse comportamento e a tratarem a si mesmas como objetos a serem observados e avaliados de acordo com sua aparência (p. 20).

Reduzir as mulheres à estética significa valorizar suas aparências em detrimento de suas habilidades, competências e contribuições, tendo efeitos negativos, como a promoção de estereótipos prejudiciais, a diminuição da autoestima e a perpetuação de desigualdades de gênero. Essa visão superficial pode reforçar estereótipos, limitando o papel das mulheres na sociedade e promovendo a ideia de que seu valor está atrelado à aparência física. Além disso, a objetificação contribui para a cultura de violência e assédio, uma vez que trata as mulheres como propriedades.

Para Pierre Bourdieu (1998),

A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (esse) é um ser-percebido (percipi), tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam 'femininas', isto é, sorridentes,

simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. E a pretensa ‘feminilidade’ muitas vezes não é mais que uma forma de aquiescência em relação às expectativas masculinas, reais ou supostas, principalmente em termos de engrandecimento do ego. Em consequência, a dependência em relação aos outros (e não só aos homens) tende a se tornar constitutiva de seu ser. (p. 52)

Refletir sobre a equidade de gênero é essencial para compreendermos essas desigualdades históricas e sociais que permeiam as relações entre homens e mulheres, e para buscarmos soluções que promovam a igualdade de oportunidades. Assim, ao serem questionadas se conheciam os conceitos de gênero e equidade, todas falaram o que conheciam sobre gênero, mas nenhuma soube responder o que era equidade, como se verifica nas falas a seguir:

Equidade, essa palavra não. Eu entendo como gênero feminino, masculino. (Dandara dos Palmares)

Gênero é homem mulher. Equidade não sei. (Marie Curie)

Gênero, feminino, masculino. Equidade não sei (Frida Kahlo)

Equidade, não. Tem gênero feminino, gênero masculino e os outros que esqueci os nomes. (Mietta Santiago)

O conhecimento superficial sobre gênero entre estudantes concluintes do Ensino Médio é um problema que tem sido cada vez mais evidenciado por pesquisas e estudos na área da educação. Essa lacuna no conhecimento tem diversas implicações, tanto para os próprios estudantes quanto para a sociedade como um todo. A pouca informação sobre gênero contribui para a perpetuação de estereótipos, podendo levar a comportamentos discriminatórios e violentos.

Uma educação que aborde o tema de forma crítica e reflexiva permite desconstruir os estereótipos de gênero e promover a igualdade. Desta forma, evidencia-se as práticas educativas, tornando-se importante ensinar habilidades essenciais para a vida em sociedade durante a fase escolar, pois em estágios posteriores é improvável que esse tipo de formação seja oferecido, deixando de lado uma educação mais abrangente.

Sob este entendimento, podemos definir as práticas educativas como ações ordenadas e planejadas com a intenção de concretizar os processos de ensino e aprendizagem, visando transformar o mundo social. Segundo Antoni Zabala (1998, p. 16), “a prática é algo fluido, fugidio, difícil de limitar com coordenadas simples e, além do mais, complexa, já que nela se expressam múltiplos fatores, ideias, valores, hábitos pedagógicos, etc.”

Ao abordar sobre a relação das práticas educativas com as possíveis transformações na sociedade, torna-se importante mencionar que o conhecimento acumulado pela cultura social necessita ser considerado como processo formativo imprescindível à prática do ser humano, se transformando em fenômeno social e universal fundamental à existência de todas as sociedades.

Para Libâneo (1994, p. 17), através da ação educativa “o meio social exerce influência sobre os indivíduos e estes, ao assimilarem e recriarem essas influências, tornam-se capazes de estabelecer uma relação ativa e transformadora em relação ao meio social”. Na sequência, ainda o autor supracitado também dialoga que, “tais influências se manifestam mediante conhecimentos, experiências, valores, crenças, modos de agir, técnicas e costumes acumulados por muitas gerações de indivíduos e grupos, transmitidos, assimilados e recriados, pelas novas gerações”. (Libâneo, 1994, p. 17)

Neste ínterim, torna-se fundamental que seja incluído o tema gênero no currículo de todo o Ensino Básico, para criar um ambiente escolar onde os estudantes se sintam seguros para discutir essas questões de forma aberta e respeitosa. Ao promover uma educação que aborde o tema de forma crítica e reflexiva, estamos preparando os jovens para serem cidadãos mais conscientes e engajados na luta por seus direitos e pelos direitos de todos. Para corroborar com essa ideia, Celso dos S. Vasconcellos (1993) discorre que:

[...] a sala de aula é o lugar em que há uma reunião de seres pensantes que compartilham ideias, trocam experiências, contam histórias, enfrentam desafios, rompem com o velho, buscam o novo, enfim, há pessoas que trazem e carregam consigo saberes cotidianos que foram internalizados durante sua trajetória de vida, saberes esses que precisam ser rompidos para dar lugar a novos saberes. (p. 35).

Desta forma, mesmo que não existam abordagens específicas sobre gênero nas instituições de ensino, algumas disciplinas trabalham sobre esse tema, como mencionado na fala de Leila Diniz: “Eu me lembro. Algumas vezes, eu acho que em aulas de, talvez Sociologia.”. Ela comenta que o professor de Sociologia os aproximava de alguns debates sobre gênero em suas aulas. (Leila Diniz).

Outras alunas foram mais expansivas em suas lembranças, como Maria Quitéria:

No primeiro ano a gente teve o primeiro contato com a Sociologia. E a nossa professora iniciou o conteúdo falando sobre feminismo e igualdade de gênero, no caso masculino e feminino. A questão de salários e direitos no trabalho, isso a gente teve lá no primeiro ano, em uma matéria, em uma disciplina. Quanto a outras que tenham abordado gênero, eu acho que não, eu não me lembro. Mas teve falas de professores, às vezes quando ocorria algum acontecimento eles abordavam esse

assunto envolvendo o feminismo também. Já aconteceram eventos em que a gente abordou esse tema. (Maria Quitéria)

Há disciplinas que tratam de questões de gênero, mas a presença e o enfoque desse tema costuma ser abordado em áreas como sociologia, como Maria Quitéria mencionou. Mas isso ainda acontece sem integrar essa discussão de forma mais ampla e sistemática,

Desta forma, torna-se importante referir que existem temas, como gênero, que são assuntos que permeiam todas as áreas do conhecimento e da vida, e que devem ser trabalhados de forma integrada no currículo escolar. Eles são como fios condutores que conectam diferentes disciplinas, promovendo uma aprendizagem mais significativa e contextualizada.

Nesta perspectiva, se faz necessário buscar uma educação que faça o sujeito refletir sobre o mundo em que está inserido, o fazendo entender que ele tem um papel atuante e transformador da sua realidade. Assim, o papel dos professores se torna fundamental nesta dinâmica, abrindo, através de sua prática educativa, a possibilidade de levar uma educação revolucionária. Segundo Demerval Saviani (2013):

[...] o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo. (p.13).

Assim, entende-se que os professores levam para a sala de aula temas relevantes e atuais que fazem parte da vida dos estudantes e da sociedade em geral. Mas as entrevistadas relatam sobre a falta de um aprofundamento nas questões de gênero, pois estas fazem com que o conhecimento seja melhor aproveitado em suas vidas. Elas mencionam que alguns professores trabalham sobre o tema, mas se torna uma discussão solta:

Não tem alguma coisa que a gente pode definir que aborda bastante isso, mas mais que a gente pode falar é Filosofia, Sociologia. Mais é Sociologia, que procura compreender a sociedade, enfim, daí ela aborda alguns temas. Até a gente está fazendo um trabalho agora com a professora de Português, eu e um colega meu, o xxxx, falamos com ela para dar um trabalho para nós sobre temas polêmicos. Daí a gente colocou a LGBTfobia, colocou racismo, tem outro que tem a ver com mulher, é tipo machismo. A gente colocou outro nome, mas é a mesma coisa que machismo, e alguns outros temas assim para a matéria de Português. A gente ainda tem que fazer. Daí como ela quer que seja um trabalho bem feito, a gente só vai apresentar para os professores e servidores e para outras turmas, a gente vai apresentar só no final do ano, que é uma coisa legal, né, é uma atividade legal. (Nísia Floresta).

Embora haja espaço para discutir gênero nas escolas, a abordagem desse tema ainda acontece apenas dentro das disciplinas, não havendo uma disciplina sobre gênero. No entanto, a inclusão dessas discussões é importante para formar cidadãos mais conscientes e preparados para viver em uma sociedade equitativa. Conforme Frida Kahlo, “Tem a PPI, né, mas não sei se tem um negócio sobre gênero na PPI. A gente não acaba pegando sempre esse, sabe? A gente acaba indo para outros lados da PPI.”

A inclusão de uma disciplina de gênero no currículo escolar se torna essencial para preparar os alunos para o mundo contemporâneo, onde questões de equidade, respeito e direitos humanos são fundamentais. Na fala das alunas, sente-se a falta de uma discussão mais estruturada e pautada:

Várias vezes aqui no campus passa dando palestras também, né? E conversas em sala de aula mesmo com professores, às vezes ocorre, mas não diretamente em alguma disciplina, meio que em geral. (Dandara dos Palmares)

Uma disciplina sobre gênero no currículo escolar é uma ferramenta poderosa de transformação social. Ao abordar o gênero de maneira crítica e reflexiva, a escola pode formar indivíduos mais conscientes de suas responsabilidades como cidadãos e mais preparados para lidar com as complexidades das relações sociais no mundo contemporâneo.

O papel da escola é preparar os alunos para pensar de forma autônoma, respeitar os outros e viver em uma sociedade equitativa. As questões de gênero fazem parte dessa realidade, e abordá-las na educação é essencial para o desenvolvimento de cidadãos mais conscientes e respeitosos.

Deste modo, quando perguntamos sobre toda a caminhada escolar das entrevistadas na Educação Básica, se haviam recordações de alguma vez terem debatido sobre equidade de gênero, vieram respostas mais vagas ainda, nos levando a entender sobre a falta de aprofundamento recorrente neste tema:

No fundamental... acho que sempre foi abordado, sim, principalmente no Dia das Mulheres, sempre. É a época que mais tem, mas eu não tenho lembranças de outras coisas. Teve uma situação que foi na semana farroupilha uma vez. Era mais voltado para ser a coisa da mulher gaúcha. E daí a gente debateu sobre igualdade de gênero, principalmente aqui no Rio Grande do Sul, que é uma discussão super delicada aqui, né? (Maria Quitéria)

Nesta perspectiva, entendendo que os temas transversais são assuntos que atravessam todas as disciplinas e áreas do conhecimento, debater sobre a mulher gaúcha se torna um tema

relevante que traz reflexões oportunas aos estudantes. Falar sobre gênero na cultura gaúcha traz questões pertinentes, pois a representação feminina nas tradições gaúchas é multifacetada.

Em festividades como a Semana Farroupilha, as mulheres desempenham papéis essenciais, desde a participação nas danças até a vestimenta típica, que simboliza a cultura regional. No entanto, muitas vezes suas contribuições históricas e culturais são subestimadas, especialmente em questões de divisão de papéis, o que pode reforçar estereótipos.

Segundo Glaucus Saraiva (1968), o termo *prenda*, como é chamada a mulher gaúcha, está definido como “tudo o que o gaúcho muito queria chamava *prenda*, daí esta classificação” (p. 117). Em contrapartida, no Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul (1984) significa: “joia, relíquia, presente de valor / Em sentido figurado, moça gaúcha”. Na primeira definição, a mulher gaúcha é colocada como um objeto, deixando claro a objetificação da mulher gaúcha, mas ao mesmo tempo tem a questão de ser valiosa, mostrando as contradições do significado da palavra.

A subestimação das contribuições históricas e culturais das mulheres na cultura gaúcha pode ser atribuída a várias razões, como por exemplo a história na maioria das vezes ter sido escrita por homens, o que resulta em uma ênfase em suas conquistas e experiências, deixando de lado as vozes femininas e muitas vezes a visibilidade das mulheres é ofuscada por dinâmicas patriarcais enraizadas.

Sobre isso, Guacira L. Louro (1986) discorre que:

De fato, dentro da ideologia dominante na época, fala-se que as mulheres deveriam ser mais educadas do que instruídas. Nesta distinção parecia estar presente a ideia de que instrução seria algo mais adequado aos homens, ou melhor, algo perigoso para as mulheres, porque poderia lhes colocar em posição semelhante à deles. O termo educação parece ser entendido de modo mais amplo e englobar uma formação ideológica, enquanto que instrução provavelmente se refere de modo restrito às informações, ou ao saber científico e cultural disponível num dado momento histórico. Já que o dominar informações confere poder, é importante que isto seja privilégio do setor dominante. Na contraposição que se colocava, educação envolvia a doutrinação da mulher sobre seu lugar na sociedade (p.27).

Esse contexto tem gerado um diálogo crescente sobre a necessidade de desconstruir esses estereótipos e promover uma maior equidade. Por esses motivos, nos últimos anos, movimentos feministas têm buscado resgatar e valorizar a presença das mulheres na cultura gaúcha, promovendo uma visão mais igualitária e inclusiva, através de coletivos feministas, um resgate cultural e a promoção de uma educação mais inclusiva, contribuindo para um maior reconhecimento e valorização das vozes femininas na cultura gaúcha.

Diante desta perspectiva, torna-se necessário que os conteúdos escolares estejam contextualizados à realidade dos estudantes, ajudando-os a compreender melhor o mundo ao seu redor, promovendo a reflexão. Além dessas práticas educativas contextualizadas, nos Institutos Federais existe o Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual (NUGEDIS) que é um espaço dentro dessas instituições de ensino, que tem como objetivo principal promover a discussão, reflexão e ações relacionadas às questões de gênero e diversidade sexual.

Algumas falas mencionam sobre o NUGEDIS, comentando sobre a falta de direcionamento quando se trata sobre a temática de gênero:

Tem um núcleo que eles trabalham, eu fui para entrar nesse núcleo, também para ter uma renda extra, mas também para poder falar sobre isso, mas eles não focam muito nisso. Eles não têm palestra, não tem conversa, eles só fazem uma coisa e uma outra, mas ninguém liga. (Leila Diniz)

Apesar de existir esse núcleo que são espaços importantes para a promoção da diversidade e da igualdade dentro das instituições de ensino, muitas entrevistadas entendem que ele deveria ser mais atuante, mais combativo: “Tem o NUGEDIS lá, que é núcleo de gênero, de igualdade de gênero [...] Mas ainda não vi darem nenhuma palestra, nem nada, só fazia aqueles cartazinhos, uns cartazes.” (Nisia Floresta). “Eu lembro que foi distribuído no campus e colados em paredes e nos murais cartazes sobre os níveis de violência e abuso contra mulher e também algumas coisas sobre direitos e essas coisas.” (Maria Quitéria)

Dandara dos Palmares relatou sobre o NUGEDIS não ser muito atuante no seu primeiro ano, mas que está sendo mais ativo no seu terceiro ano:

Tem os núcleos hoje em dia aqui nas escolas. E eu acho que foi uma ótima decisão de colocarem. Hoje em dia tá realmente sendo representados, porque no primeiro ano a gente às vezes nem ouvia muito bem falar, mas a partir do segundo ano nosso, que eu tô no terceiro né, a gente já começou a ouvir mais sobre eles. Tem mais palestras, mais movimento né, então eu acho que sim, que tem vários núcleos aí que tão sim fazendo seu trabalho muito bem feito. (Dandara dos Palmares)

As atividades dos NUGEDIS podem variar de acordo com cada instituição, mas as mais comuns são grupos de discussão, palestras, campanhas de conscientização, eventos culturais, produção de materiais informativos etc. Torna-se importante mencionar que todos devem dar acesso e possibilitar ações que produzam reflexões. Sendo assim, a prática docente pautada na busca pelo conhecimento do aluno se torna fundamental para uma educação comprometida com o desenvolvimento e construtiva ao longo de toda a vida, trazendo mudanças significativas e equidade de gênero para a sociedade.

Considerações Finais

Entendemos que estas pesquisas sobre equidade de gênero podem contribuir para ampliar o entendimento e reflexão sobre estas questões relevantes, podendo construir uma cultura mais igualitária, com mais respeito e sem violência em nossa sociedade.

Nas entrevistas, fica evidente a falta de conhecimento sobre o conceito de equidade e a preocupação com a objetificação da mulher, reduzindo as mulheres ao seu valor sexual ou estético e ignorando sua complexidade como seres humanos. Isso impacta negativamente a forma como elas são vistas e tratadas na sociedade.

Para combater essa prática, é necessária uma mudança cultural e educacional que promova respeito e equidade de direitos. Mas para que essa mudança ocorra, deve haver uma maior compreensão sobre o conceito de equidade, pois se torna essencial para criar políticas e práticas que levem em conta as diferenças individuais e estruturais, promovendo uma justiça social mais profunda e eficaz.

As escolas se tornam promotoras de consciências críticas e desenvolvimento da consciência humana, ajudando no combate às desigualdades, mediante discussões pautadas na realidade em que vivemos, em busca da conscientização sobre a equidade de gênero.

As colaboradoras evidenciaram em suas falas a urgência de existir uma disciplina sobre gênero no currículo escolar, pois refletir sobre esse tema de forma mais abrangente se torna um instrumento poderoso de transformação social. Para revolucionar essa estrutura, a educação se torna uma ferramenta fundamental e o professor uma peça importante nessa dinâmica, podendo usar a sua prática educativa para fazer a diferença na construção do senso crítico dos alunos.

Sendo assim, a prática docente pautada na busca pelo conhecimento do aluno se torna fundamental para uma educação comprometida com o desenvolvimento e construtiva ao longo de toda a vida, trazendo mudanças significativas para a sociedade.

Referências

AIDAR, Laura. 26 mulheres importantes que fizeram história. **Ebiografia**, 2022. Disponível em: https://www.ebiografia.com/mulheres_importantes_historia/ Acesso em: 05 out 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

KAUR, Rupi. **Outros jeitos de usar a boca.** Tradução: Ana Guadalupe. 1 ed. São Paulo: Planeta, 2017.

KAUR, Rupi. **O que o sol faz com as flores.** Tradução: Ana Guadalupe. 1 ed. São Paulo: Planeta, 2018.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** 32. Ed. São Paulo: Cortez, 1994.

LOUREIRO, Carolina P. **Corpo, beleza e auto-objetificação feminina.** 2014. 147 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, 2014.

LOURO, Guacira L. **Prendas e antiprendas:** Educando a mulher gaúcha. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p.25-56, jul. 1986.

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina:** O sexismo na escola. Campinas: Moderna, 1999.

NUNES, Zeno C.; NUNES, Rui C. **Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Martins livreiro, 1984.

RABELO, Amanda O. **A importância da investigação narrativa na educação.** Educ. Soc., Campinas, v. 32, n. 114, p. 171-188, jan-mar. 2011.

ROSSETTI, Carol. **O Projeto Mulheres.** 2019. Disponível em: <https://www.carolrossetti.com.br/mulheres> Acesso em: 18 abr 2024

SARAIVA, Glaucus. **Manual do tradicionalista:** Orientação geral para tradicionalistas e Centros de Tradições Gaúchas. Porto Alegre: Sulina, 1968.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica:** Primeiras aproximações. Campinas: Autores Associados, 2013.

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais.** São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Construção do conhecimento em sala de aula.** São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1993.

ZABALA, Antoni. **A Prática Educativa:** como ensinar. 1.ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

4.3 REPRESENTAÇÕES ESTUDANTIS SOBRE GÊNERO NOS CURSOS INTEGRADOS DA EPT

Representações estudantis sobre gênero nos cursos integrados da EPT³

³ Artigo em processo de submissão: EDUCITEC, Manaus - Amazonas - Brasil. Disponível em: <https://sistemascmc.ifam.edu.br/educitec/index.php/educitec>

Lilian Morim Prates
Vantoir Roberto Brancher
Ana Cláudia de Oliveira da Silva

Resumo

Este texto surgiu a partir da pesquisa de Mestrado intitulada “Equidade de Gênero nos cursos integrados da EPT: abordagens e práticas educativas”, vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Farroupilha (IFFAR) - campus Jaguarí. Utilizamos uma metodologia de cunho qualitativo com o objetivo de compreender quais as representações estudantis sobre gênero nos cursos integrados da EPT. Os dados foram obtidos através de entrevistas semiestruturadas e analisadas por meio da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011). As alunas demonstraram se sentir representadas na instituição em que fazem parte, pois ela promove um ambiente educacional que valoriza a equidade e reconhece as múltiplas identidades de gênero dos alunos, citaram os núcleos existentes, abordando que eles ajudam na promoção do debate sobre representatividade, mas que sentem a falta de aprofundamento sobre essas questões. Portanto, para que as representações de gênero sejam transformadoras, as escolas devem criar mais momentos inclusivos, promovendo a equidade de gênero, pois isso contribui para a formação de uma sociedade mais justa e equitativa.

Palavras-chave: Representações. Gênero. Cursos Integrados.

Student representations about gender in EPT integrated courses

Abstract

This text emerged from the Master's research entitled “Gender Equity in integrated EPT courses: educational approaches and practices”, linked to the Postgraduate Program in Professional and Technological Education (PROFEPT) of the Federal Institute of Education, Science and Technology Farroupilha (IFFAR) - Jaguarí campus. We used a qualitative methodology with the aim of understanding student representations of gender in integrated EPT courses. Data were obtained through semi-structured interviews and analyzed using Content Analysis (BARDIN, 2011). The students demonstrated that they feel represented in the institution they are part of, as it promotes an educational environment that values equity and recognizes students' multiple gender identities, they mentioned the existing centers, stating that they help promote the debate on representation, but who feel the lack of depth on these issues. Therefore, for gender representations to be transformative, schools must create more inclusive moments, promoting gender equity, as this contributes to the formation of a fairer and more equitable society.

Keywords: Representations. Gender. Integrated Courses.

Representaciones estudiantiles sobre género en los cursos integrados del EPT

Resumen

Este texto surgió de la investigación de Maestría titulada “Equidad de Género en cursos integrados de EPT: enfoques y prácticas educativas”, vinculada al Programa de Postgrado en Educación Profesional y Tecnológica (PROFEPT) del Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología Farroupilha (IFFAR) - Campus Jaguarí. Utilizamos una metodología cualitativa con el objetivo de comprender las representaciones de género de los estudiantes en cursos integrados de EPT. Los datos se obtuvieron a través de entrevistas semiestruturadas y se analizaron mediante Análisis de Contenido (BARDIN, 2011). Los estudiantes demostraron sentirse representados en la institución de la que forman parte, ya que promueve un ambiente educativo que valora la equidad y reconoce las múltiples identidades de género de los estudiantes, mencionaron los centros existentes, afirmando que ayudan a promover el debate sobre la representación. pero que sienten la falta de profundidad en estos temas. Por lo tanto, para que las representaciones de género sean transformadoras, las escuelas deben crear momentos más inclusivos, promoviendo la equidad de género, ya que esto contribuye a la formación de una sociedad más justa y equitativa.

Palabras clave: Representaciones. Género. Cursos Integrados.

Introdução

A educação é fundamental como propulsora da sociedade, transformando a realidade social e promovendo a formação do pensamento crítico e de indivíduos capacitados para melhorar o mundo. A discussão sobre gênero em espaços educacionais amplia caminhos e escolhas, fomentando o respeito e a equidade de gênero.

A prática educativa abrange processos formativos que ocorrem no contexto social e, segundo Libâneo (2006), a sala de aula é um espaço essencial para que isso ocorra, pois há um ambiente de troca regular entre alunos e professores, tornando a prática educacional uma “ação consciente, intencional e planejada no processo de formação humana”. (p.25)

Os cursos integrados têm como objetivo promover a formação integral dos alunos e contribuir para a transformação do sujeito social. Segundo Pacheco (2011), os Institutos Federais são referência para a formação integral dos estudantes, pois

O que está posto para os Institutos Federais é a formação de cidadãos como agentes políticos capazes de ultrapassar obstáculos, pensar e agir em favor de transformações políticas, econômicas e sociais imprescindíveis para a construção de outro mundo possível (p.29).

Essa política dos Institutos Federais permite que os estudantes, especialmente os dos Cursos Integrados, obtenham uma formação mais abrangente. Ela promove não só o aprendizado acadêmico, mas também prepara os alunos de forma ampla para desafios acadêmicos e profissionais futuros, para uma leitura do mundo de forma mais abrangente.

Nesta perspectiva, a pesquisa foi motivada por compreender as representações estudantis sobre gênero nos cursos integrados da EPT. Assim, esse estudo busca compreender os significados atribuídos a estas representações.

Metodologia

Utilizamos uma metodologia de cunho qualitativo, tendo por premissa a investigação de questões objetivas e subjetivas, visando compreender as particularidades dos seres humanos e do contexto e sociedade em que estão inseridos. Os dados foram obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas, pois,

segundo Triviños (1987, p. 145 - 146), “para alguns tipos de pesquisa qualitativa, a entrevista semi-estruturada é um dos principais meios, que tem o investigador para realizar a Coleta de Dados”.

A pesquisa foi realizada com alunas maiores de idade matriculadas nos cursos Técnicos Integrados do Instituto Federal Farroupilha (IFFar), Campus Jaguari. Ao todo foram 11 alunas entrevistadas, pertencentes aos cursos Técnico em Administração, Técnico em Sistemas de Energias Renováveis e Técnico em Agricultura.

A primeira medida foi solicitar uma autorização à reitoria do Instituto Federal Farroupilha (IFFar) para a realização do trabalho. Após a emissão da Carta de Autorização pelo pró-reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação do IFFar e pelo diretor-geral do Campus Jaguari, submeteu-se o projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). O projeto foi aprovado, o que possibilitou a continuidade da pesquisa.

Na sequência, foi feito contato com a Coordenação de Registros Acadêmicos do IFFar, Campus Jaguari, e solicitadas informações e dados referentes às alunas maiores de idade matriculadas nos cursos Técnicos Integrados deste campus. Com este levantamento prévio do número de alunas maiores de idade matriculadas nos cursos, realizou-se um primeiro contato com as discentes diante de uma apresentação formal por email, inserindo-as no contexto da investigação a partir desse convite.

A partir do aceite, elas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e receberam o Termo de Confidencialidade. Nesta oportunidade, foram apresentadas à abordagem do estudo e esclarecidas quanto aos fundamentos metodológicos e éticos.

As entrevistas foram agendadas previamente em horário e local conforme a disponibilidade dos participantes. Essas entrevistas foram gravadas via videochamada no Google Meet, enquanto a transcrição das falas foi realizada pela ferramenta Tactiq, uma extensão do Google Chrome. Elas seguiram um roteiro de perguntas direcionadas conforme cada objetivo específico. Este tipo de abordagem na pesquisa possibilita construir uma entrevista mais espontânea e natural para a coleta de dados. Importante mencionar que as falas foram relidas e revisadas minuciosamente durante suas transcrições.

Foram utilizadas 3 imagens e 2 poesias sobre o tema equidade de gênero para iniciarmos as entrevistas. As imagens são parte do livro “Mulheres: retrato de respeito, amor-próprio, direitos e dignidade”, de Carol Rossetti, e fazem parte de um projeto desenvolvido pela autora chamado “O Projeto Mulheres”, presente no site <https://www.carolrossetti.com.br/mulheres>. As poesias são obras da autora Rupi Kaur, presentes nos seus livros “Outros jeitos de usar a boca” e “O que o sol faz com as flores”, com tradução de Ana Guadalupe. Abaixo apresentamos um quadro contendo as imagens e poesias que utilizamos na entrevista:

Quadro 1 - Imagens e poesias utilizadas na entrevista

IMAGENS	
Imagem 1	 <p>Disponível em: https://www.carolrossetti.com.br/mulheres</p>
Imagem 2	 <p>Disponível em: https://www.carolrossetti.com.br/mulheres</p>

Imagem 3	 <p>Disponível em: https://www.carolrossetti.com.br/mulheres</p>
Poesia 1	<p style="text-align: center;">Legado Me levanto sobre o sacrifício de um milhão de mulheres que vieram antes e penso o que é que eu faço para tornar essa montanha mais alta para que as mulheres que vierem depois de mim possam ver além</p> <p>Poesia de: Rupi Kaur</p>
Poesia 2	<p style="text-align: center;">Quero pedir desculpas a todas as mulheres que descrevi como bonitas antes de dizer inteligentes ou corajosas fico triste por ter falado como se algo tão simples como aquilo que nasceu com você fosse seu maior orgulho quando seu espírito já despedaçou montanhas de agora em diante vou dizer coisas como você é forte ou você é incrível não porque eu não te ache bonita mas porque você é muito mais do que isso</p> <p>Poesia de: Rupi Kaur</p>
<p>Fontes: Imagens: https://www.carolrossetti.com.br/mulheres Poesia 1: Rupi Kaur. O que o sol faz com as flores. Poesia 2: Rupi Kaur. Outros jeitos de usar a boca.</p>	

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Para análise dos dados da pesquisa, optou-se pela metodologia da Análise de Conteúdo (Bardin, 2011), que “é um conjunto de técnicas e análises das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens.” (p. 33). O sistema de categorização foi construído com base em critérios específicos, como homogeneidade, pertinência e objetividade,

visando estabelecer clareza às categorias. Diante disso, foi feita uma análise inicial com o material coletado, explorando as narrativas.

Na sequência, as transcrições foram organizadas e sistematizadas, a partir dos objetivos específicos da pesquisa, tendo como base o quadro da entrevista semiestruturada. A partir disso, avançamos para os dados e interpretação das narrativas, agrupando as respostas nas categorias previamente estabelecidas, observando as semelhanças e regularidades dos dados obtidos/construídos, definindo as categorias de análise. A elaboração das categorias de análise possibilitou uma melhor compreensão e reflexão das narrativas, ressignificando a pesquisa. Ao estabelecer os critérios e definir as categorias de análise, emergiram resultados e discussões que contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa.

Diante de várias maneiras de investigar um contexto, este trabalho utilizou a Análise das Narrativas, que é utilizada para explorar dados qualitativos, identificando a peculiaridade existente em grupos ou indivíduos. Segundo Rabelo (2011), “a análise de narrativas caracteriza-se tanto pela atenção cuidadosa à autoridade interpretativa do investigador, quanto pela relevância da voz do informante”.

Assim, através da análise das narrativas, buscamos entender, no decorrer deste texto, como esse tema está sendo discutido na atualidade e como está sendo abordado nos currículos integrados do IFFar, Campus Jaguari. Compreende-se que esta temática é relevante, pois amplia as reflexões do respeito à equidade de gênero. Também expande o horizonte de compreensão em torno dos fatores que envolvem essa construção.

Participaram das entrevistas 11 alunas, entre 18 e 22 anos, todas matriculadas em cursos do Ensino Integrado do Instituto Federal Farroupilha, campus Jaguari. Utilizamos um codinome para cada entrevistada da pesquisa, com o objetivo de preservar suas identidades. Optamos por nomes de mulheres que ao longo da história estiveram presentes nas lutas feministas, quebrando paradigmas e conquistando direitos para as mulheres.

No quadro abaixo, a partir de pesquisa no site Ebiografia, no endereço https://www.ebiografia.com/mulheres_importantes_historia/, consta um pequeno resumo para entendermos brevemente sobre a importância dessas mulheres e suas personalidades:

Quadro 2 - Personalidades e suas lutas e conquistas

NOME	ANO	SUAS LUTAS E CONQUISTAS
Carlota de Queirós	1892-1982	Médica, deputada e ativista, foi a primeira mulher eleita para ocupar um cargo de deputada no Brasil, sendo a única mulher a ocupar o cargo dentre mais de 250 deputados. Foi uma ativista pelo reconhecimento dos direitos das mulheres e fez parte de diversos movimentos que lutavam por essa causa. Criou projetos ligados à assistência social e à alfabetização, sempre focada em utilizar a medicina como meio de transformação social. Foi a fundadora da Associação Brasileira de Mulheres Médicas (ABMM) no início dos anos 50, presidiu a associação durante a década de 1960 e buscou com seu trabalho dar destaque às necessidades das mulheres dentro da medicina.
Laudelina Melo	1904-1991	Trabalhou como doméstica até 1950, aos 16 anos passou a atuar em organizações do movimento negro, sendo eleita presidente do Clube 13 de Maio. Se filiou ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), na década de 1930, e militou pela Frente Negra Brasileira (FNB). Durante toda sua vida esteve à frente de lutas pelos direitos dos trabalhadores domésticos e contra o preconceito racial. Se alistou durante a Segunda Guerra Mundial para trabalhar como auxiliar de guerra.
Mietta Santiago	1903-1995	Foi uma escritora, poeta, advogada criminalista e sufragista brasileira. Lutou pelo direito ao voto das mulheres brasileiras, sendo uma das primeiras mulheres no Brasil a exercer plenamente seus direitos políticos. Fundou a Liga de Eleitoras Mineiras e seu pioneirismo inspirou poetas a escrever sobre seus feitos. Era figura frequente na boêmia da capital mineira.
Nísia Floresta	1810-1885	Foi escritora e professora. Acreditava que o trabalho era a principal ferramenta de emancipação das mulheres e por isso criou uma escola em que as alunas tinham aulas sobre conteúdos que até então eram restritos aos homens, como ciências sociais e matemática. Ela registrou a importância da defesa do trabalho como meio de emancipação da mulher no livro Direitos das mulheres e injustiça dos homens, publicado em 1832. É reconhecida como a primeira feminista do Brasil, por sua atuação na defesa das mulheres e pelo incentivo à liberdade através do trabalho.
Dandara dos Palmares	?-1694	Um dos símbolos femininos de maior força para o movimento negro no Brasil. Casada com Zumbi dos Palmares. Especula-se que ela conhecia as técnicas de capoeira e lutou bravamente para defender o quilombo dos Palmares. É considerada uma guerreira por lutar bravamente pela liberdade de negras e negros. Cometeu suicídio, pois não tolerava retornar à condição de escrava.
Joana D'Arc	1412-1431	Foi uma personalidade importante na França devido aos seus feitos na Guerra dos Cem Anos, contribuindo diretamente para a vitória francesa no conflito. Liderou exércitos e alcançou vitórias, pois tinha a intenção de libertar seu país da Inglaterra. Foi condenada pela Inquisição e executada como bruxa. Porém, no início do século XX foi canonizada como santa pela Igreja Católica.
Maria Quitéria	1792-1853	Foi a primeira mulher a conquistar um lugar nas Forças Armadas do país, estando envolvida em diversas batalhas, dentre elas a luta pela independência do país. Conta-se que, para conseguir se alistar no Exército, que não permitia a presença feminina na época, ela cortou os cabelos e alistou-se como um homem, sob a alcunha de Medeiros, seu último sobrenome. Algum tempo depois ela teve sua identidade descoberta, mas sua permanência no Exército foi permitida, pois obteve o

		reconhecimento de suas qualidades como militar, principalmente sua conduta disciplinar. Foi considerada uma excelente atiradora. Recebeu a condecoração da Ordem Imperial do Cruzeiro do Sul, que foi entregue pessoalmente pelo Imperador do Brasil na época, Dom Pedro I.
Djamila Ribeiro	1980-...	É uma das principais intelectuais negras e feministas do Brasil. Graduada em Filosofia e mestre em Filosofia Política. Desde cedo, habituara-se a refletir sobre a questão social dos corpos negros por influência de seu pai, militante do movimento negro e um dos fundadores do Partido Comunista de Santos. Em 2015, assumiu como secretária-adjunta a pasta de Direitos Humanos e Cidadania da cidade de São Paulo, experiência que marcou sua trajetória por ter possibilitado refletir sobre os constrangimentos e a solidão que a mulher negra vivencia nos espaços de poder.
Frida Kahlo	1907-1954	É um ícone feminino da história da arte. Teve uma produção intensa, pintando autorretratos e cenas surrealistas com forte identidade latino-americana. A artista é reconhecida também como um emblema feminista. Isso porque mesmo não se identificando como tal, teve uma postura marcada contra o sistema patriarcal e impôs suas ideias de forma criativa e decidida.
Leila Diniz	1945-1972	Quebrou tabus de uma época em que a repressão dominava o Brasil. Escandalizou a tradicional família brasileira ao exibir a sua gravidez de oito meses na praia de biquíni e ao amamentar a filha Janaína diante das câmeras. Também chocou o país inteiro ao proferir a frase: Transo de manhã, de tarde e de noite. Defensora do amor livre e do prazer sexual, irritou feministas tradicionais e se tornou símbolo da liberação feminina dos anos 1960 e 1970.
Marie Curie	1867-1934	Foi uma cientista que realizou importantes descobertas no campo da química, sendo a primeira mulher a conquistar um Prêmio Nobel e a única a receber esse prêmio por duas vezes. Promoveu importantes estudos sobre radiação, finalizando o seu doutorado com um estudo nessa área. Por meio de suas pesquisas, descobriu que o rádio e o polônio eram elementos químicos mais radioativos que o urânio. Ela também recebeu o mérito de ter descoberto esses dois elementos químicos.
Fontes dos resumos das biografias: https://www.ebiografia.com/mulheres_importantes_historia/		

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Resultado

Os dados foram construídos por meio de entrevistas semiestruturadas. Desta forma, considerando as falas das entrevistadas, obtivemos respostas que nos levaram a entender a percepção das estudantes sobre as representações de gênero nos cursos integrados da EPT.

Sendo assim, o processo de categorização permitiu uma melhor compreensão dos discursos das narrativas, ressignificando os conhecimentos advindos da pesquisa. Conduzimos a análise das narrativas para compreender

como percebem as representações estudantis dos cursos integrados sobre gênero na EPT, a partir da vivência das entrevistadas.

Ao abordarmos sobre as percepções das alunas sobre como elas percebem a representatividade de gênero em suas instituições de ensino, Maria Quitéria acha que “nas escolas e no Instituto Federal tem mais mulheres do que homens.” e Carlota Joaquina corrobora com a mesma opinião ao mencionar que:

Bom, se a gente for fazer um levantamento, creio que a gente tenha mais professoras mulheres do que homens aqui. E é isso, mulheres à frente, sabe, a gente tem aqui a xxxxx como diretora do ensino e aqui na SAP é só mulher também, na CAE a maioria é mulher. É isso.

Carlota Joaquina demonstra segurança e inspiração quando menciona que muitas professoras estão à frente, liderando setores. Dandara dos Palmares relata que o campus “É bem distribuído. Podemos dizer porque nossa diretora de ensino é a Diretora 1, né? E diretor-geral é o Diretor 2. Então, acho que no campus há, sim, essa igualdade, né? É realmente por competência e não por gênero, né?”

Assim, as identidades das estudantes são definidas de acordo com o contexto e as expectativas que surgem em torno delas, formando-as culturalmente. A representação é usada para moldar as identidades, sendo fundamental na construção da representatividade de gênero. O poder influencia o processo de representação, que, por sua vez, impacta a formação de identidades culturais e sociais, reforçando as relações de poder. (Silva, 1998)

A partir da fala das colaboradoras, entende-se que suas representações são baseadas na identidade que formam, fazendo com que se sintam parte do contexto em que estão vivendo. Nesta perspectiva, Castoriadis (1987-1992) reitera que a constituição da sociedade se faz na composição de representações, valores e categorizações do mundo. Nesta forma de criar o mundo, o indivíduo “abre acesso a um mundo de significações imaginárias sociais”. (p.58)

A partir dessas construções, o simbólico vai se configurando conforme as necessidades existentes na sociedade em cada momento histórico, criando maneiras de agir, ser, regular, adquirindo regras e formas de organização. Assim, a sociedade vai se definindo a partir de diversas relações com o simbólico.

Em algumas falas, percebe-se muito a distinção simbólica construída entre os gêneros. Essas distinções vão além das diferenças biológicas e incluem

comportamentos, expectativas, modos de ser e de agir que se espera de cada um. Nísia Floresta comenta que em muitos trabalhos os homens duvidam da capacidade das mulheres: “Só por aquela diferença de tamanho e coisa assim.” E essa diferença algumas notam no curso em que estão matriculadas, como na fala a seguir:

Principalmente no nosso curso, muitas vezes nas aulas práticas são só as meninas que estão ali fazendo, no caso pegando no pesado ou fazendo atividades que são propostas. Aí, às vezes, vem os meninos e falam assim: “ah deixa que a gente faz”. Aí a gente vai lá bater de frente, porque a gente quer fazer também, tem que ser capaz, né. (Maria Quitéria)

Compreende-se que a partir desse imaginário, são produzidas representações de gênero, baseadas em discursos simbólicos. Na sociedade foi instituída a binaridade de gênero, marcada pelo masculino e pelo feminino, criando uma série de funções ou regras, assim como diversas maneiras de se constituir e funcionar a partir das necessidades da sociedade. Sobre esta binaridade de gênero:

A instituição da sociedade é sempre obrigada a levar em consideração esta repartição da coletividade (considerada como um conjunto de cabeças) num subconjunto masculino e num subconjunto feminino; mas este levar em consideração ocorre em e por uma transformação do fato natural de ser-masculino ou de ser-feminino em significação imaginária social de ser-homem ou de ser-mulher, o que se liga ao magna de todas as significações imaginárias da sociedade considerada. (Castoriadis, 1982, p. 268)

A partir desta constituição, torna-se difícil transformar e desconstruir essa sociedade com raízes tão profundas no domínio patriarcal. Nesta instituição marcada pelo preconceito, em que o homem e a mulher assumem papéis pré-definidos cultural e simbolicamente, torna-se difícil refletir sobre a equidade de gênero, assim como entender os próprios conceitos de maneira mais profunda.

Sobre seu entendimento sobre gênero, Nísia Floresta cita que:

Pra mim, gênero seria, eu acho que o que eu sou, tipo, não minha personalidade, mas seria o sexo que eu me defino. Ah, eu me vestir como mulher e gostar de mulheres, entendeu. Mas pra mim é sobre o sexo que a gente se identifica. Ainda comentei com uma professora pra ver se ela sabia o que era equidade de gênero. Ela falou que achava que equidade de gênero tinha alguma coisa a ver com: “o que é que falta num aluno pra ele ser e ter as mesmas oportunidades que os outros alunos têm?”

Além de uma percepção vaga sobre esses conceitos, também existe uma confusão quando abordamos sobre gênero. Nísia Floresta transparece esse equívoco em sua fala ao ser questionada sobre gênero: “Veio uma colega minha que

era trans, sabe? Era um menino que se vestia como mulher, se identificava como mulher.”

Importante referir que a transexualidade tem se tornado um tema de crescente interesse em várias áreas do conhecimento científico, sendo analisada sob diferentes perspectivas. Castel (2001, p. 77) a define como um “sentimento intenso de não-pertença ao sexo anatômico, sem por isso manifestar distúrbios delirantes [...], e sem bases orgânicas”.

Diante disso, nota-se uma falta de conhecimento, assim como uma confusão sobre o termo gênero. Sobre ele, torna-se importante inferir que, durante o movimento feminista, começaram a usá-lo, ressaltando que as diferenças entre homens e mulheres se davam social e culturalmente e não eram apenas biologicamente determinadas. Para Scott (1995), o gênero se constrói a partir das relações sociais, opondo-se ao determinismo biológico. Desta forma, existem percepções de gênero que percebem(percepções que se percebem? não ficou bem as diferenças como construção social e não simplesmente como distinções biológicas entre homens e mulheres.

Essa maior compreensão sobre gênero só vai acontecer a partir de atividades propostas na instituição, seja em sala de aula seja em espaços coletivos de maneira mais abrangente. Sobre essa questão, Leila Diniz comentou: “Eu acho que é a questão de promover mais em sala de aula, promover, mais em realidades de sala de aula, em professores, em alunos, fazer trabalho, fazer os alunos trabalharem sobre isso etc.”

Sobre essas atuações, algumas colaboradoras mencionaram em suas falas sobre o Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual (NUGEDIS), destacando como estes núcleos se tornam uma maneira de representatividade. Laudelina Melo comenta que “A escola precisa de núcleos que são, eu acho que o NUGEDIS e esses núcleos que ajudam a representatividade do IF.”

O NUGEDIS está inserido nos Instituto Federal Farroupilha (IFFAR), dentro da Coordenação de Ações Inclusivas (CAI), e tem por objetivo o desenvolvimento de “políticas, ações e projetos no intuito de promover o respeito e a valorização de todos os sujeitos, e proporcionar espaços para debates, vivências e reflexões referentes às questões de gênero e diversidade sexual.” (IFFAR, 2016). Segundo Fioravanti (2022, p. 46), “O que se evidencia, então, é que os Núcleos de estudos e

pesquisas sobre gênero e diversidade sexual nos IFs do RS são relativamente novos, sendo, possivelmente, o mais antigo de 2016.”

Mesmo algumas alunas não lembrando o nome desses núcleos, elas se sentem representadas e sabem de sua existência. Mietta Santiago menciona “Agora eu não me lembro o nome, mas tem um núcleo que é para pessoas LGBT e essas coisas, e eles sempre fazem palestras sobre esse tipo de coisa, sobre feminismo e LGBT e essas coisas.”

Fica evidente nesta fala que, para as estudantes, o NUGEDIS é compreendido tanto como espaço de valorização do feminino, como das questões LGBTs, possibilitando debates e ações que reflitam sobre gênero e diversidade sexual, desconstruindo conceitos e construindo uma sociedade mais justa e equitativa. Sobre isso, Fioravante, Brancher e Moreira (2020) mencionam que:

Em espaços como o do NUGEDIS, jovens e adolescentes estarão conversando em um ambiente de aprendizado pautado em conhecimentos de referenciais teóricos. Nesse ínterim, as escolas e os institutos que escolhem problematizar essas temáticas têm a vantagem de disseminar o conhecimento através do “diálogo” entre o científico e o empírico. Assim, evita-se que os/as jovens adquiram aprendizados errôneos, sem embasamento teórico e carregados de preconceitos e discriminações. (p. 217)

O NUGEDIS proporciona um importante espaço em busca de debates acerca de representatividade de gênero e diversidade sexual. Pode-se discernir que estes movimentos de luta por equidade tomam força a partir de movimentos importantes que aconteceram no decorrer da história, tendo como pioneiro o movimento feminista. Sobre esses movimentos, Duarte e Santos (2020) menciona que:

Historicamente a visibilidade aos temas de gêneros, sexualidades e identidades foi constituído nos anos 1960 por movimentos feministas, de lésbicas e gays, que tinham por objetivo provocar nas populações à afirmação de várias identidades, além de reconhecer a diferença, a diversidade e pluralidade das identidades. (p. 616)

Os estudos e políticas em busca da equidade de gênero, iniciados com os movimentos feministas, trouxeram as discussões das causas LGBTs, buscando a igualdade social e o rompimento com o preconceito, através da conscientização das pessoas e da representatividade em nossa sociedade.

Desta forma, mesmo o NUGEDIS atuando como referência destes movimentos de luta dentro do IFFAR, as alunas demonstram o conhecimento sobre

gênero de forma superficial, necessitando de um melhor aproveitamento do potencial existente nesses núcleos. Sendo assim, mostra-se necessário debater com mais profundidade sobre equidade de gênero para que as alunas consigam se apropriar deste tema.

Na gramática, gênero é compreendido como um meio de classificar, distinguir socialmente, mediante traços inerentes. Além disso, as classificações sugerem uma relação entre categorias que permitem distinções ou agrupamentos separados, conduzindo ao entendimento de que os papéis sociais e comportamentos estão associados ao sexo biológico das pessoas, de maneira imposta pelos padrões sociais. Nesse sentido, Scott (1995) comenta que

O termo "gênero" torna-se, antes, uma maneira de indicar "construções culturais" - a criação inteiramente social de idéias sobre papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. "Gênero" é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. (p. 4)

Joan Scott (1992) se contrapõe à perspectiva da construção biológica de gênero, em que o ser humano se constitui como masculino ou feminino no seu nascimento. Ela compreende que os conceitos de gênero não podem (nem devem) ser construídos tomando como base as questões fundamentadas no âmbito físico, anatômico e biológico, mas, as de caráter mais geral envolvendo o social, o político, o cultural, o econômico e o jurídico.

Guacira Lopes Louro (1997) entende gênero como algo que está relacionado com as características da identidade individual de cada sujeito e não como características depositadas na prática sexual de cada indivíduo, a partir de uma expectativa social criada histórica e culturalmente. Sobre isso, Louro menciona:

Ao afirmar que o gênero institui a identidade do sujeito (assim como a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a ideia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o. (1998, p. 25).

Torna-se importante compreender que os contextos em que estamos inseridos refletem sobre a nossa construção como seres sociais. E a cultura a que estamos submetidos ainda identifica os indivíduos nas características sexuais do gênero, o masculino e o feminino, com formatos enrijecidos e padronizados socialmente,

criados histórica e culturalmente. Frigoto, Ciavatta e Ramos (2005, p. 12) argumentam que

[...] a cultura deve ser compreendida no seu sentido mais amplo possível, ou seja, como a articulação entre o conjunto de representações e comportamentos e o processo dinâmico de socialização, constituindo o modo de vida de uma população determinada. Portanto, cultura é o processo de produção de símbolos, de representações, de significados e, ao mesmo tempo, prática constituinte e constituída do/pelo tecido social.

Desta forma, é preciso elucidar que o contexto em que os sujeitos estão inseridos é permeado por relações sociais significativas, coadjuvantes na construção de suas identidades, sendo a escola um lugar importante para que isso aconteça. E se sentir representado é importante para o desenvolvimento social dos alunos, como fica evidente na fala de Leila Diniz: “Mas como aluna eu faço parte de aulas que grande parte são de professoras mulheres, são meninas.”

Na fala de Dandara dos Palmares, ela menciona sobre a segurança que sente ao se sentir representada, pois segundo ela “isso encoraja mais a gente, né, saber que tem pessoas que conseguiram, que a gente também consegue, que a gente pode correr atrás”. (Dandara dos Palmares). Nesta mesma perspectiva, Mietta Santiago discorre que “Tem as professoras que contam que foram para vários países, vários lugares diferentes, que fizeram um monte de faculdade, um monte de coisa.”

Porto e Brancher (2019) discorrem no artigo “Mulheres e docência na EBTT: espaço para homens?” sobre as possíveis implicações de ser mulher na construção profissional e significações da docência nos Cursos Técnicos. Os autores abordam que “As áreas técnicas são fortemente atravessadas pelo imaginário instituído de lugar para homem, de pertencimento masculino e de como são construídas tais significações.” (p. 210).

Diante disso, torna-se essencial destituir essas significações, visto que estão carregados de ideias tradicionais, valores rígidos ou até de preconceitos e limitações culturais. Sobre isso, Maria Quitéria menciona que:

No nosso campus a gente tá bem representada porque a maior parte dos professores da parte técnica são mulheres, e são mulheres assim que, como é que eu vou dizer, que se posicionam. Então eu acho que a gente tá bem representada assim e serve como um amparo que a gente precisa ou uma inspiração.

A representação equitativa ajuda a combater estereótipos de gênero e preconceitos, criando um ambiente mais inclusivo, em que todos podem se sentir respeitados e valorizados. A luta por uma representação equitativa é, portanto, fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, em que todas as vozes sejam ouvidas e valorizadas.

Além de debaterem sobre representatividade em suas falar, algumas colaboradoras demonstraram sororidade, como na fala de Carlota Joaquina:

Quando se junta uma menina, a gente se une, sabe, e consegue debater, por exemplo. E os meninos também, eles são bem cabeça aberta, sabe, eles nunca vão julgar a gente, falar tipo, ah, teu lugar não é aqui, por exemplo. Então sim, eu me sinto representada em muitas das discussões que têm, por mais que tenham opiniões opostas sempre vão dar um jeito de uma ajudar a outra.

Apesar da palavra sororidade já ser utilizada na linguagem coloquial, ela foi incluída no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP) apenas em julho de 2021, significando: “Sentimento de irmandade, empatia, solidariedade e união entre as mulheres, por compartilharem uma identidade de gênero; conduta ou atitude que reflete este sentimento, especialmente em oposição a todas as formas de exclusão, opressão e violência contra as mulheres.” (VOLP, 2021).

Contudo, esta palavra ganhou força e significado através do movimento feminista, nas décadas de 1960 e 1970, em um cenário bastante efervescente, sendo usada para simbolizar a união entre mulheres na luta contra diversas formas de opressão e violência, além do apoio mútuo. Segundo Beker e Barbosa (2016), a sororidade é essencial para que as mulheres pratiquem a empatia e combatam a misoginia, colocando-se no lugar umas das outras.

Sabendo que a sororidade é um conceito fundamental na luta por igualdade de gênero e que promove a união e o apoio entre mulheres, entendemos que, ao cultivar a sororidade, as mulheres podem enfrentar juntas os desafios e lutar por um mundo mais justo e igualitário. Assim, em um ambiente com mais sororidade, as mulheres sentem que pertencem ao lugar onde estão, pois constroem sua identidade ao atribuir significados às suas vivências e ao contexto em que vivem.

A escola constitui um espaço relevante nesta dinâmica, a partir das representações existentes e nas falas das alunas, essa representação ficou bastante em evidência quando perguntado sobre qual é o impacto da representatividade de

gênero na formação profissional e como isso influencia na preparação para o mercado de trabalho:

O mercado de trabalho está aqui (mãos em cima da cabeça). A gente recebe pouco. A mulher já está ali embaixo. É muito complicado. Eu estou me formando em Administração, então, se eu trabalhar no meu ramo, eu sei que vai ser complicado porque eu sei que eu vou receber menos. Sempre vai ter alguém que vai querer se achar melhor que eu. É muito complicado, principalmente para uma mulher nesse ramo. (Leila Diniz)

Importante inferir que as desigualdades sociais no mundo estão muito presentes no nosso cotidiano, incluindo o enfrentamento ao patriarcado e a desigualdade salarial entre homens e mulheres. O advento do capitalismo refletiu na mão-de-obra feminina, impactando tanto as oportunidades quanto as condições de trabalho para as mulheres.

Mesmo o capitalismo impulsionando a entrada das mulheres no mercado de trabalho em funções industriais e de serviços, isto aconteceu de forma desigual, pois elas foram direcionadas a postos de menor remuneração e menor qualificação, reforçando a divisão sexual do trabalho e a desigualdade salarial. Ainda assim, essa inserção foi importante para o surgimento de movimentos em prol de direitos e equidade de gênero.

Teixeira (2008) define a segregação profissional por gênero como a desigualdade na distribuição de homens e mulheres entre profissões, indicando que cada gênero ocupa diferentes tipos de empregos. Para Butler (2003), as mulheres são frequentemente julgadas no trabalho por fatores biológicos, como a gravidez, vista por empregadores como custo ou motivo de ausência. Seus papéis e identidades profissionais são moldados por comportamentos repetidos ao longo do tempo.

Sobre essa desvalorização do trabalho das mulheres, ao ser visto como menos importante, menos qualificado ou inferior ao trabalho masculino, apesar de realizar tarefas semelhantes ou até mais exigentes, Dandara dos Palmares menciona:

Até quando eu fui fazer meu estágio, falaram que talvez a gente, como menina, né, que eu sou do técnico da agricultura, a gente pudesse enfrentar um pouco isso, a questão de gênero, que ainda o pessoal um pouco de fora, às vezes, tem esse lado, né. Mas, graças a Deus, não. Sabe, foi bem tranquilo.

Essa desvalorização e discriminação se reflete em salários mais baixos, oportunidades limitadas de avanço profissional e uma maior concentração das mulheres em empregos precários ou pior remunerados. Além disso, fatores como a divisão sexual do trabalho, estereótipos de gênero e a falta de reconhecimento das mulheres contribuem para haver uma desigualdade no mercado de trabalho.

A discriminação na contratação de mulheres, segundo Bourdieu (2007), é resultado de estereótipos enraizados historicamente sobre o que é ser feminino. Esses estereótipos, transmitidos por gerações dentro dos grupos sociais, reforçam a ideia de que certos processos culturais são padrões naturalizados, perpetuando a desigualdade no mercado de trabalho.

Essa desigualdade e a falta de representatividade perpetuada em nossa sociedade traz insegurança, como demonstra Laudelina Melo em sua fala, ao expor que “Ser representada dentro de uma instituição e ser, tipo, ajudada ou auxiliada dentro de uma instituição, é totalmente diferente de você ser auxiliado ou representado dentro de um ambiente de trabalho, onde é mais masculino.”

Quando as mulheres veem outras mulheres em diferentes espaços, elas se sentem mais seguras e acreditam ser possível alcançar seus objetivos. A insegurança do que encontrarão no mercado de trabalho é causada pela visível desigualdade salarial, falta de oportunidades, discriminação de gênero e a escassez de representatividade feminina em cargos de liderança.

Em julho de 2023, o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou a Lei nº 14.611, que dispõe sobre a Igualdade Salarial e de Critérios Remuneratórios entre Mulheres e Homens. Esta nova lei, em seu art. 1º: “dispõe sobre a igualdade salarial e de critérios remuneratórios, nos termos da regulamentação, entre mulheres e homens para a realização de trabalho de igual valor ou no exercício da mesma função” (Brasil 2023).

Com a nova lei, as empresas são obrigadas a enviar dados sobre a realidade remuneratória de seus trabalhadores, além de detalhar suas políticas de incentivo à contratação e promoção com base na perspectiva de gênero. Essa medida busca monitorar e promover a equidade de gênero no ambiente de trabalho, garantindo mais transparência e equidade nas práticas salariais e de promoção na carreira.

Neste 1º Relatório Nacional de Transparência Salarial e de Critérios Remuneratórios, as pesquisas apontam que as mulheres no Brasil ganham, em média, 19,4% menos que os homens e essa desigualdade é ainda maior em cargos

de liderança, nos quais a diferença pode chegar a 25,2%. As mulheres negras enfrentam maiores disparidades salariais, representando 16,9% do total de vínculos empregatícios. Sua remuneração média corresponde a 68% da média das mulheres. Já os homens não-negros recebem 27,9% a mais em relação a mulheres negras. As mulheres negras ganham 66,7% do salário das mulheres não-negras. (Brasil, 2024)

Carlota Joaquina fala que se sente segura ao pensar na possibilidade das pessoas a acolherem quando adentrar para o mercado de trabalho, principalmente ao saber que teve apoio de colegas e professores. Ela reitera que

Me dá uma esperança de que lá na frente talvez vá ter alguém que também vai me apoiar do meu jeito, que eles me apoiam e que vai ser mais fácil eu entrar no mercado de trabalho e não ter esse negócio de “ai, porque a mulher vai fazer isso, porque a mulher vai fazer aquilo”. (Carlota Joaquina)

A escola tem um papel crucial como promotora de representatividade, pois é um dos principais espaços de formação de valores e identidade. A escola pode ajudar a desconstruir preconceitos e a fomentar a inclusão e equidade. Ao serem perguntadas se a escola promove ambientes inclusivos e acolhedores para todos os estudantes e se sentem representados, Carlota Joaquina respondeu:

Todos os núcleos são voltados para algo específico, tem a NUGEDIS, tem a NEABI, são vários núcleos que foram criados e com certeza se tiver uma demanda de algum núcleo que precisa ser criado para acolher um certo tipo de pessoa, de grupo, eles vão fazer, eles vão criar. Eu creio que o IFFAR é um lugar onde não poda ninguém, as ideias de ninguém. Tem todos os tipos de núcleos possíveis, de projetos possíveis para acolher todo mundo, não deixar ninguém de fora, ninguém ali se sente reprimido.

A representatividade é um aspecto essencial para promover um ambiente educacional mais inclusivo, equitativo e acolhedor. Esse conceito abrange a visibilidade e a valorização de diferentes identidades dentro do ambiente escolar. Garantir que alunos vejam modelos e histórias que os representem é essencial para promover a inclusão. Na fala de Djamila Ribeiro, ela menciona que na sua instituição de ensino são abertos ao diálogo e à equidade de gênero, pois “Eles não ligam para gênero, tipo, se é mulher ou se é homem que faz”.

Isso faz com que alunos se sintam reconhecidos e apoiados, além de contribuir para um ambiente mais respeitoso, empático e acolhedor, como demonstra Maria Quitéria em sua fala:

Até mesmo aqui a gente tem os times que fazem as competições, times de futsal, futebol, e são poucas as meninas que participam do futsal, por exemplo. Aí a gente sempre tenta chamar, sempre tenta, por mais que às vezes tem vergonha ou se sente insegura de ir. Então a gente sempre tenta mostrar que se não tentar não vai conseguir, né? Então eu acho que representatividade a gente tem bastante também.

A representatividade reforça o pertencimento e diminui casos de discriminação, preconceito, criando um ambiente mais seguro e propício para a aprendizagem. E nas falas das alunas, elas se apoiam muito nos núcleos existentes na instituição, como menciona Dandara dos Palmares ao falar que “Até tem alguns núcleos também, que daí já vai para a parte dos LGBT e todas essas aí, né?” Carlota Joaquina também demonstra se sentir acolhida ao citar que “Tem aqui o núcleo da NUGEDIS, que eles falam sobre isso.”

Sobre os núcleos, eles atuam para promover a representatividade e a inclusão de diversas identidades e algumas colaboradoras identificam eles como fundamental para criar um ambiente educacional mais justo e acolhedor. Mietta Santiago fala que “Tem o núcleo da CAPNE, que é para pessoas que têm dificuldades de aprendizado, tem a NEABI, que é para pessoas afrodescendentes e tem o NUGEDIS, que é para pessoas LGBT.”

Importante mencionar que no IFFAR as Ações Inclusivas são gestadas a partir da Pró-Reitoria de Ensino do IFFar (PROEN) por meio de duas coordenações: Coordenação de Ações Afirmativas (CAA) e Coordenação de Atendimento à Pessoa com Necessidades Educacionais Específicas (CAPNE), “que atuam buscando estratégias de promoção da igualdade, do respeito e do pertencimento de todas e todos os servidores e estudantes. Suas ações são voltadas para as temáticas de inclusão, diversidade e não violência.” (IFFAR, S.D.). Essas coordenações tem na sua constituição O NEABI (Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas) e o NUGEDIS (Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual) fazem parte dessas Ações Afirmativas.

Promover a representatividade nas instituições de ensino traz um impacto positivo no aprendizado e no bem-estar dos estudantes. Quando os estudantes se veem refletidos nos conteúdos que estudam e nas pessoas que os ensinam, eles tendem a desenvolver maior autoestima e senso de pertencimento. Além disso, a convivência com a equidade prepara melhor os alunos para viverem em uma sociedade plural e complexa, contribuindo para a formação de cidadãos mais

empáticos e abertos ao diálogo.

Algumas falas das alunas apontam como elas se sentem sobre a representatividade que vivenciam no ambiente escolar. Leila Diniz menciona que se sente “incluída bastante.” Frida Kahlo fala que “inclui todo mundo.” Tal percepção acerca da representatividade no ambiente escolar faz com que seja criado um espaço mais seguro e colaborativo para todos, impactando diretamente na confiança e disposição para aprender, como menciona Mietta Santiago ao falar que “Eu acho que motiva.”, pois como cita Laudelina Melo, “Eles se mostram sensíveis e inclusivos.”

Na sociedade foram instituídas as representações de gênero, marcada pelo masculino e pelo feminino, criando uma série de funções ou regras, assim como diversas maneiras de se constituir e funcionar a partir das necessidades da sociedade. Schienbinger (2001) sugere que a identidade de gênero é como uma pessoa incorpora aspectos de ideologias de gênero em seu senso de si. Essa identidade pode variar conforme o contexto e a época, enquanto a atribuição de gênero diz respeito aos comportamentos esperados de uma pessoa por ser homem ou mulher.

Desta forma, a luta por maior representatividade de gênero objetiva corrigir desequilíbrios históricos, em que certos grupos, especialmente as mulheres, foram sistematicamente excluídos de posições de influência e poder. A representatividade de gênero é importante porque a ausência de vozes diversas nos espaços de poder e na cultura contribui para perpetuar desigualdades sociais e limita a compreensão de questões que afetam diferentes gêneros de maneiras distintas.

Conclusão

Entendemos que esta pesquisa com o objetivo de compreender quais as representações estudantis sobre gênero nos cursos integrados da EPT pode contribuir para enriquecer o campo acadêmico com dados sobre como os alunos percebem questões de gênero e se sentem representados, preenchendo lacunas no conhecimento existente e estimulando novas pesquisas e debates.

Nas entrevistas, as alunas demonstraram se sentir representadas na instituição em que fazem parte e mencionaram que a promoção de um ambiente educacional que valoriza a equidade e reconhece as múltiplas identidades de gênero

dos alunos. As alunas também citaram os núcleos existentes na instituição e demonstraram que eles ajudam na representatividade, mas que sentem a falta de um maior aprofundamento sobre essas questões em sala de aula para melhor entendimento delas.

A análise dessas representações demonstra que as escolas, ao integrar a discussão sobre gênero, precisam ir além da simples menção do tema, incorporando práticas pedagógicas que favoreçam a inclusão e o respeito à equidade de gênero. Ao incluir a questão de gênero no debate estudantil, a escola contribui para a formação de consciência crítica entre os alunos, possibilitando que eles compreendam e desafiem as desigualdades históricas e estruturais relacionadas ao gênero. Isso também incentiva uma maior representatividade, permitindo que os estudantes se sintam refletidos nos conteúdos educacionais, no corpo docente e nas lideranças escolares.

Entretanto, para que as representações de gênero nos cursos integrados sejam realmente transformadoras, é fundamental que as escolas avancem na criação de momentos inclusivos e diversos, promovendo a reflexão sobre a equidade de gênero em todas as dimensões da vida acadêmica. Isso não apenas melhora a experiência educacional de todos, mas também contribui para a formação de uma sociedade mais justa e equitativa.

Referências

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Volp**: vocabulário ortográfico da língua portuguesa: busca no vocabulário. 6. ed. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario> . Acesso em: 21 out 2024.

AIDAR, Laura. (2022). 26 mulheres importantes que fizeram história. **Ebiografia**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/mulheres_importantes_historia/ . Acesso em: 05 out 2024.

BARDIN, Laurence. (2011). **Análise de conteúdo**. Edições 70.

BECKER, M. R.; BARBOSA, C. M. Sororidade em Marcela Lagarde y de los Rios e a experiência de vida e formação em Marie-Christine Josso e algumas reflexões sobre osaber-fazer-pensar nas ciências humanas. **Coisas do gênero**. São Leopoldo. V 2. N.2. 2016.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2007.

BRASIL. **Lei nº 14.611 de 3 de Julho de 2023**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/l14611.htm . Acesso em: 21 out 2024.

BRASIL. **Ministério do Trabalho e Emprego**. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/noticias-e-conteudo/2024/Marco/mulheres-recebem-19-4-a-menos-que-os-homens-aponta-1o-relatorio-de-transparencia-salarial> . Acesso em: 21 out 2024.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTEL, Pierre-Henri. **Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do ‘fenômeno transexual’** (1910-1995). Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 21, n. 41, p. 77-111, 2001.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Tradução de Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **As encruzilhadas do labirinto III: o mundo fragmentado**. Tradução Rosa Maria Boaventura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987-1992.

DUARTE, G. de O.; SANTOS, O. A. S. dos. **Entre armários e gavetas, eu danço!**. OuvirOUver, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 608–623, 2020. DOI: 10.14393/OUV-v16n2a2020-52557. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/52557>. Acesso em: 20 nov. 2024.

FIORAVANTE, Tábata dos S. **Violência de gênero na Educação Profissional e Tecnológica: reflexões a partir da atuação dos núcleos de gênero e diversidade sexual**. Dissertação. 2022. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha

FIORAVANTI, Tábata dos Santos; BRANCHER, Vantoir Roberto; MOREIRA, Heloísa Cordeiro. Gênero, sexualidade e diversidade sexual na educação profissional e tecnológica: os núcleos de gênero e diversidade. **Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, Boa Vista, v. 1, p. 207-219, 2020. E-ISSN: 2675-3294.

FRIGOTTO, Gaudêncio, CIAVATTA, Maria e RAMOS, Marise. **O trabalho como princípio educativo no projeto de educação integral dos trabalhadores**. In: COSTA, Hélio da e CONCEIÇÃO, Martinho. Educação integral e sistema de reconhecimento e certificação educacional profissional. São Paulo: Secretaria Nacional de Formação – CUT, 2005.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA FARROUPILHA. **Resolução nº 23/2016 de 24 de maio de 2016**. Altera a redação, reorganiza os títulos e inclui o Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual na Resolução Consup nº 015/2014 que dispõe sobre as Ações Inclusivas do IFFar. Santa Maria: IFFAR, 2016.

Disponível em:

<https://www.iffarroupilha.edu.br/regulamentos-e-legisla%C3%A7%C3%B5es/resolu%C3%A7%C3%B5es/item/14699-resolu%C3%A7%C3%A3o-n%C2%BA-023-2016-alt-era-a-reda%C3%A7%C3%A3o,-reorganiza-os-t%C3%ADtulos-e-inclui-o-n%C3%BAcleo-de-g%C3%AAnero-e-diversidade-sexual-na-resolu%C3%A7%C3%A3o-consup-n%C2%BA-015-2014-que-disp%C3%B5e-sobre-as-a%C3%A7%C3%B5es-inclusivas-do-iffar> . Acesso em: 04 nov 2024.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA FARROUPILHA.

Ações Inclusivas. Disponível em:

<https://www.iffarroupilha.edu.br/a%C3%A7%C3%B5es-inclusivas/apresenta%C3%A7%C3%A3o> . Acesso em: 04 nov 2024.

KAUR, Rupi. (2017). **Outros jeitos de usar a boca.** Tradução: Ana Guadalupe. 1 ed. São Paulo: Planeta.

_____. (2018). **O que o sol faz com as flores.** Tradução: Ana Guadalupe. 1 ed. São Paulo: Planeta.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez Editora. 2006.

LOURO, G. **Gênero, sexualidade e educação.** Petrópolis, RJ. Vozes, 1997.

_____. **Segredos e mentiras do currículo. Sexualidade e gênero nas práticas escolares.** In: SILVA, L. H. (org.). A escola no contexto da globalização. Petrópolis: Vozes, 1998, p.33-47.

PACHECO, Eliezer (org). **Institutos Federais, uma revolução na educação profissional e tecnológica.** São Paulo. Ed. Moderna, 2011.

PORTO, Eliane Quincozes; BRANCHER, Vantoir Roberto. Mulheres e docência na ebt : espaço para homens?. **Momento - Diálogos em Educação**, [S. l.], v. 27, n. 3, p. 192–211, 2019. DOI: 10.14295/momento.v27i3.8308. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/8308> . Acesso em: 4 nov. 2024.

RABELO, Amanda O. (2011). **A importância da investigação narrativa na educação.** Educ. Soc., Campinas, v. 32, n. 114, p. 171-188, jan-mar..

ROSSETTI, Carol. (2019). **O Projeto Mulheres.** Disponível em: <https://www.carolrossetti.com.br/mulheres> . Acesso em: 18 abr 2024

SCHIENBINGER L. **O feminismo mudou a ciência?** Bauru: Edusc; 2001.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica.** Tradução: Cristiane Bubine Debot; Maria Betânea Ávida. Recife: Digitação: Angela Araújo, 1995.

_____. **História das mulheres.** In. BURKE, Peter. (Org.) A Escrita da História: Novas Perspectivas. São Paulo: Unesp. 1992.

SILVA, Tomaz Tadeu. **A poética e a política do currículo como representação.** 21ª Reunião da ANPED – GT Currículo, 1998.

TEXEIRA, Marilene, O. **Desigualdades salariais entre homens e mulheres a partir de uma abordagem de economistas feministas.** Revista Niterói, Niterói, v. 9, n. 1, p. 31-45, 2008.

TRIVIÑOS, Augusto. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais.** São Paulo: Atlas, 1987.

4.4 CICLOS FORMATIVOS GÊNERO E FEMINISMO NA EPT: DISCUSSÕES NECESSÁRIAS

CICLOS FORMATIVOS GÊNERO E FEMINISMO NA EPT: DISCUSSÕES NECESSÁRIAS⁴

Lilian Morim Prates
Vantoir Roberto Brancher
Ana Cláudia de Oliveira da Silva

Resumo: Este artigo é o relatório de um Produto Educacional construído a partir da pesquisa de mestrado intitulada "Equidade de gênero nos cursos integrados da EPT: abordagens e práticas educativas". O objetivo é apresentar o desenvolvimento do Produto Educacional, em formato de Rodas de Conversa, de título Ciclos Formativos Gênero e Feminismo na EPT: Discussões necessárias. O presente estudo foi realizado através de uma abordagem qualitativa e aconteceu a partir das necessidades apontadas nas entrevistas, sendo construído com base nos dados produzidos/sistematizados entre a pesquisadora e as colaboradoras da pesquisa. Utilizamos entrevistas semiestruturadas como forma de coleta/construção de dados e a análise dos dados (BARDIN, 2011) foi realizada através da análise de conteúdo. As Rodas de Conversa foram validadas pelas participantes, que entenderam importante para construir uma sociedade mais inclusiva e equitativa, considerando as Rodas aptas para serem assistidas.

Palavras-chave: Gênero. Ciclos Formativos. Educação Profissional e Tecnológica. Rodas de Conversa

TRAINING CYCLES GENDER AND FEMINISM IN EPT: NECESSARY DISCUSSIONS

Abstract: This article is the report of an Educational Product built from master's research entitled "Gender equity in EPT integrated courses: educational approaches and practices". The objective is to present the development of the Educational Product, in a Roundtable format. Conversation, titled Training Cycles Gender and Feminism in EPT: Necessary discussions The present study was carried out through a qualitative approach and took place based on the needs highlighted in the interviews, being constructed based on the data produced/systematized between the participants, researcher and research collaborators. We used semi-structured interviews as a way of collecting/constructing data and data analysis (BARDIN, 2011) was carried out through content analysis. a more inclusive and equitable society, considering Rodas capable of being assisted.

Keywords: Gender. Training Cycles. Professional and Technological Education. Conversation Circles

⁴ Artigo em processo de submissão: REVISTA ENSINO, EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS, Londrina - Paraná - Brasil. Disponível em: <https://revistaensinoeducacao.pgsscogna.com.br/ensino/about>

PRIMEIROS APONTAMENTOS

No decorrer das pesquisas vinculadas ao Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (PROFEPT), realizam-se produções técnicas denominadas de Produtos Educacionais com orientação a uma aplicabilidade imediata. A elaboração do Produto Educacional, desta pesquisa, aconteceu a partir das necessidades apontadas nas entrevistas, construído com base nos dados produzidos/sistematizados com a pesquisa “Equidade de gênero nos cursos integrados da EPT: abordagens e práticas educativas” de forma que esse instrumento venha a ser utilizado para embasamento de ações educativas.

Nesta pesquisa, que teve como objetivo geral compreender de que modo as questões de gênero estão sendo abordadas nos cursos integrados da EPT, os resultados indicaram que havia a necessidade de oferecer espaços de conversas/interlocução das estudantes entre si e com outros estudiosos/pesquisadores/profissionais. Nesse sentido, organizaram-se 2 Rodas de Conversa temáticas.

As Rodas de Conversa são encontros dialógicos e interativos que promovem a ressignificação de saberes e sentidos a partir das experiências dos participantes, possibilitando a reflexão sobre si mesmo e o mundo, fazendo com que os sujeitos se comuniquem e se compreendam mutuamente. Nela, há uma proposta de autonomia que está vinculada à curiosidade, entendida como um direito à liberdade de desconstruir preconceitos. A curiosidade é destacada como elemento essencial para o desenvolvimento da criticidade. Nesse contexto, o papel do facilitador é marcado por sua atitude curiosa, caracterizada pela disposição de emergir e submergir na curiosidade, ouvindo mais do que falando. (Freire, 2012)

As Rodas de Conversa foram pensadas primeiramente pelos apontamentos das próprias alunas, solicitando por momentos de interlocução, seguido pelas necessidades identificadas a partir das falas. Entre essas, destacam-se:

- Desejo de maior profundidade na abordagem sobre a questão de gênero;
- Desejo de mais conhecimento sobre o que são as representações de gênero;
- Desejo de maior conhecimento sobre o conceito de equidade;
- Preocupação com a objetificação da mulher.

Nas entrevistas, ficou evidente o pouco conhecimento sobre o conceito de equidade de gênero e a grande preocupação das alunas com as questões que envolvem representatividade feminina e a sua objetificação, as quais reduzem as mulheres ao seu valor sexual ou estético,

ignorando sua complexidade como seres humanos. Isso impacta negativamente a forma como as estudantes mulheres são vistas e tratadas na sociedade.

Levando em consideração a relevância da pesquisa, esses apontamentos direcionaram a elaboração de Rodas de Conversa intituladas “Ciclos Formativos Gênero e Feminismo na EPT: Discussões necessárias”, que estarão disponíveis no Educapes e nos seguintes links: <https://www.youtube.com/watch?v=sL0M2VgJrco> e <https://www.youtube.com/watch?v=lc9N3qjSF5s&t=4014s>. Desta forma, para melhor entendimento destas temáticas, a proposta concretizou-se na oferta destas Rodas de Conversa, disponibilizada na plataforma do IFFar Campus Jaguari em: <https://www.iffarroupilha.edu.br/produtos-profep>

As Rodas de Conversa tiveram como objetivos: Refletir sobre gênero através de Rodas de Conversa; Promover a compreensão sobre o que é equidade de gênero e por que ela é importante; Refletir sobre os impactos da desigualdade de gênero na sociedade.

PROPOSTA: RODAS DE CONVERSA

A Roda de Conversa é um método que envolve a escuta e o envolvimento, sendo espaços compartilhados para a discussão e reflexão de temas variados. Segundo Moura e Lima (2014), as Rodas de Conversa são um “método de participação coletiva de debate acerca de determinada temática em que é possível dialogar com os sujeitos, que se expressam, escutam seus pares e a si mesmos pelo exercício reflexivo” (p. 28).

Sob esta perspectiva, diante da necessidade de mais reflexões e debates acerca da temática feminismo, entende-se a importância de movimentos que proponham a construção coletiva de conhecimento. Assim, surgiu a proposta de criarmos Rodas de Conversa como Produto Educacional, com o objetivo de facilitar a reflexão de forma interativa e mais atrativa, pois, como instrumento de ensino e de aprendizagem, esse método “permite a ressonância coletiva, a construção e reconstrução de conceitos e argumentos pela escuta e pelo diálogo com os pares e consigo mesmo” (Moura; Lima, 2014, p. 28).

O público que motivou a idealização deste produto educacional são as alunas participantes da nossa pesquisa. Elas são alunas maiores de idade matriculadas nos cursos Técnicos Integrados do Instituto Federal Farroupilha (IFFar), Campus Jaguari. Ao todo foram 11 alunas entrevistadas, pertencentes aos cursos Técnico em Administração, Técnico em Sistemas de Energias Renováveis e Técnico em Agricultura.

Por ser uma sequência de Rodas de Conversa, o público alcançado será qualquer pessoa que demonstrar interesse no tema e/ou fizer parte da comunidade do IFFAR - campus Jaguari. Isso se torna conveniente, pois é importante levar informação para o maior número de pessoas e possibilitar conhecimento e reflexões.

Segundo Mélo et al. (2007), as Rodas de Conversa são um espaço de diálogo que prioriza discussões sobre uma temática específica, onde os participantes compartilham suas reflexões, estimulando outros a contribuírem. Essa dinâmica cria um ambiente de pensamento coletivo, permitindo a ressignificação de saberes e sentidos a partir das experiências vividas. Além disso, promove a percepção dos participantes como atores históricos, críticos e reflexivos, potencializando a reflexão e a ação. Nesse processo, as pessoas se reconhecem como protagonistas do movimento contínuo de falar, ouvir, refletir e agir.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO

As Rodas de Conversa consistem em um espaço participativo, composto por abordagens reflexivas sobre as relações de gênero e conhecimentos sobre o feminismo e a luta a favor da equidade entre os gêneros. A princípio, foram pensadas em 3 Rodas de Conversa, realizadas em 3 momentos distintos. A 1ª Mesa seria apenas com as entrevistadas, para levar a elas uma reflexão acerca do tema gênero e feminismo. A 2ª e 3ª Mesas seriam com a fala de convidadas sobre o tema referido.

Foi organizado um grupo no aplicativo Whatsapp com todas as entrevistadas, para organizarmos nossa 1ª Mesa. Fizemos votação, através de enquete, no aplicativo, para vermos qual seria a melhor data e de que forma aconteceria nosso encontro. Apenas 6 entrevistadas votaram. Das que votaram, todas acharam melhor que ocorresse na quinta-feira, dia 7 de novembro, através do Google Meet. Então combinamos para que acontecesse nesta data e maneira, às 19h, como visto na figura abaixo:

Figura 1 - Convite enviado para as entrevistadas



Fonte: Elaborado pela autora (2024)

No dia e hora marcada, mandei o link do Google Meet, apenas uma entrevistada entrou na sala do nosso encontro. Mas a internet dela ficou instável, devido à chuva, e não pudemos continuar com nosso encontro. Esperei 30 min para ver se outra entrevistada iria entrar, mas não aconteceu. Então remarquei para o dia posterior, sexta-feira, no mesmo horário. Na hora estipulada, mandei o link do Google Meet, mas nenhuma entrevistada compareceu.

Na conversa com as entrevistadas seria oportunizado uma conversa em torno de 1h. Num primeiro momento, seria assistido um clipe com a música Triste, Louca ou Má, de Francisco El hombre. Após, seria debatido sobre a música e em seguida iniciariamos uma reflexão sobre o tema gênero e feminismo, a fim de oportunizar que cada participante desse voz aos seus pensamentos.

O clipe da música Triste, Louca ou Má está disponível no Youtube, no endereço <https://www.youtube.com/watch?v=lKmYTHgBNoE> e sua letra faz uma crítica à sociedade patriarcal em que vivemos, como lemos abaixo na tabela:

Tabela 1: Letra da música

Letra da música	<p>Triste, Louca ou Má Triste, louca ou má será qualificada ela quem recusar seguir receita tal a receita cultural do marido, da família. cuida, cuida da rotina só mesmo rejeita bem conhecida receita quem não sem dores aceita que tudo deve mudar que um homem não te define sua casa não te define sua carne não te define você é seu próprio lar que um homem não te define sua casa não te define sua carne não te define ela desatinou desatou nós vai viver só eu não me vejo na palavra fêmea: alvo de caça conformada vítima Prefiro queimar o mapa traçar de novo a estrada Ver cores nas cinzas E a vida reinventar. e um homem não me define minha casa não me define minha carne não me define eu sou meu próprio lar ela desatinou desatou nós vai viver só Autor: Francisco El hombre</p>
<p>Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=IKmYTHgBN0E</p>	

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

A partir deste desencontro ocorrido na 1ª Mesa com as entrevistadas, reconfiguramos as nossas Rodas de Conversa para serem realizadas em 2 momentos distintos. O tema das nossas Rodas de Conversa ficou estabelecido como “Ciclos Formativos Gênero e Feminismo

na EPT: Discussões necessárias” e foi dividido em 2 Mesas. Na 1ª Mesa estiveram 2 convidadas e na 2ª Mesa estiveram 3 convidadas, como explicitado a seguir:

1ª Roda de Conversa: A 1ª Mesa aconteceu na terça-feira, dia 19 de novembro de 2024, às 19h. Sua transmissão foi aberta para toda a comunidade e está disponível no Youtube, no canal Coordenação de Ações Afirmativas - Campus Jaguari, do Instituto Federal Farroupilha - campus Jaguari, link <https://www.youtube.com/@CoordenacaodeAcoesAfirmativas->. O link para a transmissão foi disponibilizado no endereço <https://www.youtube.com/watch?v=sL0M2VgJrco&t=2962s>. Neste momento, foi oportunizada uma fala com a temática gênero e feminismo, para 2 convidadas, como mencionado na tabela abaixo:

Tabela 2: Convidadas para a 1ª Roda de Conversa

Convidada	Tema	Título	Apresentação
Aline Leal	Protagonismo da mulher negra	Memórias e Percursos Formativos das mulheres negras do IFFAR	Licenciada em Pedagogia pela Universidade da Região da Campanha - URCAMP Pós Graduada Em Mídias na Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) Pós Graduada em Gestão Escolar pela Universidade do Rio Grande do Sul (UFRGS) Mestre em Educação Profissional e Tecnológica pelo PROFEPT - campus Jaguari Tem experiência na área da Educação, com ênfase em Teoria Geral de Planejamento e Desenvolvimento Curricular Atua há vinte anos como Servidora Pública Municipal, com docência na Educação Infantil e Séries Iniciais e com experiência na Coordenação Pedagógica e Gestão Educacional.
Cláudia Santos	Lugar de mulher é onde ela quiser?	A presença feminina na política brasileira	Licenciada, bacharel e mestra em Geografia pela Universidade Federal da Bahia Doutoranda do Programa de Pós-graduação dessa mesma Universidade e integrante do

			grupo de pesquisa Espaço Livre de Pesquisa-Ação O foco de seus estudos é a intersecção entre Geografia Política e questões de gênero.
A apresentação foi disponibilizada pelas convidadas			

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Figura 2: Convite da 1ª Roda de Conversa



Fonte: Elaborado pela autora (2024)

2ª Roda de Conversa: A 2ª Mesa aconteceu na quinta-feira, dia 21 de novembro de 2024, às 19h. Sua transmissão foi aberta para toda a comunidade e está disponível no Youtube, no canal Coordenação de Ações Afirmativas - Campus Jaguari, do Instituto Federal Farroupilha - campus Jaguari, link <https://www.youtube.com/@CoordenacaodeAcoesAfirmativas->. O link para a transmissão foi disponibilizado no endereço <https://www.youtube.com/watch?v=lc9N3qjSF5s>. Neste momento, foi oportunizada uma fala com o tema gênero e feminismo, para 3 convidadas, como mencionado na tabela abaixo:

Tabela 3: Convidadas para a 2ª Roda de Conversa

Convidada	Tema	Título	Apresentação
Liliana Souza de Oliveira	Empoderamento Feminino	O(s) Feminismo(s) e sua(s) resistência(s)	<p>Possui graduação em Filosofia, Mestrado em Filosofia e Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria</p> <p>Atualmente é professora do Instituto Federal Farroupilha - SVS, membro do Comitê de Não Violência do IFFar e Coordenadora do Grupo de Estudos Feministas</p> <p>Tem experiência como membro da Comissão de Processo Administrativo Disciplinar (COPSIA), membro do Núcleo de Arte e Cultura (NAC) e presidente do Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual (NUGEDIS) do Instituto Federal Farroupilha (IFFar).</p>
Alice Ribeiro	Feminismo	Eu preciso do feminismo?	<p>Bacharela em Ciência e Tecnologia de Alimentos pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), Licenciada em Ciência e Tecnologia de Alimentos pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Especialista em Desenvolvimento de Produtos Alimentícios pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Mestra e doutora em Ciência e Tecnologia de Alimentos pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Técnica em Alimentos e Laticínios do Instituto Federal Farroupilha - campus Júlio de Castilhos, Presidenta do Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual, sendo uma estudiosa das temáticas de gênero.</p>

			<p>Coordenadora Geral da Comissão Interna de Supervisão da Carreira TAE - IFFar.</p> <p>Vereadora eleita em Júlio de Castilhos pelo PT.</p>
Eliane Quincozes Porto	Protagonismo Feminino na EPT	Mulheres-professoras: vozes e trajetórias na EBTT	<p>Se reconhece mulher não-branca, pela perspectiva do embranquecimento sociocultural.</p> <p>Professora e mãe, por escolha.</p> <p>Licenciada em Educação Especial,</p> <p>Mestra em Educação Profissional e Tecnológica</p> <p>Doutora em Ensino de Ciências e Matemática.</p> <p>Desde 2015, atua como Docente EBTT de Educação Especial no IFFar, Campus Júlio de Castilhos.</p> <p>Membra do MAGMA, onde pesquisa trajetórias formativas e formação de professores e</p> <p>Membra do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Inclusiva e Direitos Humanos, da UFPE (Pernambuco), com pesquisas em Educação Inclusiva na perspectiva dos Direitos Humanos.</p>
A apresentação foi disponibilizada pelas convidadas			

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Figura 3: Convite da 2ª Roda de Conversa



Fonte: Elaborado pela autora (2024)

DISCUSSÃO

Na 1ª Mesa das Rodas de Conversa, a abertura das falas foi feita por mim, assim como a mediação das Mesas. Iniciamos fazendo agradecimentos ao NUGEDIS - campus Jaguari, agradecemos ao IFFar - Campus Jaguari, agradecemos ao PROFEPT, agradecemos a Coordenadora do Programa e ao secretário do Curso, fiz um agradecimento ao meu Orientador e a minha Coorientadora e um agradecimento às convidadas.

Após, elucidamos que essa Roda de Conversa faz parte de um Produto Educacional construído a partir da pesquisa de mestrado intitulada "Equidade de gênero nos cursos integrados da EPT: abordagens e práticas educativas". Também comentamos que este Produto Educacional foi organizado com base nas entrevistas feitas com alunas dos cursos integrados do IFFAR - campus Jaguari e que nessas oportunidades foram apontadas necessidades de espaços de discussões e debates sobre gênero.

Apontamos que foram organizadas 2 Mesas e que a Mesa 1 havia sido organizada para acontecer dia 19 de novembro de 2024, terça-feira, às 19h, e a Mesa 2, foi organizada para acontecer no dia 21 de novembro, quinta-feira, às 19h, em momentos de troca de

conhecimentos. Também falamos que a partir das avaliações outras mesas poderão ser produzidas, assim como, ao final da mesa, seria disponibilizado um instrumento de coleta de dados para o registro das presenças e para gerar um atestado de participação aos interessados.

Na sequência, apresentamos nossas convidadas. A primeira foi Cláudia Santos, com o tema “Lugar de mulher é onde ela quiser?” e o título “A presença feminina na política brasileira”. A segunda foi Aline Leal com o tema “Protagonismo da mulher negra” e o título “Memórias e Percursos Formativos das mulheres negras do IFFAR”.

Na 2ª Mesa das Rodas de Conversa, a abertura das falas foi feita por mim, assim como a mediação das Mesas. Iniciamos fazendo o mesmo roteiro que a 1ª Mesa e, após, fizemos a apresentação das nossas convidadas. A primeira foi Eliane Quincozes Porto, com o tema “Protagonismo Feminino na EPT” e o título “Mulheres-professoras: vozes e trajetos na EBTT”. A segunda foi Alice Ribeiro, com o tema “Feminismo” e o título “Eu preciso do feminismo?”. A terceira foi Liliana Souza de Oliveira, com o tema “Empoderamento Feminino” e o título “O(s) Feminismo(s) e sua(s) resistência(s)”.

Ao final de cada uma das Mesas foi disponibilizado um formulário contendo alguns questionamentos sobre a Mesa no intuito de organizar um processo de validação do nosso produto educacional: Na Mesa 1 obtivemos 23 respostas e na Mesa 2 obtivemos 27 respostas.

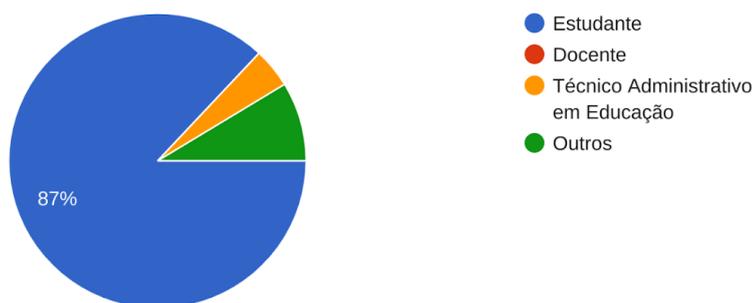
No questionamento sobre o status dos participantes, ficou evidenciado que nas duas Mesas o percentual da participação de estudantes foi maior que dos outros participantes. Na Mesa 2 tivemos algum percentual da participação de docentes, enquanto na Mesa 1 não tivemos a participação de docentes.

Abaixo apresentamos os gráficos contendo os Status dos participantes das Mesas:

Gráfico 1: Status Mesa 1

Qual o seu atual status?

23 respostas

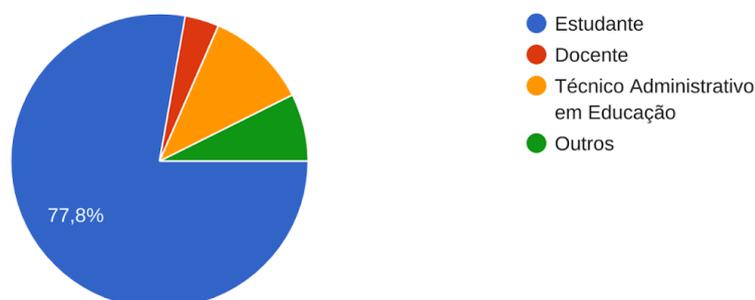


Fonte: Google Formulários

Gráfico 2: Status Mesa 2

Qual o seu atual status?

27 respostas



Fonte: Google Formulários

Quando questionados sobre quanto o evento cumpriu com as suas expectativas, alguns participantes da Mesa 1 demonstraram que o evento havia cumprido pouco com suas expectativas. Na Mesa 2 todos os participantes marcaram que o evento cumpriu com suas expectativas. As expectativas se baseiam nas crenças ou ideias que temos e se tornam importantes propulsoras de aprendizagem quando atendidas. Segundo Cagliari (2014),

a expectativa é um fenômeno muito mais mental do que comunicativo. É um construto da mente de quem fala ou da mente de quem ouve ou de ambos, diante de um enunciado não explícito, mas que se espera seja razoável do ponto de vista do falante e dedutível do ponto de vista do ouvinte. Grande parte do que se refere à expectativa não aparece diretamente nos enunciados falados, porque é apenas pensada (p. 123).

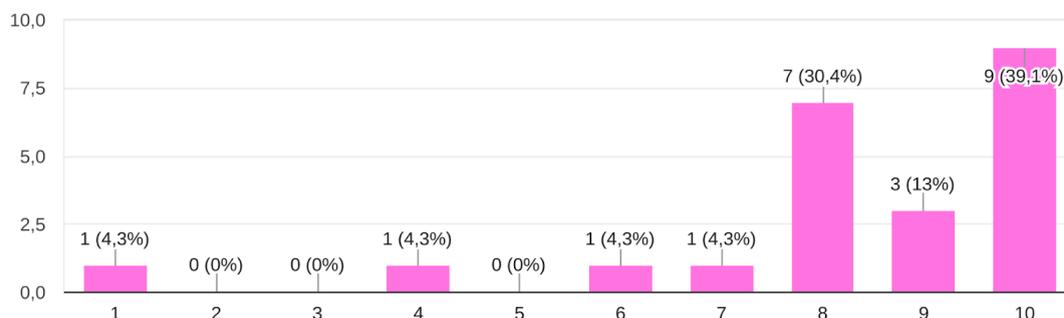
Desta forma, a expectativa é fundamentalmente mental, pois se baseia em projeções, suposições e interpretações internas sobre aquilo que acreditamos que ocorrerá. Ela pode ser um poderoso motor para a aprendizagem, pois quando temos uma expectativa positiva, como um desejo ou curiosidade sobre algo novo, o cérebro ativa mecanismos que nos tornam mais receptivos e atentos.

Abaixo, apresentamos os gráficos sobre as expectativas das Mesas:

Gráfico 3: Expectativas Mesa 1

De 0 a 10, quanto o evento cumpriu com as suas expectativas?

23 respostas

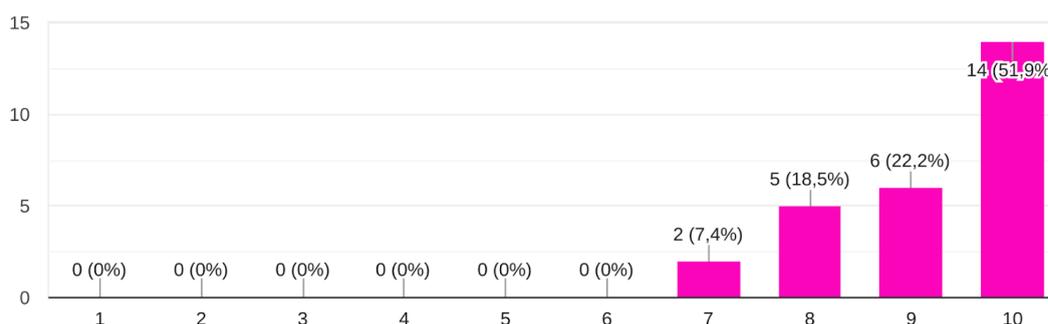


Fonte: Google Formulários

Gráfico 4: Expectativas Mesa 2

De 0 a 10, quanto o evento cumpriu com as suas expectativas?

27 respostas



Fonte: Google Formulários

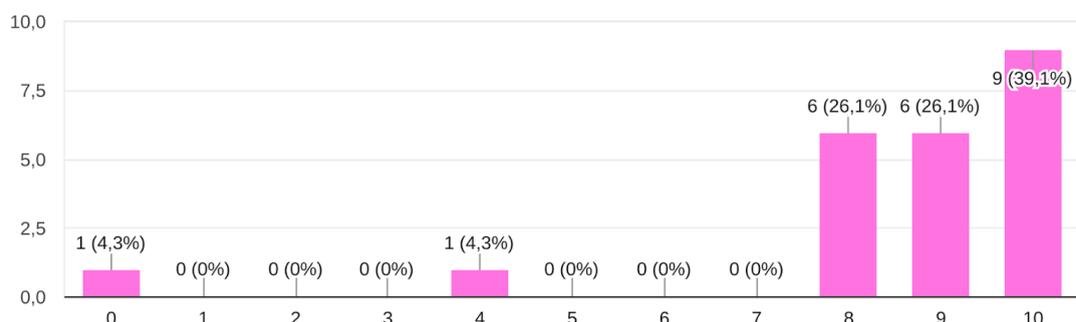
Ainda debatendo sobre expectativa, podemos mencionar que ela está associada à satisfação, visto que é um sentimento de realização que uma pessoa experimenta ao ver suas expectativas atendidas. Vários fatores podem contribuir para que uma pessoa sinta satisfação, dependendo de suas experiências, valores e objetivos. Martins (1998) destaca que a satisfação no contexto educacional é crucial, pois suas experiências positivas ou negativas podem ter impactos duradouros na vida dos alunos.

Desta forma, na questão sobre o nível de satisfação quanto ao evento em geral, poucos participantes da Mesa 1 demonstraram insatisfação. Na Mesa 2 todos os participantes demonstraram grande satisfação com o evento. Podemos interpretar esses dados através dos gráficos abaixo:

Gráfico 5: Satisfação evento 1

De 0 a 10, qual é o seu nível de satisfação quanto ao evento em geral?

23 respostas

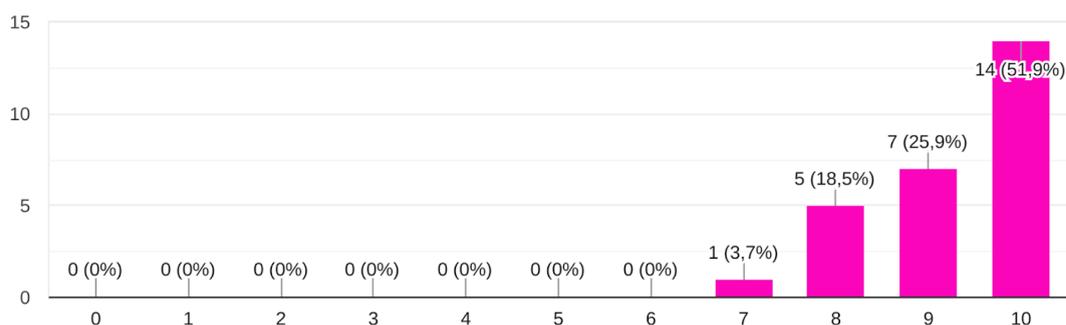


Fonte: Google Formulários

Gráfico 6: Satisfação evento 2

De 0 a 10, qual é o seu nível de satisfação quanto ao evento em geral?

27 respostas



Fonte: Google Formulários

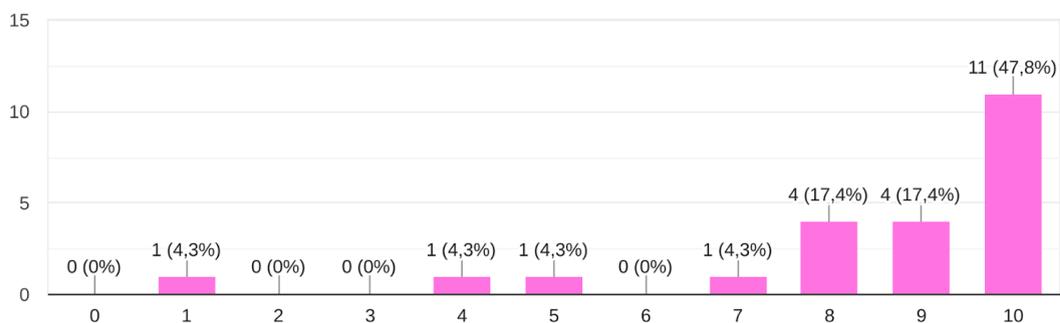
Quanto ao nível de satisfação de cada Mesa, individualmente, alguns participantes da Mesa 1 demonstraram pouca satisfação. Na Mesa 2, todos os participantes demonstraram alta satisfação. Segundo o Dicionário Aurélio Online (2015), satisfação é uma “Sensação agradável que sentimos quando as coisas correm de acordo com nossa vontade; alegria, contentamento, prazer.” Desta forma, satisfação não é um estado permanente, visto que está profundamente ligada a fatores internos e externos que mudam constantemente.

Abaixo, apresentamos os gráficos quanto a satisfação de cada Mesa:

Gráfico 7: Satisfação Mesa 1

De 0 a 10, qual é o seu nível de satisfação quanto a Mesa 1?

23 respostas

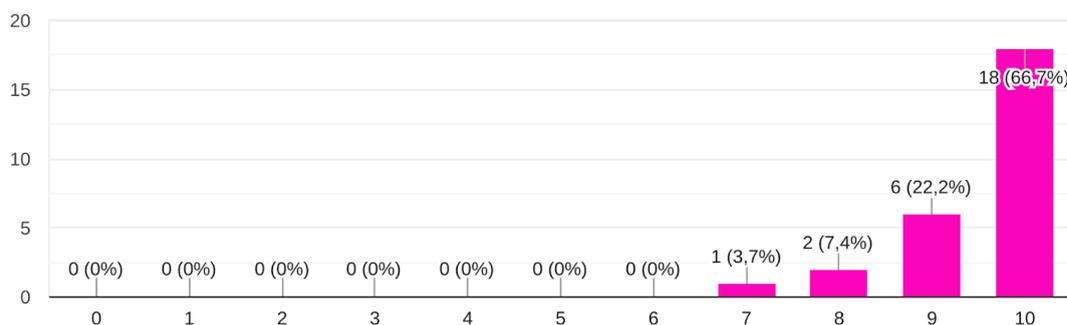


Fonte: Google Formulários

Gráfico 8: Satisfação Mesa 2

De 0 a 10, qual é o seu nível de satisfação quanto a Mesa 2?

27 respostas



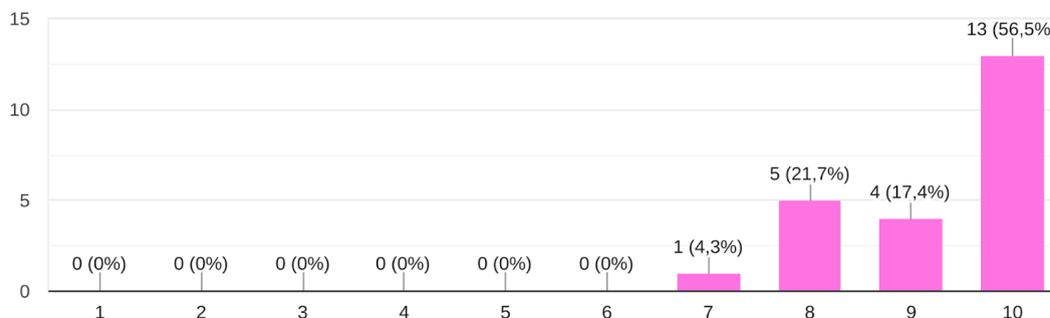
Fonte: Google Formulários

Na pergunta sobre a percepção do conteúdo e da linguagem, todos os participantes da Mesa 1 e da Mesa 2 assinalaram estar adequado a eles, como demonstram os gráficos abaixo:

Gráfico 9: Conteúdo e linguagem Mesa 1

De 0 a 10, em que 0 é totalmente inadequado e 10 é totalmente adequado, qual a sua percepção quanto os conteúdos e a linguagem do evento?

23 respostas

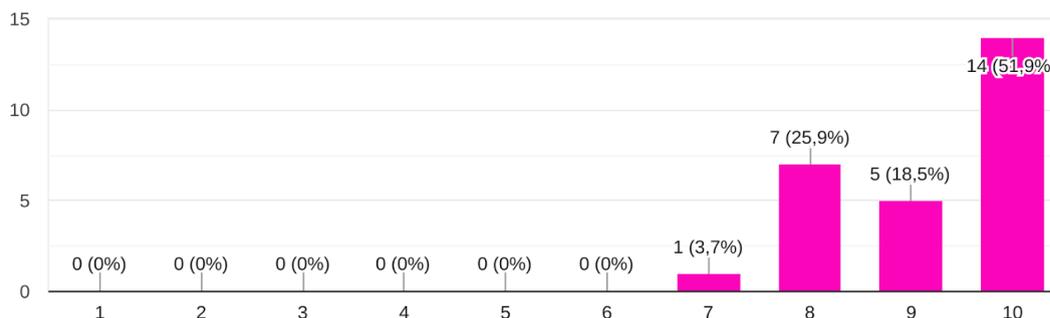


Fonte: Google Formulários

Gráfico 10: Conteúdo e linguagem Mesa 2

De 0 a 10, em que 0 é totalmente inadequado e 10 é totalmente adequado, qual a sua percepção quanto os conteúdos e a linguagem do evento?

27 respostas



Fonte: Google Formulários

Na questão sobre a importância das Mesas terem os feito refletir, um participante na Mesa 1 achou pouco relevante, mas a grande maioria achou muito relevante. Na Mesa 2 todos acharam muito relevante a reflexão que as Mesas proporcionaram. Diante disso, entende-se que refletir integra a subjetividade humana e destaca a importância de desconstruir padrões, combater preconceitos e impulsionar mudanças sociais. Debater sobre gênero é fundamental, pois permite uma compreensão mais profunda de como os papéis, expectativas e desigualdades influenciam nossa cultura, promovendo avanços em direção a uma sociedade mais justa e equitativa.

Assim, a educação se torna essencial para transformar a realidade social, formando pensamentos críticos e pessoas capazes de melhorar o mundo. Para Libâneo (1994, p. 17),

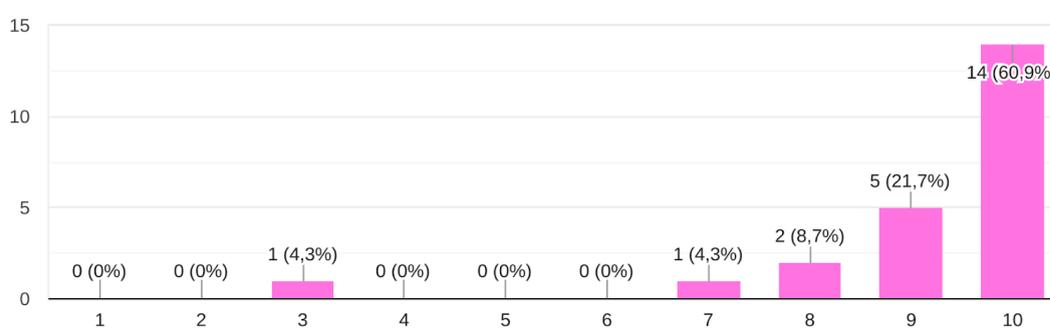
através da ação educativa “o meio social exerce influência sobre os indivíduos e estes, ao assimilarem e recriarem essas influências, tornam-se capazes de estabelecer uma relação ativa e transformadora em relação ao meio social”. Desta forma, discutir sobre gênero nesses espaços abre caminhos para promover respeito e equidade.

Abaixo apresentamos os gráficos das Mesas, colocando o quão importante foi refletir sobre gênero para cada participante:

Gráfico 11: Questões de gênero Mesa 1

De 0 a 10, em que 0 é totalmente irrelevante e 10 é muito relevante, o quão importante foi fazer você refletir sobre as questões de gênero?

23 respostas

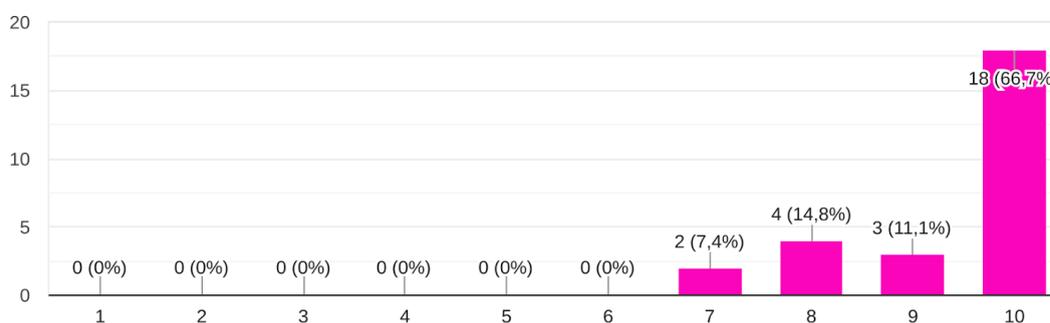


Fonte: Google Formulários

Gráfico 12: Questões de gênero Mesa 2

De 0 a 10, em que 0 é totalmente irrelevante e 10 é muito relevante, o quão importante foi fazer você refletir sobre as questões de gênero?

27 respostas



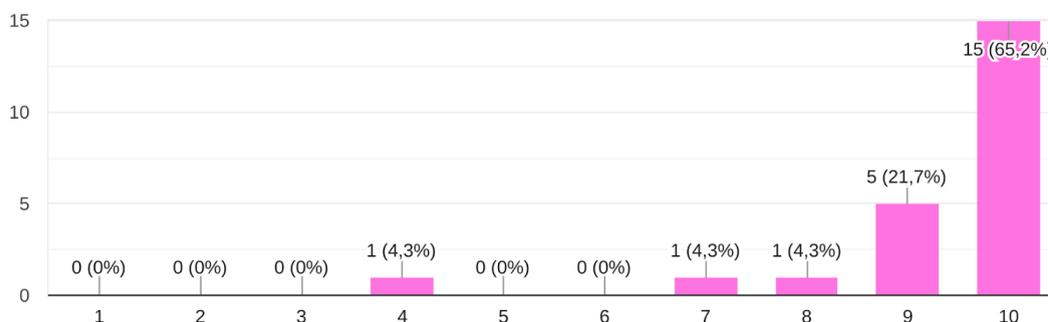
Fonte: Google Formulários

Quando questionados se recomendariam nosso evento para outras pessoas, nas duas Mesas a maioria recomendaria, como demonstrado nos gráficos abaixo:

Gráfico 13: Recomendação Mesa 1

De 0 a 10, quanto você recomendaria nosso evento para outras pessoas?

23 respostas

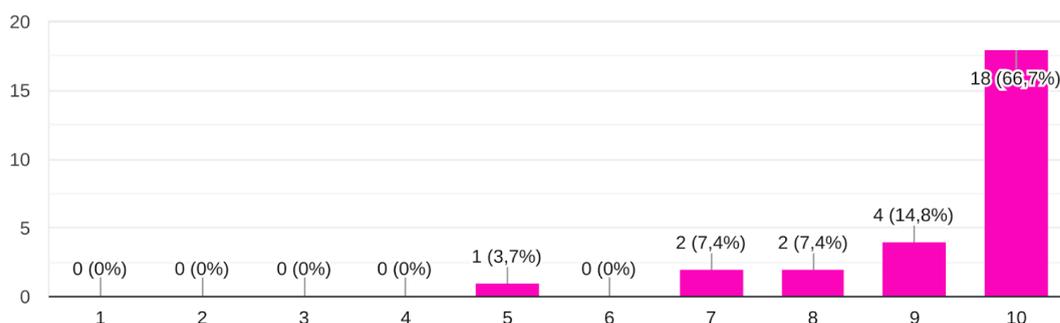


Fonte: Google Formulários

Gráfico 14: Recomendação Mesa 2

De 0 a 10, quanto você recomendaria nosso evento para outras pessoas?

27 respostas



Fonte: Google Formulários

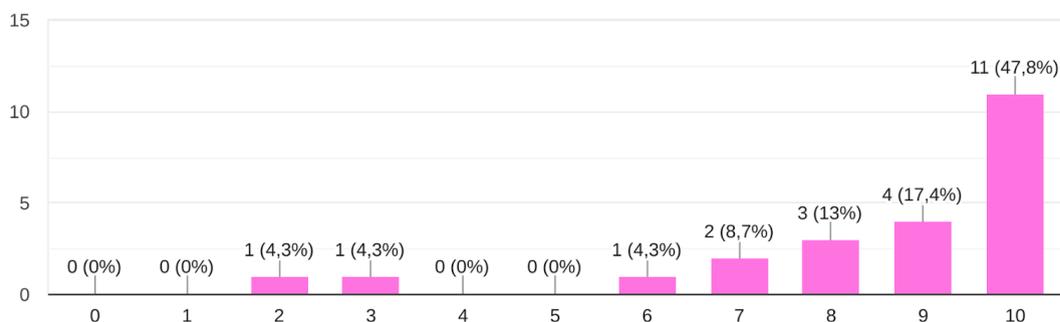
Percebemos que adquirir conhecimento é um processo contínuo de aprender, compreender e aplicar informações, habilidades ou experiências. É fundamental para o desenvolvimento pessoal e social, permitindo que as pessoas se adaptem a mudanças, tomem decisões melhores e contribuam para o desenvolvimento da sociedade. De acordo com Andrade (2022, p. 103), adquirir conhecimento é “a parte mais importante para a formação do sujeito, e no decorrer de sua vida, com as experiências vivenciadas, poderá sim desenvolvê-lo mais ou menos partido do seu convívio social, familiar.”

Sobre isso, a maioria dos participantes nas duas Mesas sentiram que adquiriram conhecimento nas Mesas, como indicado nos gráficos abaixo:

Gráfico 15: Conhecimento Mesa 1

De 0 a 10, qual o nível de conhecimentos você acredita que adquiriu com a mesa?

23 respostas

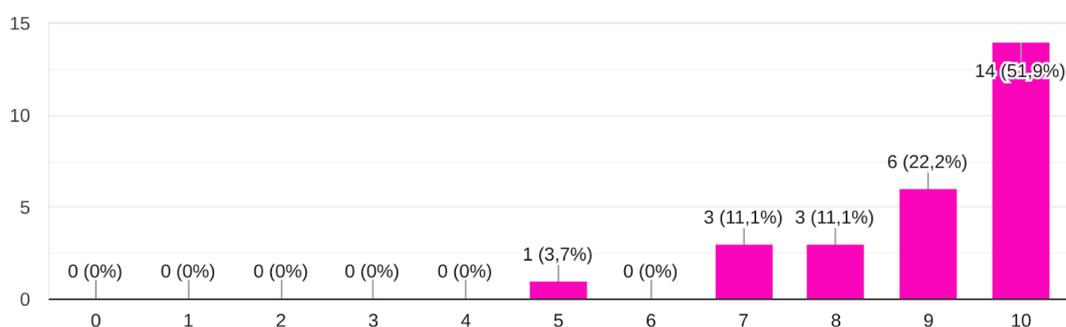


Fonte: Google Formulários

Gráfico 16: Conhecimento Mesa 2

De 0 a 10, qual o nível de conhecimentos você acredita que adquiriu com a mesa?

27 respostas



Fonte: Google Formulários

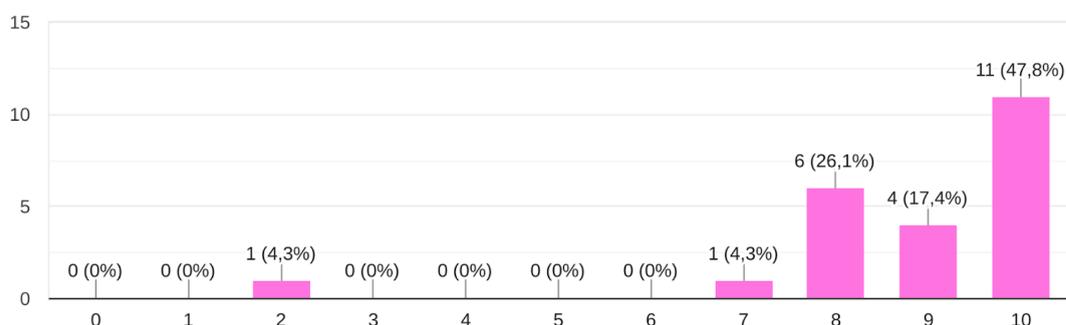
Ao serem perguntados sobre a mediação dos eventos, nas duas Mesas a grande maioria dos participantes avaliaram positivamente. Na Mesa 1, um participante avaliou baixa. A mediação de eventos é essencial para garantir que as interações entre os participantes sejam fluídas, respeitosas e produtivas. O mediador atua como um facilitador, organizando o andamento do evento, promovendo engajamento e assegurando que os objetivos sejam alcançados de maneira eficiente e inclusiva.

Abaixo, vemos os gráficos sobre a atuação da mediação nas Mesas:

Gráfico 17: Mediação Mesa 1

De 0 a 10, como você avalia a atuação da mediação do evento?

23 respostas

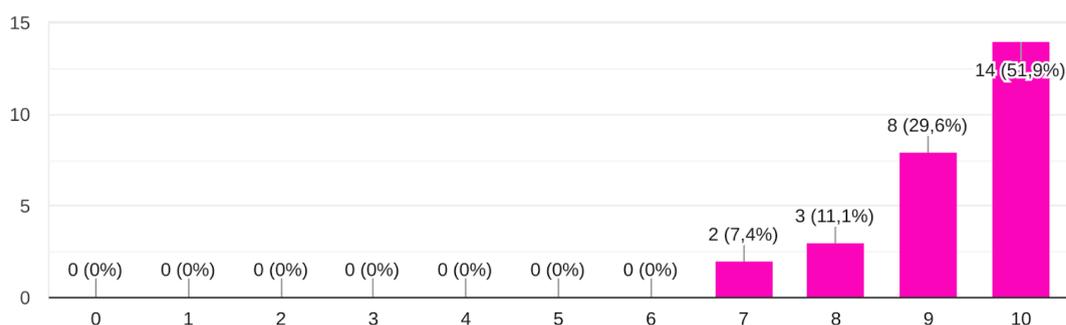


Fonte: Google Formulários

Gráfico 18: Mediação Mesa 2

De 0 a 10, como você avalia a atuação da mediação do evento?

27 respostas



Fonte: Google Formulários

Na pergunta sobre deixar um comentário ou uma sugestão, obtivemos algumas respostas nas Mesas. Alguns participantes aproveitaram o espaço para parabenizar as Mesas, como esses exemplos: “Muito bem, parabéns” (Participante A), “Adorei!! Parabéns, conversa maravilhosa!!!” (Participante B), ficando clara a satisfação em estarem participando destes eventos.

A Participante C mencionou que “Foi maravilhoso participar e agregar mais conhecimento e continuar com minhas reflexões”, nos fazendo perceber que já reflete sobre a temática gênero. Como já mencionamos anteriormente, refletir sobre gênero é fundamental para compreender como as construções sociais e culturais moldam papéis. Para Louro (2011), o conceito de gênero atua como uma ferramenta tanto analítica quanto política. Ao refletir

sobre gênero, criamos espaço para mudanças estruturais que favorecem o respeito, assim como a desconstrução da desigualdade.

Sobre desigualdade, a Participante D mencionou que “Este evento é muito importante para conhecermos melhor sobre a desigualdade em áreas não só de ensino, mas também na vida em várias situações”. Portanto, trazer a reflexão sobre a desigualdade e inclusão é crucial para compreender, enfrentar e superar barreiras sociais, econômicas e culturais que limitam o potencial de indivíduos e grupos. Esses momentos não apenas promovem conscientização, mas também incentivam ações concretas para construir uma sociedade mais justa e equitativa. Desta forma,

A desigualdade por conta de cor é muito variada, e infelizmente algumas pessoas acabam desistindo do seu sonho por causa das limitações. E este evento está sendo bom para esclarecer que tudo tem um porque, e mostra a história da Aline (convidada da Mesa 1) que não desistiu do seu sonho de, se formar e hoje incentiva as pessoas a não desistirem dos seus objetivos (Participante E).

Debater sobre desigualdade não é apenas um exercício intelectual; é uma prática que fomenta mudanças culturais, políticas e sociais. Ao escrever nas sugestões “Todas as contribuições foram ótimas. Acredito que agregaram valor para todos nós que estávamos presentes. Foi uma discussão necessária!”, a Participante F está demonstrando que esses diálogos abrem espaço para entendermos o que nos divide e encontrarmos caminhos para construir um futuro onde todos possam partir de um mesmo ponto, ter as mesmas oportunidades, um futuro com equidade.

Além de sugestões e comentários, um participante usou o espaço para fazer uma crítica construtiva. Ele mencionou que “Pelo conhecimento da mediadora, senti falta de uma provocação entre as falas ou no início” (Participante G). A partir disso, entendemos que as críticas, quando são construtivas, tendem a criar oportunidades para aprimorar práticas, fortalecendo habilidades. Assim, é importante que a pessoa que recebeu a crítica esteja aberta para ouvi-la e compreenda como uma oportunidade de evoluir.

ÚLTIMOS APONTAMENTOS

A partir dos dados coletados durante as Rodas de Conversa, ficou evidente a necessidade da abertura de espaços de diálogos, que transcendam as abordagens meramente acadêmicas e conteudistas. Esses espaços devem permitir reflexão e observação da realidade, com o objetivo de influenciar as práticas sociais dos estudantes, suas relações e a maneira

como interagem com a sociedade, contribuindo para a construção de sua identidade individual.

Refletir e debater sobre gênero é essencial para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Essas discussões não apenas desafiam preconceitos históricos e culturais, mas também promovem a equidade. As Rodas de Conversa proporcionam espaço para diferentes perspectivas. Por meio delas, pessoas de diversas vivências podem compartilhar suas ideias, histórias e opiniões de maneira aberta e respeitosa.

Esses momentos favorecem a troca de experiências e o aprendizado coletivo, permitindo que temas complexos e muitas vezes pouco discutidos, como gênero, sejam abordados, descentralizando o poder da fala, valorizando todas as vozes. Isso fortalece vínculos, estimula o pensamento crítico e incentiva a construção de novos caminhos para a sociedade.

Abrir espaço para vozes diversas é um passo fundamental para construir uma sociedade mais inclusiva, democrática e equitativa. Cada indivíduo carrega experiências, perspectivas e histórias únicas que enriquecem o coletivo e ampliam nossa compreensão do mundo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, R. F. S. **Aquisição do conhecimento:** condicionantes para a aprendizagem na escola. Revista Científica FESA, [S. l.], v. 1, n. 13, p. 100–111, 2022. DOI: 10.56069/2676-0428.2022.129. Disponível em: <https://revistafesa.com/index.php/fesa/article/view/129>. Acesso em: 4 dez. 2024.

CAGLIARI, L. C. **Por uma teoria da expectativa.** Signo, v. 39, n. 67, p. 118-126, 2 jul. 2014. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/4970>. Acesso em: 15 out. 2024.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro. Ed: Nova Fronteira (Saraiva de Bolso), 2012.

LIBÂNEO, J. C. **Didática.** 32. Ed. São Paulo: Cortez, 1994

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MARTINS, F. **A satisfação acadêmica:** Construção de uma escala. Em Anais do 4º Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia, 1998, Universidade do Minho, Braga-Portugal. p. 188-193.

MÉLLO, R. P. et al. **Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa.** Psicologia e Sociedade, v.19, n.3, p. 26-32, 2007.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Editora Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues> . Acesso em: 15 nov. 2024.

MOURA, A. B. F.; LIMA, M. G. S. B. **A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível**. Interfaces da Educação, Paranaíba, v. 5, n. 15, p. 24-35, 2015. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/448>. Acesso em: 15 nov. 2024.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, analisamos e entendemos que os objetivos traçados para esta pesquisa foram alcançados. Sabemos que os cursos integrados buscam, por meio da educação, possibilitar a formação integral do aluno. A escola, como espaço de construção de saberes, desempenha um papel essencial na formação de consciências críticas, permitindo que compreendam e desafiem as desigualdades históricas e estruturais relacionadas ao gênero. Nesse contexto, este trabalho reforça a importância da discussão sobre gênero nos espaços educacionais, evidenciando como ela pode ampliar caminhos e escolhas, construindo uma sociedade mais justa e equitativa.

As entrevistas realizadas neste estudo destacaram a carência de conhecimento sobre o conceito de equidade e a persistente objetificação das mulheres, frequentemente reduzidas ao seu valor estético ou sexual. Essa realidade evidencia uma visão limitada e injusta, que prejudica profundamente a forma como as mulheres são percebidas e tratadas na sociedade.

Para enfrentar tais desafios, é fundamental promover uma mudança cultural e educacional que estimule o respeito e a equidade de direitos. Contudo, essa transformação exige uma compreensão mais ampla do conceito de equidade, essencial para criar políticas e práticas que considerem as diferenças individuais e estruturais, promovendo uma justiça social efetiva.

A inclusão de uma disciplina sobre gênero nos currículos escolares, como sugerido pelas colaboradoras entrevistadas, emerge como um passo crucial para fomentar discussões mais amplas e reflexivas no ambiente educacional. Nesse cenário, o professor desempenha um papel central, utilizando sua prática pedagógica para desenvolver o senso crítico dos alunos e contribuir para mudanças significativas na sociedade.

Entendemos que esta pesquisa pode contribuir significativamente para enriquecer o campo acadêmico, trazendo dados sobre como os alunos percebem questões de gênero e se sentem representados. Além de preencher lacunas no conhecimento existente, o estudo estimula novos debates e pesquisas sobre o tema.

Nas entrevistas ficou evidente o pouco conhecimento sobre o conceito de equidade de gênero e revelaram que, embora as alunas se sintam representadas na instituição, elas destacaram a importância de um ambiente educacional que valorize

a equidade de gênero. Núcleos institucionais foram mencionados como iniciativas positivas para aumentar o debate e a representatividade, mas há uma percepção de que o aprofundamento dessas discussões em sala de aula é essencial para um melhor entendimento e impacto mais profundo.

A análise dessas representações reforça a necessidade das escolas irem além da simples menção ao tema de gênero, incorporando práticas pedagógicas inclusivas e equitativas. O debate estudantil sobre gênero é uma ferramenta poderosa para formar uma consciência crítica nos alunos, ajudando-os a desafiar desigualdades históricas e estruturais. Além disso, essas práticas incentivam a representatividade, permitindo que os estudantes se reconheçam nos conteúdos educacionais, no corpo docente e nas lideranças escolares.

Para que as representações de gênero nos cursos integrados sejam verdadeiramente transformadoras, é fundamental que as escolas avancem na criação de espaços inclusivos e diversos, promovendo a reflexão sobre equidade em todas as dimensões da vida acadêmica. Esse movimento não apenas enriquece a experiência educacional, mas também contribui para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e equitativa.

A elaboração do Produto Educacional nesta pesquisa foi orientada pelas necessidades apontadas durante as entrevistas e construída com base nos dados sistematizados. Esse instrumento foi concebido como uma ferramenta para embasar ações educativas e promover práticas pedagógicas mais inclusivas e reflexivas.

Os resultados indicaram a necessidade de criar espaços de diálogo e interação entre estudantes, estudiosos, pesquisadores e profissionais. Em resposta, foram organizadas duas Rodas de Conversa temáticas, concebidas como encontros dialógicos e interativos. Essas rodas permitiram a ressignificação de saberes e sentidos a partir das experiências dos participantes, fomentando a reflexão sobre si mesmos e o mundo ao seu redor, promovendo uma comunicação genuína e mútua compreensão.

Os dados coletados durante as Rodas de Conversa reforçaram a importância de transcender abordagens meramente acadêmicas e conteudistas. Espaços de diálogo precisam permitir a reflexão crítica sobre a realidade, influenciando as práticas sociais dos estudantes, suas relações interpessoais e a maneira como interagem com a sociedade. Esses momentos são essenciais para a construção de suas identidades individuais e coletivas.

Refletir e debater sobre gênero é indispensável para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. As discussões realizadas nas Rodas de Conversa não apenas desafiaram preconceitos históricos e culturais, mas também valorizaram diferentes perspectivas, promovendo o aprendizado coletivo e a descentralização do poder da fala. Essas práticas fortalecem vínculos, estimulam o pensamento crítico e incentivam a criação de novos caminhos para uma convivência mais democrática e equitativa.

Concluimos que abrir espaços para vozes diversas é um passo fundamental para construir uma sociedade que valorize a inclusão e a equidade. Cada indivíduo, com suas histórias e vivências únicas, contribui para enriquecer o coletivo, ampliando nossa compreensão do mundo e nos aproximando de uma realidade mais justa, plural e equitativa.

REFERÊNCIAS

- ANASTASIOU, L. das G. C.; ALVES, L. P. Estratégias de Ensino. In: ANASTASIOU, L. das G. C.; ALVES, L. P. (Orgs.). **Processos de Ensino na universidade**: pressupostos para as estratégias do trabalho em aula. Joinville: Editora Univille, 2009. Cap. 3.
- ANDRÉ, M. Pesquisa em educação: buscando rigor e qualidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 113, p. 51-64, 2001. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/599>. Acesso em: 14 set. 2025.
- AUSUBEL, D.; NOVAK, J.D.; HANESIAN, H. **Psicologia educacional**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BEAUVOIR, S. (1967) **O Segundo Sexo**. Difusão Européia do Livro, 1970.
- BRANCHER, V. R. Formação de professores nos IFs: desafios para a composição de um repertório de saberes na/para a EBPT. In: SOUZA, F. das C. da S.; VIEIRA, A.; AZEVEDO, M. (Orgs.). **Temas em Educação Profissional e Tecnológica**. Campos dos Goytacazes, Essentia Editora, 2019. p. 39-50. Disponível em: <http://www.essentiaeditora.iff.edu.br/index.php/livros/issue/view/242>. Acesso em: 27 ago. 2023.
- BRASIL. Secretaria de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: orientação sexual. Ministério da Educação. Brasília: MEC, SEF, 2001.
- BRASIL. **Um novo Modelo em Educação Profissional e Tecnológica concepção e diretrizes**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6691-if-concepcaoediretrizes&category_slug=setembro-2010-pdf&Itemid=30192#:~:text=O%20foco%20dos%20Institutos%20Federais,suporte%20aos%20arranjos%20produtivos%20locais. Acesso em: 24 mar. 2024
- BUTLER, J. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CARRARA, S. (Org.), et al. Educação, diferença, diversidade e desigualdade. In: **Gênero e Diversidade na Escola**: Formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Livro de conteúdo. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.
- CARVALHO, M. E. P. de. Modos de educação, gênero e relações escola-família. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 121, p. 41-58, Abr/ 2004.
- CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. Tradução: Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **As encruzilhadas do labirinto III: o mundo fragmentado.** Tradução: Rosa Maria Boaventura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987-1992.

CHARLOT, B. O professor na sociedade contemporânea: um trabalhador da contradição. In: CHARLOT, B. **Da relação como saber às práticas educativas.** São Paulo: Cortez, 2013.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências humanas e sociais.** São Paulo: Cortez, 2001.

DEWEY, J. **Democracia e Educação.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

DUARTE, C. de L. **Feminismo e Literatura no Brasil.** São Paulo: Estudos Avançados, 2003.

DUARTE, G. de O.; CASTRO, F. B. de; NASCIMENTO, R. B. de. **Gênero, sexualidade e formação em Educação Física: percepções de professores e alunos em um projeto na escola.** *Educación Física y Ciencia*, 2021. Disponível em: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2314-25612021000100161. Acesso em: 05 jun 2024

FELIPE, J. Entre tias e tiazinhas: Pedagogias culturais em circulação. In: SILVA, L. H. (Org.). **Século XXI: Qual conhecimento? Qual currículo?** Petrópolis: Vozes, 1999. p. 167-179.

_____. Entre batons, esmaltes e fantasias. In: MEYER, D.; SOARES, R. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade.** Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 53-65.

FELGUEIRAS, A. C. L. **Breve Panorama Histórico do Movimento Feminista Brasileiro: das Sufragistas ao Ciberfeminismo.** *Revista Digital Simonsen*, 2017.

FIORAVANTE, T. S; BRANCHER, V. R.; MOREIRA, H. C. **Gênero, sexualidade e diversidade sexual na educação profissional e tecnológica: os núcleos de gênero e diversidade.** *Revista Educação, Pesquisa e Inclusão*. Boa Vista, 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. O trabalho como princípio educativo no projeto de educação integral dos trabalhadores. In: COSTA, H. da; CONCEIÇÃO, M. **Educação integral e sistema de reconhecimento e certificação educacional profissional.** São Paulo: Secretaria Nacional de Formação – CUT, 2005.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, N. L. **Estudos e pesquisas sobre educação, raça, gênero e diversidade sexual**. Revista Educação e Sociedade, Campinas, v. 44, e275110, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES.275110> . Acesso em: 02 abr. 2024.

GUIMARÃES, W. **Trajetórias De Vida Pela Educação: produzindo os Núcleos de Gênero e Diversidade Sexual em um Instituto Federal**. 2023. Tese (Doutorado do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2023. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/URGS_6c3f41e85903f08fd48dce1800723e94/Description . Acesso em: 02 jun. 2024.

HALL, S. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006

JÚNIOR, I. A. L. **O núcleo de gênero e diversidade e a população lgbtqi+**: rupturas, avanços e tensões no cotidiano de um instituto federal de educação, ciência e tecnologia. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica) - Instituto Federal de Pernambuco (IFPE), Pernambuco. Recuperado de: <https://repositorio.ifpe.edu.br/xmlui/handle/123456789/262>

KAUR, R. **Outros jeitos de usar a boca**. Tradução: Ana Guadalupe. São Paulo: Planeta, 2017. p. 218

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 32. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

_____. Tendências pedagógicas na prática escolar. In: _____. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. São Paulo: Loyola, 1992.

LOURO, G. L. A escola e a pluralidade dos tempos e espaços. In: COSTA, M. V. (Org.). **Escola Básica na virada do século: Cultura, política e currículo**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 119-129.

_____. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Segredos e mentiras do currículo. Sexualidade e gênero nas práticas escolares. In: SILVA, L. H. (Org.). **A escola no contexto da globalização**. Petrópolis: Vozes, 1998, p.33-47.

_____. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. **Currículo, gênero e sexualidade**. Porto: Porto Editora, 2000.

MARQUES, M. O. **Os paradigmas da educação**. Brasília: R. bras. Est. pedag., 1992.

_____. **A educação no limiar do terceiro milênio, exigente de outro paradigma**. Contexto e Educação. Editora UNIJUÍ, 2000. p. 113-128.

MENEZES, M. P. A discriminação de gênero na escola. Itabaiana, **GEPIADDE**, 2013. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/1710>>. Acesso em 02 fev. 2024.

MEYER, D. E. Gênero e Educação: teoria e política. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Orgs). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 9-27.

_____. Escola, currículo e produção de diferenças e desigualdades de gênero. In: SCHOLZE, L. (Org.) **Gênero, memória e docência**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Secretaria Municipal de Educação, 2001. p. 29-34.

MÈSZÁROS, I. **A educação para além do capital**. São Paulo, Boitempo, 2008.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p. 9-29.

MORENO, M. **Como se ensina a ser menina: O sexismo na escola**. Campinas: Moderna, 1999.

MORETTI-PIRES, R. O.; VIEIRA, M; FINKLER, M. Violência simbólica na experiência de estudantes universitários LGBT. São Paulo, **Revista Saúde e Sociedade**, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902022200662pt>. Acesso em: 02 abr. 2024.

MOURA, D. H. **A formação de docentes para a educação profissional e tecnológica**. Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica, 2008. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/2863/1004>. Acesso em 06 mai. 2023.

NOGUEIRA, N. M.; CAVALCANTI, N. C. S. B; CAVALCANTE, I. F. Mapeamento dos Núcleos de Estudos de Gênero e Diversidade Sexual na Educação Profissional e Tecnológica: as políticas de diálogos inclusão nos Institutos Federais. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, [S.l.], 2021.

PAULA JÚNIOR, F. V. de. Profissionalidade, profissionalização, profissionalismo e formação docente. **Scientia**, 2012. Disponível em: http://www.faculdade.flucianofejiao.com.br/site_novo/scientia/servico/pdfs/outros_artigos/Revista_area_AFIM_01.pdf. Acesso em 02 mai. 2023.

PEDRO, J. M. 2005. **Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica**. São Paulo, História, v. 24, p. 77-98.

PIMENTA, S. G; LIMA, M. S. L. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poiesis Pedagógica**, São Paulo, 2005/2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufcat.edu.br/poiesis/article/view/10542>>. Acesso em: 03 fev. 2024.

RAMOS, A. de J. A.; RAMOS, J. B. S. Diálogos entre o conhecimento popular e científico. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**, [S.l.], v. 3, n. 1, 2019. ISSN

2526-3560. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.24219/rpi.v3i1.432>. Acesso em: 11 mai. 2023.

REDIN, E.; MULER, F.; REDIN, M. M. (Org.). **Infâncias: Cidades e escolas amigas das crianças**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo: Altos, 1999.

RODRIGUES, E. **Histórias impublicáveis sobre trabalhos acadêmicos e seus autores**. Londrina: Editora Planta, 2008.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado, violência** São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

SANTANA, L. F. B; **Gênero e sexualidade na escola: reflexões de uma pedagoga em formação**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Pedagogia) - Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/18080/1/LFBS05102020.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2024.

SANTOS, P. R. C; SANTOS, D. C. **Vamos falar sobre gênero e diversidade sexual**. eduCAPES, 2023. Disponível em: <<https://educapes.capes.gov.br/handle/capes/739357>>. Acesso em: 31 jan. 2024.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: Primeiras aproximações**. Campinas: Autores Associados, 2013.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Tradução: Cristiane Bubine Debot; Maria Betânea Ávida. Recife, 1995.

_____. História das mulheres. In. BURKE, Peter. (Org.) **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.

SILVA, J. M. da. **As tecnologias do imaginário** - 2. ed. - Porto Alegre: Sulina, 2006.

SILVA, T. T. da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SOARES, Z. P.; MONTEIRO, S. S. Formação de professores/as em gênero e sexualidade: possibilidades e desafios. **Revista Educar em Revista**, Curitiba, v. 35, n. 73, p. 287-305, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.61432> . Acesso em: 02 abr. 2024.

TARDIF, M.; RAYMOND, D. S. **Tempo e aprendizagem do trabalho no magistério**. Educação & Sociedade. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/es/v21n73/4214.pdf>. Acesso em 02 jun. 2023.

TOLEDO, C. **Mulheres: o gênero nos une, a classe nos divide.** 2. ed. São Paulo: Sundermann, 2008.

TRIVIÑOS, A. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais.** São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Construção do conhecimento em sala de aula.** São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1993.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZABALA, Antoni. **A Prática Educativa: como ensinar.** 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ANEXO 1 - CARTA DE ANUÊNCIA

CARTA DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAR A PESQUISA - PRPPGI

Ao Senhor Pró-Reitor de Pesquisa do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Farroupilha.

Ilmo Sr. Arthur Frantz,

Ao cumprimentá-lo (a) cordialmente, solicito sua autorização, por meio deste documento, para a realização da pesquisa “Equidade de gênero nos cursos integrados da EPT: abordagens e práticas educativas”, sob a coordenação do Professor Dr. Vantoir Roberto Brancher. A pesquisa é desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) na linha de pesquisa de Práticas Pedagógicas em EPT e tem como objetivo: “Analisar de que modo as questões de gênero e diversidade estão sendo abordadas nos cursos integrados da EPT”.

O estudo adota a metodologia qualitativa. As entrevistas semiestruturadas serão organizadas em horários e espaços conforme a disponibilidade dos colaboradores, através de videochamada Meet online. Estima-se a realização de um encontro com duração de uma hora para as entrevistas. As coletas dos dados serão mediadas pelos pesquisadores, que conduzirão as gravações, bem como as transcrições, para serem analisadas.

Ao final do trabalho de análise e após a materialidade da investigação, se dará a criação de um produto educacional com intuito em colaborar na formação permanente para os participantes. As conclusões da pesquisa serão disponibilizadas aos colaboradores e apresentadas/publicizadas com a comunidade acadêmica, visando contribuir com o desenvolvimento científico/tecnológico/educacional. Tomaremos os cuidados éticos para garantir o sigilo e a confidencialidade das informações, preservando a identidade dos participantes conforme orientações do comitê de ética em pesquisa da Instituição.

Os gastos necessários para a participação na pesquisa serão assumidos pela autora. Além disso, o projeto será submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do

Instituto Federal Farroupilha, garantindo assim, as exigências éticas. O mesmo não será concretizado enquanto não tivermos a respectiva aprovação e validação. Toda e qualquer informação sobre os colaboradores deste estudo serão confidenciais. Os colaboradores não serão identificados em nenhum momento da apresentação dos dados.

Agradeço pela disponibilidade e colaboração.

Atenciosamente,

 Documento assinado digitalmente
LILIAN MORIM PRATES
Data: 09/07/2024 22:41:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Mestranda
Lilian Morim Prates

CARTA DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAR A PESQUISA - Direção do campus Jaguari

Ao Senhor Diretor-geral do Instituto Federal Farroupilha *Campus Jaguari*
Ilmo Sr. Ricardo Rodrigues,

Ao cumprimentá-lo (a) cordialmente, solicito sua autorização, por meio deste documento, para a realização da pesquisa “Equidade de gênero nos cursos integrados da EPT: abordagens e práticas educativas”, sob a coordenação do Professor Dr. Vantoir Roberto Brancher. A pesquisa é desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) na linha de pesquisa de Práticas Pedagógicas em EPT e tem como objetivo: “Analisar de que modo as questões de gênero e diversidade estão sendo abordadas nos cursos integrados da EPT”.

O estudo adota a metodologia qualitativa. As entrevistas semiestruturadas serão organizadas em horários e espaços conforme a disponibilidade dos colaboradores, através de videochamada Meet online. Estima-se a realização de um encontro com duração de uma hora para as entrevistas. As coletas dos dados serão mediadas pelos pesquisadores, que conduzirão as gravações, bem como as transcrições, para serem analisadas.

Ao final do trabalho de análise e após a materialidade da investigação, se dará a criação de um produto educacional com intuito em colaborar na formação permanente para os participantes. As conclusões da pesquisa serão disponibilizadas aos colaboradores e apresentadas/publicizadas com a comunidade acadêmica, visando contribuir com o desenvolvimento científico/tecnológico/educacional. Tomaremos os cuidados éticos para garantir o sigilo e a confidencialidade das informações, preservando a identidade dos participantes conforme orientações do comitê de ética em pesquisa da Instituição.

Os gastos necessários para a participação na pesquisa serão assumidos pela autora. Além disso, o projeto será submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal Farroupilha, garantindo assim, as exigências éticas. O mesmo não será concretizado enquanto não tivermos a respectiva aprovação e validação. Toda e qualquer informação sobre os colaboradores deste estudo serão confidenciais. Os

colaboradores não serão identificados em nenhum momento da apresentação dos dados.

Agradeço pela disponibilidade e colaboração.

Atenciosamente,

 Documento assinado digitalmente
LILIAN MORIM PRATES
Data: 09/07/2024 22:41:06-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Mestranda
Lilian Morim Prates

ANEXO 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título do Projeto: “Equidade de gênero nos cursos integrados da EPT: abordagens e práticas educativas”

Pesquisadora Responsável: Lilian Morim Prates

Endereço: Rua João Guilherme Goelzer, nº 55 - Bairro Nossa Senhora de Lourdes - Jaguari - RS.

Telefone para Contato: (55) 999885692

Orientador: Prof. Dr. Vantoir Roberto Brancher

Endereço: Rua Marques do Herval, nº 102, ap. 101 - Bairro Nossa Senhora de Lourdes - Santa Maria - RS.

Telefone para Contato: (55) 999683751

Co-orientadora: Prof.^a Dr^a Ana Claudia de Oliveira da Silva

Endereço: Rua Egeu, nº 222 - Bairro São José - Santa Maria - RS.

Telefone para Contato: (55) 991241834

E-mail: anaclaudia@iffarroupilha.edu.br

IF Farroupilha – Campus Jaguari

Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT)

E-mail da Pesquisadora Responsável: lila.morim@hotmail.com

Prezado(a) participante da pesquisa,

Você está sendo convidado(a) a participar voluntariamente da pesquisa de mestrado intitulada **“Equidade de gênero nos cursos integrados da EPT: abordagens e práticas educativas”**, que está sendo desenvolvida por Lilian Morim Prates, mestranda do Curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (ProfEPT), do Polo IFFar, Campus Jaguari, sob a orientação do Prof. Dr. Vantoir Roberto Brancher e co-orientação da Prof^a Dra. Ana Claudia de Oliveira da Silva.

Antes de concordar em participar desta pesquisa, seria importante você ler este documento na íntegra, para que compreenda as informações e instruções

contidas nele. Este documento se chama TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) e nele estão contidas informações importantes sobre o estudo. A pesquisadora responderá a todas as suas dúvidas antes que você decida participar. O Termo de Confidencialidade (TC) é um documento em que a pesquisadora se compromete em manter e preservar a confidencialidade e sigilo sobre todas as informações relacionadas à privacidade dos participantes deste estudo.

Informamos que este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em poder da pesquisadora e outra com em sua posse; e que os dados coletados ficarão sob a guarda da pesquisadora do projeto por cinco anos, em um HD externo, na sua residência, rua João Guilherme Goelzer, 55, Jaguari/RS. Depois desse prazo, os mesmos serão destruídos, assim garantindo os dados de sigilo. Você assinará (pode ser digitalmente) uma cópia do documento TCLE e o retornará para a pesquisadora, também via email. A pesquisadora somente iniciará a pesquisa após você lhe enviar a devolutiva do TCLE devidamente assinado ou lhe responder através do email, confirmando sua participação. A pesquisadora começará a pesquisa fazendo a leitura conjunta do Termo de Confidencialidade (TC) e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Imediatamente depois da leitura, ao aceitar participar, a pesquisadora começará a entrevista. Caso prefira não participar da pesquisa, não haverá penalidade ou prejuízo a você.

O Comitê de Ética na Pesquisa - CEP - é um colegiado interdisciplinar e independente, de relevância pública, de caráter deliberativo, consultivo e educativo, fomentando a reflexão ética sobre a pesquisa científica. A razão de sua existência, direciona-se na defesa dos interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade dos valores, dos direitos e dos deveres para contribuir no desenvolvimento da pesquisa, dentro de padrões éticos nas diferentes áreas do conhecimento e com os princípios básicos do Instituto Federal Farroupilha.

Objetivo: O objetivo desta pesquisa é “Analisar de que modo as questões de gênero estão sendo abordadas nos cursos integrados da EPT.”

Metodologia: O estudo adota uma metodologia qualitativa, que prevê a sua participação em entrevistas semiestruturadas, que serão agendadas previamente em horários, conforme a sua disponibilidade. Estima-se a realização de um encontro

com duração aproximada de uma hora. As entrevistas serão realizadas remotamente, por videochamada Meet online, potencializando assim o tempo e os recursos de entrevistadora e entrevistado (a), sem nenhum prejuízo aos procedimentos éticos da pesquisa.

A entrevista será realizada pela pesquisadora, que fará a gravação da mesma em imagem e áudio, para que seja transcrita e analisada posteriormente. Após a transcrição, você receberá devolutiva da mesma, para sua apreciação, antes da análise do conteúdo. Ao final do trabalho de análise, as conclusões da pesquisa serão disponibilizadas aos participantes e publicadas.

A participação nesse estudo é voluntária e anônima e a decisão de participar ou não da pesquisa é exclusiva do(a) participante. Em qualquer momento do estudo, poderá solicitar informações sobre os procedimentos relacionados à pesquisa. Também poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sem sofrer nenhum tipo de penalidade ou prejuízo. Fica garantido o anonimato dos envolvidos em qualquer circunstância, no que envolve todas as atividades ou materiais escritos que se originarem deste estudo.

Em caso de evento adverso, ocorrendo algum problema decorrente de sua participação na pesquisa, você terá acompanhamento da pesquisadora responsável e assistência médica e psicológica de forma gratuita, sendo encaminhado a um serviço de saúde mais próximo ou da sua escolha pelo tempo necessário. Fica, também, garantido o seu direito de requerer indenização em caso de danos comprovadamente decorrentes da participação nesta pesquisa.

Benefícios: Os benefícios e vantagens desta pesquisa serão ampliar as reflexões e ressignificações acerca da ligação de fatores que se entrelaçam na constituição do respeito à equidade de gênero, corroborando nas discussões e pesquisas sobre o ensino na Educação Profissional e Tecnológica.

Com isso, é possível ampliar o horizonte de compreensão em torno dos fatores que envolvem essa construção, trazendo pesquisas sobre o tema, abordando sobre a importância da mesma e contribuindo cientificamente para a sociedade.

Importante mencionar que os resultados encontrados nesta pesquisa serão divulgados em meios de comunicação e eventos da Educação, capítulos de livros,

artigos etc., objetivando colaborar na área da educação profissional e tecnológica, podendo contribuir nas práticas de ensino no contexto de sala de aula.

Diante destas reflexões, pode-se discernir sobre as práticas educativas ofertadas e seus efeitos no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes dos cursos integrados da EBPT.

Desta forma, os benefícios e vantagens aos participantes da pesquisa será a possibilidade de desfrutarem de um curso, disponibilizado em uma plataforma digital de forma autoinstrucional, criado e destinado para a contribuição de ações educativas, que será executado como produto educacional.

Riscos: Os riscos em participar da pesquisa são mínimos por envolver apenas a participação na entrevista. Poderá ocorrer de você se emocionar ou se constranger ao responder a alguma pergunta da entrevista, ocasionando algum incômodo, cansaço, sintomas físicos etc. Se ocorrer algum mal-estar, a pesquisadora se compromete em garantir assistência integral e gratuita a você e a entrevista será interrompida, sendo garantido a você um ambiente acolhedor e momentos de pausa para se recuperar, ou encerramento da entrevista se assim o desejar. Caso não deseje mais participar da entrevista, não acarretará em nenhum dano ou prejuízo pela sua decisão, e seus dados serão excluídos do trabalho.

Caso ocorra algum desconforto, a pesquisadora estará à disposição para sanar qualquer dúvida que ocorra. Se isso acontecer, a pesquisadora perguntará se você deseja continuar ou interromper a entrevista naquele momento.

Em caso de eventos adversos e você sentir necessidade de intervenções de saúde, você será encaminhado a um serviço de saúde mais próximo ou da sua escolha pelo tempo necessário, para atendimento médico e psicológico, com o acompanhamento da pesquisadora responsável. Os custos, assim como a assistência integral das complicações e danos decorrentes dos riscos previstos são de responsabilidade da pesquisadora.

Despesas e danos: Não haverá despesa alguma e nem compensação financeira durante a sua participação na pesquisa. Os gastos necessários para a participação na pesquisa serão assumidos pela autora da pesquisa. Entretanto, em caso de danos ou despesas comprovadas oriundas desta pesquisa ocorrer ao participante, você terá direito a buscar indenização.

Sigilo: Todos os cuidados serão tomados para garantir o sigilo e a confidencialidade das suas informações, preservando assim a identidade de todos os envolvidos. Em relação ao anonimato dos participantes, por se tratar de pesquisa com população restrita, ainda que seja garantido o sigilo sobre as respostas, não é possível garantir o pleno anonimato. Nenhum tipo de prejuízo ocorrerá, quanto ao seu envolvimento no estudo, pois você não sofrerá nenhum tipo de atividade invasiva ou privativa de benefícios. Os dados coletados ficarão sob responsabilidade dos pesquisadores, contra eventual extravio ou vazão de informações sigilosas, e serão armazenados digitalmente, em um HD externo, por um período mínimo de cinco anos, a contar da publicação dos resultados da pesquisa.

As pessoas que estarão acompanhando os procedimentos serão os pesquisadores Lilian Morim Prates, mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), o orientador Dr. Vantoir Roberto Brancher e a co-orientadora Dra. Ana Claudia de Oliveira da Silva, professores do Instituto Federal Farroupilha. O projeto desta pesquisa foi apreciado pelas exigências éticas e validações do Comitê de Ética do IFFarroupilha. Toda e qualquer informação fornecida por você neste estudo serão confidenciais.

Solicitamos a sua autorização para o uso de seus dados para a produção de artigos técnicos e científicos. A sua privacidade será mantida através da não identificação do seu nome. Em nenhum momento da apresentação pública de dados, você será identificado(a). Informações adicionais podem ser obtidas com a autora da pesquisa e com seu orientador, conforme dados a seguir:

Pesquisadora Responsável: Lilian Morim Prates

Endereço: Rua João Guilherme Goelzer, nº 55 - Bairro Nossa Senhora de Lourdes - Jaguari - RS.

Telefone para Contato: (55) 999597733

E-mail: lila.morim@hotmail.com

Professor orientador: Prof. Dr. Vantoir Roberto Brancher

Endereço: Rua Marquês do Herval, nº 102, ap. 101 - Bairro Nossa Senhora de Lourdes - Santa Maria- RS.

Telefone para Contato: (55) 999683751

E-mail: vantoir.brancher@iffarroupilha.edu.br

Professora co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Claudia de Oliveira da Silva

Endereço: Rua Egeu, nº 222 - Bairro São José - Santa Maria - RS.

Telefone para Contato: (55) 991241834

E-mail: anaclaudia@iffarroupilha.edu.br

IF Farroupilha – Campus Jaguari

Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT)

Comitê de Ética em Pesquisa – CEP IF Farroupilha

Alameda Santiago do Chile, 195 – Bairro Nossa Senhora das Dores – CEP: 97050-685 - Santa Maria - Rio Grande do Sul – Fone/Fax: (55) 3218-9850 -

E-mail: cep@iffarroupilha.edu.br

CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

SEPN 510, Norte, Bloco A, 3º andar, Ed. Ex-INAN, Unidade II – Brasília – DF - CEP: 70750-521 - Fone: (61)3315-5878/5879 - E-mail: conep@saude.gov.br

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Declaro que estou ciente e suficientemente informado(a) sobre todos os procedimentos desta pesquisa, que todos os dados a meu respeito serão sigilosos e que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinentes ao objetivo do estudo. Estou suficientemente informado(a) e esclarecido(a) que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo.

Local: _____

Data: ____/____/____

Assinatura do participante da pesquisa



Documento assinado digitalmente

LILIAN MORIM PRATES

Data: 09/07/2024 22:41:06-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura da pesquisadora responsável

ANEXO 3 - TERMO DE CONFIDENCIALIDADE (TC)**TERMO DE CONFIDENCIALIDADE (TC)**

Título do Projeto: “Equidade de gênero nos cursos integrados da EPT: abordagens e práticas educativas”

Pesquisadora Responsável: Lilian Morim Prates

Endereço: Rua João Guilherme Goelzer, nº 55 - Bairro Nossa Senhora de Lourdes - Jaguari - RS.

Telefone para Contato: (55) 999885692

Orientador: Prof. Dr. Vantoir Roberto Brancher

Endereço: Rua Marques do Herval, nº 102, apt. 101 - Bairro Nossa Senhora de Lourdes - Santa Maria - RS.

Telefone para Contato: (55) 999683751

Co-orientadora: Prof.^a Dr^a Ana Claudia de Oliveira da Silva

Endereço: Rua Egeu, nº 222 - Bairro São José - Santa Maria - RS.

Telefone para Contato: (55) 991241834

IF Farroupilha – Campus Jaguari

Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT)

E-mail do (a) Pesquisador (a) Responsável: lila.morim@hotmail.com

A autora do presente projeto assume o compromisso de manter e preservar a confidencialidade e sigilo sobre todas as informações relacionadas à privacidade dos participantes deste estudo, cujos dados serão coletados através de entrevista semiestruturada, realizada pela pesquisadora.

Compromete-se, igualmente, que estas informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução da presente pesquisa e que não serão socializadas em formato que venha identificar os participantes do presente estudo. As informações somente poderão ser divulgadas de forma anônima e serão mantidas sob a responsabilidade do autor do presente estudo.

Este projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha em 28/08/2024 com o número do CAAE 78268024.2.0000.5574.

Jaguari, _____ de _____ de _____.

Documento assinado digitalmente
 **LILIAN MORIM PRATES**
Data: 09/07/2024 22:41:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Lilian Morim Prates
Pesquisadora Responsável

ANEXO 4 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA FARROUPILHA -
IFFAR



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Diversidade sexual e de gênero nos cursos integrados da EPT: abordagens e práticas educativas

Pesquisador: LILIAN MORIM PRATES

Área Temática:

Versão: 6

CAAE: 78268024.2.0000.5574

Instituição Proponente: INSTITUTO FEDERAL DE EDUCACAO, CIENCIA E TECNOLOGIA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.038.665

Apresentação do Projeto:

Este estudo se aproxima das temáticas gênero e diversidade, suas abordagens e desafios, levando a refletir sobre as singularidades que permeiam o contexto da vivência dos alunos dos cursos integrados da EPT e suas implicações na sociedade. Pretende-se responder ao questionamento: Como as questões de gênero e diversidade estão sendo abordadas nos cursos integrados do IFFarroupilha. Visando como objetivo geral analisar de que modo as questões de gênero e diversidade estão sendo abordadas nos cursos integrados da EPT.

Nesta perspectiva, a pesquisa tem como objetivos específicos: mapear a produção científica sobre gênero e currículo integrado na EPT; compreender como e se têm sido abordadas as questões de gênero e diversidade nos cursos integrados do IFFarroupilha; conhecer as representações estudantis dos cursos integrados sobre gênero e diversidade na EPT; Elaborar uma ferramenta de apoio a partir dos interesses e as necessidades apontadas pelos próprios estudantes da EPT, de forma que esse instrumento venha a ser utilizado para embasamento de ações educativas. Trabalharemos sobre os pressupostos de uma metodologia de cunho qualitativo, utilizando entrevistas semi-estruturadas como forma de coleta/construção de dados. A análise dos dados (BARDIN, 2011) será realizada através da análise de conteúdo. Assim, pretende-se refletir sobre as

Endereço: Alameda Santiago do Chile, 195

Bairro: Nossa Sra. das Dores

UF: RS **Município:** SANTA MARIA

Telefone: (55)3218-9800

CEP: 97.050-685

E-mail: cep@iffarroupilha.edu.br

**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA FARROUPILHA -
IFFAR**



Continuação do Parecer: 7.038.665

questões de gênero e diversidade, possibilitando ampliar as reflexões acerca da ligação de fatores que se entrelaçam na constituição do respeito das diversidades de gênero.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

- Analisar de que modo as questões de gênero e diversidade estão sendo abordadas nos cursos integrados da EPT.

Objetivo Secundário:

- Mapear a produção científica sobre gênero e currículo integrado na EPT;
- Compreender como e se têm sido abordadas as questões de gênero e diversidade nos cursos integrados do IFFar;
- Conhecer as representações estudantis dos cursos integrados sobre gênero e diversidade na EPT;
- Elaborar uma ferramenta de apoio a partir dos interesses e as necessidades apontadas pelos próprios estudantes da EPT, de forma que esse instrumento venha a ser utilizado para embasamento de ações educativas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos em participar da pesquisa são mínimos. Poderá ocorrer de algum colaborador se emocionar durante a entrevista, ocasionando algum incômodo, desconforto, podendo parar sua colaboração a qualquer instante. Caso o desconforto ocorra de forma intensa, o entrevistado será encaminhado a um profissional especializado da saúde, no que se refere em atendimento médico e psicológico, de sua escolha, com acompanhamento da autora do trabalho e os custos são de responsabilidade da mesma.

Benefícios:

Os benefícios e vantagens desta pesquisa serão ampliar as reflexões acerca da ligação de fatores que se entrelaçam na constituição do respeito das diversidades de gênero. Com isso, é

Endereço: Alameda Santiago do Chile, 195

Bairro: Nossa Sra. das Dores

CEP: 97.050-685

UF: RS

Município: SANTA MARIA

Telefone: (55)3218-9800

E-mail: cep@iffarroupilha.edu.br

**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA FARROUPILHA -
IFFAR**



Continuação do Parecer: 7.038.665

preciso ampliar o horizonte de compreensão em torno dos fatores que envolvem essa construção, trazendo pesquisas sobre o tema, abordando sobre a importância da mesma e contribuindo cientificamente para a sociedade.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de um projeto de pesquisa do Mestrado ProfEftp que está em sua 6ª versão, sendo uma pesquisa qualitativa com 12 participantes maiores de idade do Campus Jaguari, divididos em 3 turmas de entrevistados.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações.

Recomendações:

Vide Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Conforme parecer anterior número 6.724.149 indicavam-se 3 óbices éticos, constando ainda 01 óbice ético:

SOLICITOU-SE: anexar o TCLE tal como será aplicado nos participantes de pesquisa para apreciação deste CEP, não deve o TCLE não ser descrito dentro do formulário, encaminhando para outro link de acesso, desta forma, sugere-se que a pesquisadora descreva na íntegra dentro do formulário o TCLE e envie o documento na plataforma, ao tentar acessar o link do TCLE, o mesmo pedia acesso, quando deveria estar disponível dentro do próprio formulário).

SITUAÇÃO: ÓBICE ATENDIDO

Considerações Finais a critério do CEP:

O projeto encontra-se aprovado.

O CEP acata o parecer do(a) relator(a).

Orientações importantes, conforme a Norma Operacional CNS nº 001/2013:

1) Alterações no projeto aprovado, devem ser apresentadas ao CEP na forma de Emenda ou Extensão. Havendo modificações importantes de objetivos e métodos, deve ser

Endereço: Alameda Santiago do Chile, 195	CEP: 97.050-685
Bairro: Nossa Sra. das Dores	
UF: RS	Município: SANTA MARIA
Telefone: (55)3218-9800	E-mail: cep@iffarroupilha.edu.br

**INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA FARROUPILHA -
IFFAR**



Continuação do Parecer: 7.038.665

apresentado novo protocolo de pesquisa.

2) Ao final da pesquisa cabe ao (à) pesquisador(a) responsável a apresentação do relatório final ao CEP, no formato de Notificação. Na página do CEP no portal do IFFAR constam orientações e modelo para a apresentação do relatório.

Obs: Orientações sobre a submissão de emendas, extensões ou notificações estão disponíveis no Manual do Pesquisador da Plataforma Brasil. Um material informativo adicional está disponível na página do CEP IFFar: <https://www.iffarroupilha.edu.br/comit%C3%AA-de-%C3%A9tica-em-pesquisa-2>

3) Cabe ao (à) pesquisador(a) responsável informar a este CEP sobre o início da coleta de dados, junto aos participantes de pesquisa, no formato de Notificação

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2289950.pdf	13/08/2024 19:39:35		Aceito
Outros	termoconf.pdf	13/08/2024 19:39:05	LILIAN MORIM PRATES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEdigi.pdf	07/08/2024 12:29:29	LILIAN MORIM PRATES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	07/08/2024 12:29:15	LILIAN MORIM PRATES	Aceito
Outros	5CartarespostaCEP.pdf	07/08/2024 12:27:50	LILIAN MORIM PRATES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	4TCLE.pdf	12/07/2024 21:31:33	LILIAN MORIM PRATES	Aceito
Outros	1diretorgeral.pdf	14/03/2024 22:20:40	LILIAN MORIM PRATES	Aceito
Outros	1listachecagem.pdf	14/03/2024 22:20:14	LILIAN MORIM PRATES	Aceito
TCLE / Termos de	1anuenciapreitor.pdf	14/03/2024	LILIAN MORIM	Aceito

Endereço: Alameda Santiago do Chile, 195

Bairro: Nossa Sra. das Dores

CEP: 97.050-685

UF: RS

Município: SANTA MARIA

Telefone: (55)3218-9800

E-mail: cep@iffarroupilha.edu.br

INSTITUTO FEDERAL DE
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA FARROUPILHA -
IFFAR



Continuação do Parecer: 7.038.665

Assentimento / Justificativa de Ausência	1anuenciapreitor.pdf	22:19:18	PRATES	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto0k.pdf	14/03/2024 11:37:49	LILIAN MORIM PRATES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SANTA MARIA, 28 de Agosto de 2024

Assinado por:
THIAGO NUNES CESTARI
(Coordenador(a))

Endereço: Alameda Santiago do Chile, 195

Bairro: Nossa Sra. das Dores

UF: RS

Município: SANTA MARIA

Telefone: (55)3218-9800

CEP: 97.050-685

E-mail: cep@iffarroupilha.edu.br

APÊNDICE 1 - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

ROTEIRO DO PERFIL E DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

PERFIL

PERFIL	Nome: Gênero: () Masculino () Feminino () Outro Idade:
FORMAÇÃO	Curso que frequenta:

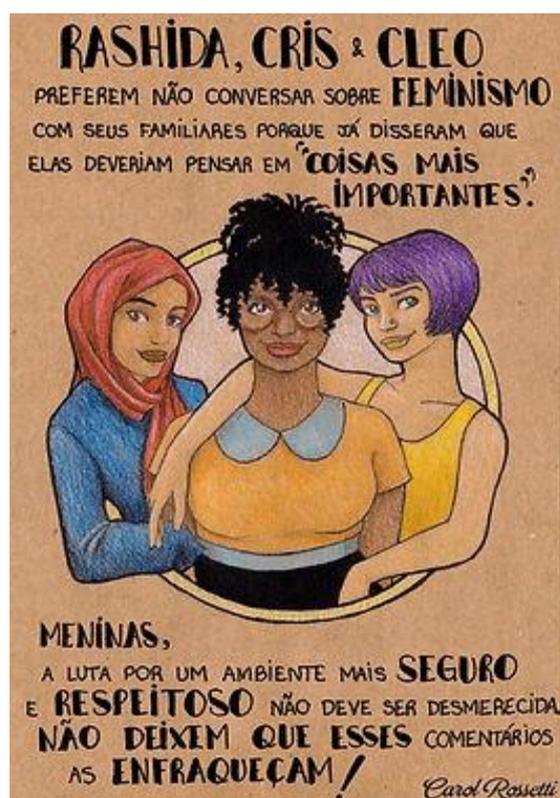
CONCLUSÕES/ANOTAÇÕES

<p>CONCLUSÕES/ANOTAÇÕES</p>

INTRODUÇÃO

IMAGEM	QUESTÕES A SEREM REALIZADAS

Imagem 1



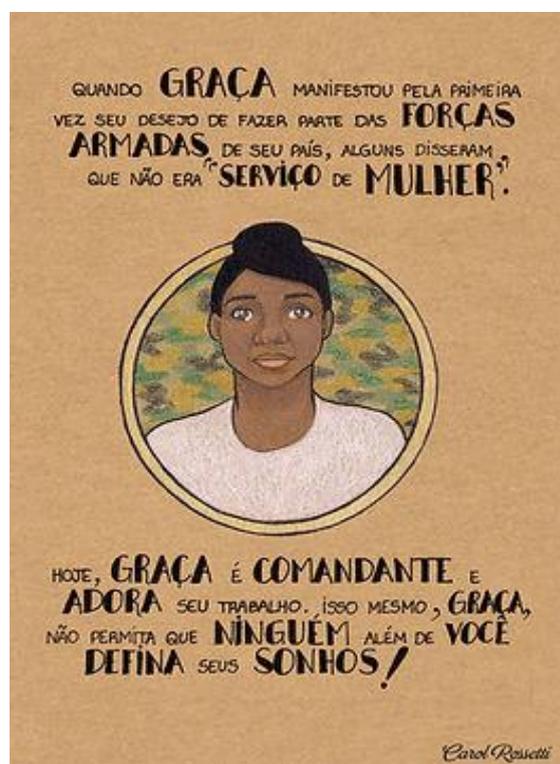
Fonte:

<https://www.carolrossetti.com.br/mulheres>

1 - A partir dessas imagens que te mostrei e das poesias que li, quais as memórias, lembranças que vem na tua cabeça? O que tu sentiu? Qual a interpretação que tu faz?

2 - Foram apresentadas uma discussão de gênero e uma discussão de equidade de gênero. Você conhece o conceito de gênero e equidade, sabe o que quer dizer?

Imagem 2



Fonte:

<https://www.carolrossetti.com.br/mulheres>

<p>Imagem 3</p>	 <p>Fonte: https://www.carolrossetti.com.br/mulheres</p>	
<p>Poesia 1</p>	<p>Legado me levanto sobre o sacrifício de um milhão de mulheres que vieram antes e penso o que é que eu faço para tornar essa montanha mais alta para que as mulheres que vierem depois de mim possam ver além</p> <p>Fonte: Rupi Kaur. O que o sol faz com as flores. Tradução de Ana Guadalupe. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.</p>	
<p>Poesia 2</p>	<p>Quero pedir desculpa a todas as mulheres quero pedir desculpas a todas as mulheres que descrevi como bonitas antes de dizer inteligentes ou corajosas fico triste por ter falado como se algo tão simples como aquilo que nasceu com você fosse seu maior orgulho quando seu</p>	

	<p>espírito já despedaçou montanhas de agora em diante vou dizer coisas como você é forte ou você é incrível não porque eu não te ache bonita mas porque você é muito mais do que isso</p> <p>Fonte: Rupi Kaur. Outros jeitos de usar a boca. Tradução de Ana Guadalupe. São Paulo: Planeta, 2017.</p>	
--	--	--

CONCLUSÕES/ANOTAÇÕES

ENTREVISTA

ETAPA	OBJETIVOS	QUESTÕES A SEREM REALIZADAS
1	<p>Compreender como e se têm sido abordadas as questões de gênero nos cursos integrados do IFFar - Campus Jaguari.</p>	<p>1 - Na sua formação existem disciplinas que abordem o tema gênero? Como foi essa experiência:</p> <p>2 - Em algum momento de sua caminhada escolar você se lembra de ter debatido sobre equidade de gênero?</p> <p>3 - Você conhece ou ouviu falar sobre alguma ação (palestra, debates etc.) desenvolvida pelo IFFar para refletir sobre equidade de gênero?</p>

2	<p>Conhecer as representações estudantis dos cursos integrados sobre gênero na EPT.</p>	<p>1 - Como você percebe a representatividade de gênero em suas instituições de ensino?</p> <p>2 - De que maneira os cursos integrados abordam questões sobre gênero? Há espaço para a inclusão de pensamentos diversos?</p> <p>3 - Você se sente representada e incluída nos conteúdos e discussões em sala de aula? Vê exemplos que abordam a todos?</p> <p>4 - Você lembra de algum material que tenha sido usado para discutir sobre gênero? Comente:</p> <p>5 - Como os professores abordam questões de gênero em sala de aula? Eles se mostram sensíveis e inclusivos?</p> <p>6 - A escola promove ambientes inclusivos e acolhedores para todos os estudantes? Todos se sentem representados?</p> <p>7 - Quais são os desafios para promover ambientes mais inclusivos e acolhedores na Educação Profissional e Tecnológica do ponto de vista da representatividade de gênero?</p> <p>8 - Qual é o impacto da representatividade de gênero na formação profissional dos estudantes? Como isso influencia sua preparação para o mercado de trabalho?</p> <p>9 - Quais ações podem ser tomadas na escola para promover uma cultura mais inclusiva e equitativa?</p>
3	<p>Elaborar uma ferramenta de apoio a partir das necessidades e dos interesses apontados pelos próprios estudantes da EPT, de forma que esse instrumento venha a ser utilizado para embasamento de ações</p>	<p>1 - Considera importante que exista um curso sobre equidade de gênero que fique à disposição da comunidade interna e externa da instituição? Você participaria?</p> <p>2 - Que tipo de conteúdo você considera importante para dar mais visibilidade para questões de equidade de gênero?</p>

	educativas.	3 - Que tipo de ferramentas educacionais poderiam promover auxílio a este trabalho? 4 - Para você, é mais interessante compartilhar esse conteúdo em um evento de formação ou em um espaço virtual?
--	-------------	--

CONCLUSÕES/ANOTAÇÕES

APÊNDICE 2 - CONVITE E LINK DAS RODAS DE CONVERSA

MESA 1

MAGMA
MAGMA
MAGMA

PROFEPT
PROFEPT
PROFEPT

INSTITUTO FEDERAL Farroupilha
INSTITUTO FEDERAL Farroupilha
INSTITUTO FEDERAL Farroupilha

INSTITUTO FEDERAL Campus Jaguarí
INSTITUTO FEDERAL Campus Jaguarí
INSTITUTO FEDERAL Campus Jaguarí

RODA DE CONVERSA

Ciclo Formativo
GÊNERO E FEMINISMO NA EPT:
Discussões necessárias

Mesa 1

VALORES

MEDIADORA LILIAN MORIM
MESTRANDA PROFEPT

19 NOV / 19H

TRANSMISSÃO YOUTUBE

ALINE LEAL
Mestre em EPT
MEMÓRIAS E PERCURSOS FORMATIVOS DAS MULHERES NEGRAS DO IFFAR

CLÁUDIA SANTOS
Professora
A PRESENÇA FEMININA NA POLÍTICA BRASILEIRA

Link de acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=sL0M2VgJrco>

MESA 2

INSTITUTO FEDERAL
Farroupilha
Campus Jaguarí

PROFEPT
Associação Nacional de
Professores(as) de
Educação Profissional e
Técnicas (ANPEPTE)

INSTITUTO FEDERAL
Farroupilha
CAE

MAGMA
Associação Nacional de
Professores(as) de
Magistério em Administração
e Ciências Exatas

RODA DE CONVERSA

Ciclo Formativo

GÊNERO E FEMINISMO NA EPT:
Discussões necessárias

Mesa 2

MULHERES

MEDIADORA LILIAN MORIM
MESTRANDA PROFEPT

LILIANA OLIVEIRA
Professora
O(S) FEMINISMO(S) E SUA(S) RESISTÊNCIA(S)

ALICE RIBEIRO
Presidente
NUGEDIS
EU PRECISO DO FEMINISMO?

ELIANE PORTO
Professora
MULHERES-PROFESSORAS: VOZES E TRAJETOS NA EBT

21 NOV / 19H
TRANSMISSÃO YOUTUBE

Link de acesso: <https://www.youtube.com/live/lc9N3qjSF5s?si=PSI1AXnSGLauHE9J>

APÊNDICE 3 - FORMULÁRIOS USADO NA VALIDAÇÃO

MESA 1

PROFEPT

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA



CICLO FORMATIVO GÊNERO E FEMINISMO NA EPT: DISCUSSÕES NECESSÁRIAS

B *I* U ↻ ✖

MESA 1 - 19/11/2024

E-mail *

E-mail válido

.....

Este formulário está coletando e-mails. [Alterar configurações](#)

MESA 1



Título

Prezado participante,

Assim como sua presença é muito importante para a realização deste evento, sua opinião é essencial ao aperfeiçoamento de futuros momentos formativos como este. Por isso, solicitamos o preenchimento do formulário para confirmar sua presença e contribuir com sua avaliação.

Agradecemos a colaboração.

Nome completo *

Texto de resposta curta

Número do seu CPF *

Texto de resposta curta

Qual o seu telefone de contato *

Texto de resposta curta

⋮

Qual o seu atual status? *

- Estudante
- Docente
- Técnico Administrativo em Educação
- Outros

De 0 a 10, qual o nível de conhecimentos você acredita que adquiriu com a *
mesa?

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="radio"/>										

De 0 a 10, como você avalia a atuação da mediação do evento? *

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
<input type="radio"/>										

Quer deixar um comentário ou uma sugestão?

Texto de resposta longa
.....

MESA 2

PROFEPT

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA



CICLO FORMATIVO GÊNERO E FEMINISMO NA EPT: DISCUSSÕES NECESSÁRIAS

B I U ↻ ✕

MESA 2 - 21/11/2024

E-mail *

E-mail válido

Este formulário está coletando e-mails. [Alterar configurações](#)

Título

Prezado participante,

Assim como sua presença é muito importante para a realização deste evento, sua opinião é essencial ao aperfeiçoamento de futuros momentos formativos como este. Por isso, solicitamos o preenchimento do formulário para confirmar sua presença e contribuir com sua avaliação.

Agradecemos a colaboração.

Mesa 2

INSTITUTO FEDERAL
Farroupilha
Campus Jaguarí

PROFEP
Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional

MAGMA
Mestrado em Gestão em Administração

RODA DE CONVERSA
Ciclo Formativo
GÊNERO E FEMINISMO NA EPT:
Discussões necessárias

Mesa 2

LILIANA OLIVEIRA
Professora
O(S) FEMINISMO(S) E SUA(S) RESISTÊNCIA(S)

ALICE RIBEIRO
Presidente NUGEDIS
EU PRECISO DO FEMINISMO?

ELIANE PORTO
Professora
MULHERES-PROFESSORAS: VOZES E TRAJETOS NA EBT

MEDIADORA LILIAN MORIM
MESTRANDO PROFEP

21 NOV / 19H
TRANSMISSÃO YOUTUBE

QR CODE

Nome completo *

Texto de resposta curta

Número do seu CPF *

Texto de resposta curta

Qual o seu telefone de contato *

Texto de resposta curta

De 0 a 10, quanto você recomendaria nosso evento para outras pessoas? *

- | | | | | | | | | | |
|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 |
| <input type="radio"/> |

De 0 a 10, qual o nível de conhecimentos você acredita que adquiriu com a mesa? *

- | | | | | | | | | | | |
|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| 0 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 |
| <input type="radio"/> |

De 0 a 10, como você avalia a atuação da mediação do evento? *

- | | | | | | | | | | | |
|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|
| 0 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 |
| <input type="radio"/> |

Quer deixar um comentário ou uma sugestão?

Texto de resposta longa

APÊNDICE 4 - COMPROVANTES DE SUBMISSÃO DE ARTIGOS

EQUIDADE DE GÊNERO NOS CURSOS INTEGRADOS DA EPT: ABORDAGENS E PRÁTICAS EDUCATIVAS

Artigo em processo de submissão: ESPACIALIDADES, Natal - Rio Grande do Norte - Brasil. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/espacialidades>

[RE] Agradecimento pela submissão ▷ Caixa de entrada ×



periodicos@bczm.ufrn.br
para mim ▼

ter., 26 de nov. de 2024, 23:25 ☆ ☺ ← :

Lilian Morim Prates:

Obrigado por submeter o manuscrito, "EQUIDADE DE GÊNERO NOS CURSOS INTEGRADOS DA EPT: : abordagens e práticas educativas" ao periódico Revista Espacialidades. Com o sistema de gerenciamento de periódicos on-line que estamos usando, você poderá acompanhar seu progresso através do processo editorial efetuando login no site do periódico:

URL da Submissão: <https://periodicos.ufrn.br/espacialidades/authorDashboard/submission/38342>

Usuário: lilianmorim

Se você tiver alguma dúvida, entre em contato conosco. Agradecemos por considerar este periódico para publicar o seu trabalho.

Fabíula Sevilha de Souza

Revista Espacialidades

Revista dos discentes do Programa de Pós-Graduação em História e Espaços da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Brasil.

espacialidades@gmail.com

Revista Espacialidades

[← Back to Submissões](#)

38342 / Morim Prates et al. / EQUIDADE DE GÊNERO NOS CURSOS INTEG [Biblioteca da Submissão](#)

Fluxo de Trabalho **Publicação**

Submissão **Avaliação** **Edição de Texto** **Editoração**

Arquivos da Submissão [Q Buscar](#)

▶	135704	LilianEspacialid.docx	26 de November de 2024	Texto do artigo
----------------	--------	-----------------------	------------------------	-----------------

[Baixar Todos os Arquivos](#)

Discussão da pré-avaliação [Adicionar comentários](#)

Nome	De	Última resposta	Respostas	Fechado
Nenhum item				

AS PRÁTICAS EDUCATIVAS DOS CURSOS INTEGRADOS DO IFFAR - CAMPUS JAGUARI: NARRATIVAS DE GÊNERO VIVENCIADAS POR ALUNAS

Artigo em processo de submissão: DIVERSIDADE E EDUCAÇÃO, Rio Grande - Rio Grande do Sul - Brasil. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu>

[DE] Agradecimento pela submissão

De Paula Regina Costa Ribeiro via Portal de Periódicos Científicos - FURG <pen-bounces@emnuvens.com.br>

Data Sáb, 02/11/2024 16:29

Para Lilian Morim Prates <lila.morim@hotmail.com>

Lilian Morim Prates:

Obrigado por submeter o manuscrito, "As Práticas Educativas dos Cursos Integrados do IFFAR - campus Jaguari: : narrativas de gênero vivenciadas por alunas" ao periódico Diversidade e Educação. Com o sistema de gerenciamento de periódicos on-line que estamos usando, você poderá acompanhar seu progresso através do processo editorial efetuando login no site do periódico:

URL da Submissão:

<https://periodicos.furg.br/divedu/authorDashboard/submission/18381>

Usuário: lilanmorim

Se você tiver alguma dúvida, entre em contato conosco. Agradecemos por considerar este periódico para publicar o seu trabalho.

Paula Regina Costa Ribeiro

Revista *Diversidade & Educação*

Diversidade e Educação

[← Back to Submissões](#)

18381 / Morim Prates et al. / AS PRÁTICAS EDUCATIVAS DOS CURSOS INT [Biblioteca da Submissão](#)

Fluxo de Trabalho **Publicação**

Submissão **Avaliação** Edição de Texto Editoração

Arquivos da Submissão [Q Buscar](#)

▶ 66771 Cópia de LilianMorimPrates.docx	2	Texto do artigo
	novembro	
	2024	

[Baixar Todos os Arquivos](#)

Discussão da pré-avaliação [Adicionar comentários](#)

Nome	De	Última resposta	Respostas	Fechado
▶ Comentários para o editor	lilanmorim 02-11-2024 02:05 PM	-	0	<input type="checkbox"/>

REPRESENTAÇÕES ESTUDANTIS SOBRE GÊNERO NOS CURSOS INTEGRADOS DA EPT

Artigo em processo de submissão: EDUCITEC, Manaus - Amazonas - Brasil.
Disponível em: <https://sistemascmc.ifam.edu.br/educitec/index.php/educitec>

[Educitec] Agradecimento pela submissão

De Educitec - Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico (Journal of Studies and Research on Technological Teaching / Revista de Estudios e Investigaciones en Enseñanza Tecnológica) <naoresponda.educitec@ifam.edu.br>

Data Ter, 10/12/2024 18:16

Para Lilian Morim Prates <lila.morim@hotmail.com>

Lilian Morim Prates,

Agradecemos a submissão do trabalho "Representações estudantis sobre gênero nos cursos integrados da EPT" para a revista Educitec - Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico. Acompanhe o progresso da sua submissão por meio da interface de administração do sistema, disponível em:

URL da submissão:

<https://sistemascmc.ifam.edu.br/educitec/index.php/educitec/authorDashboard/submission/2602>

Login: lilian-morim

Em caso de dúvidas, entre em contato via e-mail.

Agradecemos mais uma vez considerar nossa revista como meio de compartilhar seu trabalho.

Educitec - Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico (Journal of Studies and Research on Technological Teaching / Revista de Estudios e Investigaciones en Enseñanza Tecnológica)

Comissão Editorial

Revista Educitec

Educitec - Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico

← Back to Submissões

2602 / Morim Prates et al. / Representações estudantis sobre gênero no: [Biblioteca da Submissão](#)

Fluxo de Trabalho **Publicação**

Submissão **Avaliação** Edição de Texto Editoração

Arquivos da Submissão

Q Buscar

15378	Educitec Lilian.docx	3 dezembro 2024	Submissão inicial
15415	PORT_-_Declaracoes_relacionadas_a_autoria_-_Documentos_Google_%281%29.docx_assinado_%281%29_assinado_assinado (1).pdf	10 dezembro 2024	Declaração relacionada à autoria
15420	2602-Sem autoria.docx	13 dezembro 2024	Submissão inicial

[Baixar Todos os Arquivos](#)

Discussão da pré-avaliação

[Adicionar comentários](#)

Nome	De	Última resposta	Respostas	Fechado
Nenhum item				

CICLOS FORMATIVOS GÊNERO E FEMINISMO NA EPT: DISCUSSÕES NECESSÁRIAS

Artigo em processo de submissão: REVISTA ENSINO, EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS, Londrina - Paraná - Brasil. Disponível em: <https://revistaensinoeducacao.pgsscogna.com.br/ensino/about>

[Rev. Ensino] Agradecimento pela submissão

1 mensagem

Selma Ellwein via Portal de Periódicos Científicos da Cogna <naoresponda@pgsskroton.com> 16 de janeiro de 2025 às 11:10
 Responder a: Selma Ellwein <selma.elwein@platosedu.com.br>
 Para: Lilian Morim Prates <lila.morim79@gmail.com>

Lilian Morim Prates,

Agradecemos a submissão do trabalho "CICLOS FORMATIVOS GÊNERO E FEMINISMO NA EPT: DISCUSSÕES NECESSÁRIAS" para a revista Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas. Acompanhe o progresso da sua submissão por meio da interface de administração do sistema, disponível em:

URL da submissão: <https://revistaensinoeducacao.pgsscogna.com.br/ensino/authorDashboard/submission/13775>
 Login: lillamorim

Em caso de dúvidas, entre em contato via e-mail.

Agradecemos mais uma vez considerar nossa revista como meio de compartilhar seu trabalho.

Selma Ellwein
 Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas

Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas

##navigation.backTo##

13775 / Morim Prates et al. / CICLOS FORMATIVOS GÊNERO E FEMINISMO [Biblioteca da Submissão](#)

Fluxo de Trabalho **Publicação**

Submissão **Avaliação** Edição de Texto Editoração

Arquivos da Submissão [Q Buscar](#)

- 48392 ProdutoEduLilian (1).docx janeiro 16, 2025 Texto do artigo

[Baixar Todos os Arquivos](#)

Discussão da pré-avaliação [Adicionar comentários](#)

Nome	De	Última resposta	Respostas	Fechado
Nenhum item				